

EPISODIOS DA MINHA VIDA

(MEMORIAS)

bibRIA

ACTIVIDADES DE LECTURA

bibRIA



bibRIA

MAGALHÃES LIMA

EPISODIOS DA MINHA VIDA

MEMORIAS DOCUMENTADAS

COM

FOTOGRAFIAS E CARICATURAS

DE

RAFAEL BORDALO PINHEIRO,
MANUEL GUSTAVO BORDALO PINHEIRO
E
FRANCISCO VALENÇA



LIVRARIA UNIVERSAL
DE
ARMANDO J. TAVARES
28, CALÇADA DO COMBRO, 30
LISBOA

MEMORIAS DE DOCUMENTAR

EPISODIOS DE DOCUMENTAR

MEMORIAS DE DOCUMENTAR

MEMORIAS DE DOCUMENTAR

bibRIA

MEMORIAS DE DOCUMENTAR

ASSUNTOS PREVIOS
bibRIA

bibRIA

A MAGNA CARTA

Invocando o divino Hugo

«As monarquias, como as tuteladas, têm a sua razão de ser, em quanto o povo é menor. Chegado a uma certa idade o povo sente-se com forças para andar por si próprio. Uma república é uma nação que se declara maior. A revolução francesa é uma civilização emancipada. Estas verdades são simples. Crescer é uma libertação. Essa libertação de ninguém depende, nem de nós. De ninguém depende atingir a idade de 21 anos. O povo francês é maior. Modificar a sua constituição é possível, mudar a sua idade, não. Pô-lo de novo em monarquia seria pô-lo de novo em tutela. Está já muito crescido para isso.

Renunciem pois a quimeras, aceitem a civilização. A civilização é a república. Aceitêmo-la para nós. Desejê-mo-la para os outros povos, na plena posse de si mesmos».

A MADAM CARLA

agosto 1988

bibRIA

GLÓRIA AO MESTRE

Mais honra do que honras

Dedico este livro á memória de Teofilo Braga. Cumpro, ao mesmo tempo, um dever e uma devoção. Incompreendido e calüniado em vida, a sua immortalidade começou no dia da sua morte. Mais do que uma glorificação, este modesto preito representa um agradecimento enternecido ao Mestre amado a quem tanto devo.

Companheiro de Latino Coelho, de Oliveira Marreca, de Rodrigues de Freitas, de José Falcão, de Alves da Veiga, de Elias Garcia, de Manuel de Arriaga, de Sousa Brandão, destaco propositadamente o nome de Teofilo, porque simbolizou, para mim, a superioridade moral, pela sua coerência, nunca quebrada, pelo seu amôr aos principios e pela noção de justiça que caracterizou o seu nobre character. Foi um revoltado. São revoltados todos os que têm o anseio de um mundo melhor, mais justo, mais perfeito e mais humano.

Tinha-me matriculado no meu primeiro ano de direito, quando êle foi ao concurso para professor na Universidade. Foi então que o conheci, e logo tive o desassombro de lhe dizer que não seria apro-



vado pela maioria dos seus examinadores. A Rotina é incompatível com a Revolução.

Trabalhei ao seu lado na comissão do tricentenário de Camões. Foi a maior manifestação cívica que se realizou em Portugal. Teofilo previra, como um sábio que era, o resultado dessa celebração. Tudo se transformou como por encanto. Começou a falar-se na nossa epopeia, o que não se fazia até aí. Reviveu o esforço da Raça e com êle apareceu o resurgimento da nacionalidade. Data de então a organização da Democracia portuguesa. A essa revivescência nacional se deveu, em 1910, a proclamação da Republica.

Após cinquenta e tantos anos de propaganda, tive a incomparavel honra de sêr apresentado candidato á presidencia da Republica pela maior figura do regime. É a mais bela pagina da minha vida. O sêr eleito era o menos. O que importava era o brasão que me conferiu Teofilo, superior a todos os cargos e a todas as honrarias que podesse ter recebido do Estado. Foi uma verdadeira consagração popular, uma justa compensação ás amarguras sofridas. Com o povo e para o povo tenho vivido. Teofilo não me esqueceu. Interpretava assim o sentimento popular. Neste culto a Teofilo pretendo consubstanciar a minha gratidão para com o povo. E, como essa distinção é o meu maior titulo de gloria, hão de os leitores permitir-me a imoestia de deixar arquivados os dois diplomas seguintes, como prefacio a este livro.

Representação ao Congresso, sugerindo a candidatura do Dr. Sebastião de Magalhães Lima á Presidencia da Repú- blica.

Ex.^{mo} Sr. Presidente do Congresso da República

Em 1904 publicou-se a *Consagração* onde escritores e artistas, jornalistas, políticos eminentes de todos os partidos, homens de sciência, advogados, medicos, militares, industriais e comerciantes, prestaram homenagem ao Dr. Sebastião de Magalhães Lima. Aí, entre os principais representantes do pensamento moderno em Portugal, fulgem os nomes das altas individualidades européas, reconhecendo em Magalhães Lima o seu par nesta luta de emancipação da consciencia e da libertação social. Esse homem *tem vivido para os outros mais do que para si*, convertendo toda a sua existência em um ardente apostolado, realizando perfeitamente aquela nobre frase de Mazzini.

E' facil fazer um escôrço animado da sua individualidade tão complexa pelo temperamento proselitico, pelo carácter intemerato, pela sentimentalidade que o determina, pelo fundo de imensa bondade em que equilibra a sua acção suggestiva. Acentuemos duas feições do seu carácter: a sentimentalidade tão preponderante no genio brasileiro, que se revela no lirismo dos seus poetas e na empolgante ardentia dos seus oradores; e tambem esse tino pratico de absoluta honradez com que nas lutas da vida soube manter a propria independencia pelo seu equilibrio económico. Na vida de familia, em Aveiro, teve a orientação inicial, que o levou para a democracia, como aspiração que se definiria na sua evolução politica. No estudo de Direito, libertou-se da boçalidade da sebenta catedrática apoderando-se dos livros

que revelavam as doutrinas socialistas e os grandes problemas políticos e moraes que agitavam a Europa. Já o seu poder de eloquência tribunicia se manifestava nessa agitação ruidosa da mocidade de Coimbra, e tão fulgurante era, que José Falcão o indicou para saudar Emilio Castelar, em nome de lentes e de estudantes, quando o maior orador da Espanha visitou a Universidade em 1874. Encetando a advocacia, tinha uma vasta arena para os triunfos demóstrnicos, sobretudo como advogado criminalista. Mas outros amores o absorveram: o Jornalismo. Nesse campo, onde podia terçar armas pelo seu ideal politico, brilhavam jornalistas como Mariano de Carvalho, Emidio Navarro, António Enes e Osório de Vasconcelos. Entre essa falange Magalhães Lima manteve-se á altura, criando *O Seculo* e depois *A Vanguarda*, sempre digno, afrontando as iníquas penalidades da lei de imprensa applicadas pelos facciosos juizes da Boa-Hora!

Como se não bastasse a actividade esgotante do jornalismo, a sua palavra calorosa deu alma aos comícios republicanos e fêz o cooperador do Centenário de Camões, do Centenário de Pombal e do Centenário do Descobrimento da Índia. Os ataques da imprensa estrangeira contra Portugal fizeram-lhe compreender a necessidade duma reivindicção do nosso crédito neste meio hostile. Aproveitando congressos internacionais em Roma, Paris, Berlim e Londres, af defendeu o prestígio de Portugal. Por isso já o caracterizaram como o diplomata da Democracia Portuguesa. Foi quando da ditadura de João Franco surgiu uma corrente de descrédito, fomentada pelo ditador nos jornais estrangeiros para justificar os átos do seu delirio politico. E' um dos introdutores das ideias pacifistas em Portugal, e o primeiro que proclamou e deu disciplina á aspiração feminista. Apesar de não terem passado impunemente os anos sobre tão laboriosa existência, o seu espirito, pela noenergia, mantem-se vigoroso, animado pela indefectivel esperança no futuro da pátria e da humanidade; e nisto é orgánicamente um verdadeiro português.

Magalhães Lima nunca recebeu benesses do Estado nem aceitou cargos públicos remunerados. Tampouco se emiscuiu na finança ou em empresas comerciais ou industriais. É um apóstolo da democracia pura, da confraternização dos povos. Considerado no estrangeiro como nenhum outro português, éle goza no presente momento de tamanha honra. Honra que abrange todos os portugueses, qualquer que seja o seu ideal politico.

Aproxima-se a eleição do supremo magistrado da República Portuguesa. Um grupo de portugueses vem sugerir ao Congresso o nome de Sabastião de Magalhães Lima, que se impõe como nenhum outro cidadão por todo o seu passado honesto e pelo grande prestígio que conquistou e têm além fronteiras.

Um dos homens mais prestigiosos da República Portuguesa, que lhe deu as bases legais da sua fundação, — o dr. Afonso Costa, — a propósito da apresentação da candidatura do Dr. Magalhães Lima á presidencia do regime, escreveu:

«Tenho a maior estima e admiração por esse grande vulto da República, cujos serviços á Patria e ás Instituições são verdadeiramente excepcionaes e merecem o reconhecimento da Nação e do Estado.»

Saude e Fraternidade

O PRESIDENTE DA COMISSÃO

Theophilo Braga.

VOGAES

Alexandre Ferreira.

Fernão Botto Machado.

Esta representação foi entregue ao Presidente do Congresso, sr. Antonio Xavier Correia Barreto, na tarde de 8 de Junho, pelos dois vogais da Comissão.

Carta de Magalhães Lima

Em cinco de Agosto o sr. dr. Teofilo Braga recebeu do seu candidato uma carta de agradecimento, na qual o velho democrata afirma os seus principios liberais e indefectivel fé republicana. Eis a epistola publicada nos jornais do dia immediato :

Meu querido Amigo e Mestre

Comovidamente lhe agradeço a indicação que fez do meu nome para candidato á Presidencia da República.

Os meus principios de filosofia politica, decerto um pouco radicais, evidentemente excedem a orientação dada á República, que nem é a dos insignes enciclopedistas de 89, nem a dos grandes homens de 48, nem sequer a que lhe imprimimos em 5 de Outubro de 1910.

Mas o ter sido indigitado para a primeira magistratura do País pelo Mestre amado; a verdadeira consagração que me tributou a imprensa estrangeira, e a manifestação calorosa com que me distinguiu o povo português, rica massa de ouro e unica garantia do regime republicano, ficarão como um documento claro, afirmativo e eloquente da minha carreira politica, e como um diploma de honra, que é a corôa harmonica da minha coerência e da minha isenção em mais de cincoenta anos de combate pela Verdade e pela Justiça.

Poucos se poderão gabar de igual titulo honorifico e de tamanha fortuna.

Julgando-me inteiramente satisfeito com tão carinhosas demonstrações de apreço, peço-lhe, querido Mestre e Amigo, que receba os protestos do meu mais profundo e inolvidavel reconhecimento.

Agosto de 1923.

Magalhães Lima.

Palavras de Teofilo após a eleição

Derrotado Francisco I por Carlos V na batalha de Pavia, disse: — «Tudo está perdido menos a honra.» Isto podemos repetir hoje a Magalhães Lima ante o escalavro da votação presidencial.

Ganhou a partida reconhecendo a versatilidade com que, aplaudido pela totalidade da nação e dos elementos mais cultos da civilização europêa, se vê assim arrojado violentamente ao ostracismo. A sua honra intemerata e inquebrantavel tornou-se hoje ainda um apoio das consciências puras.

Todas as suas qualidades proclamadas na Europa careciam da autenticação definitiva da voz da história. Por esta explicamos o sentido grandioso do seu ostracismo.

A república de Atenas para garantir a sua independencia adótou o processo de exilar os homens mais cultos, mais prestantes, e de mais poder de opinião publica, por meio duma votação plebiscitária, em que o nome do cidadão era inscrito em uma casca de ostra. Conta-se que Aristides, cidadão illustre de Atenas pelo saber, pela acção conciliadora, pelo prestigio de simpatia geral, indo a passar pela praça, chegou-se a êle um homem rude e simples pedindo-lhe o favor de escrever na casca que lhe apresentou o nome de Aristides. Satisfez-lhe imediatamente o illustre ateniense o desejo, perguntando-lhe porque votava o exilio de tal individuo. O homem rude respondeu-lhe: —Esse cidadão,

pelo seu integro character e seus serviços á patria, pelo desinteresse do seu porte, pelo poder de concordia que possui, é um homem perigoso por que pode captar todas as opiniões num momento.

Nunca tinhamos compreendido o significado do *Ostracismo*. Hoje essas cento e noventa listas pa-nurgicamente lançadas na urna mostram o sentido dessa abstenção que é a forma moderna do *Ostracismo*.

Theophilo Braga

Conta-se que Lecomte de Lisle, tendo apresentado a sua candidatura á Academia Franceza, só logrou obter um voto—o de Victor Hugo.

O brilhante poeta, longe de succumbir, exclamou radiante :

— Estou eleito.

Com a apresentação de Teofilo, poderia, por meu turno, tambem considerar-me eleito...

Meu caro Magalhães, repetiu-me êle várias vezes, não podemos nem devemos deixar passar á história individuos que nem moral nem intellectualmente o merecem.

Se me tivesse legado qualquer coisa no seu testamento, não a podia apreciar nem tanto nem mais do que aprecio esta recomendação, que me ficou realmente como herança, tanto mais que os factos desenrolados dentro do regime vieram confirmar aquela previsão. Com esta noção moral, que me ficou bem gravada em bronze no meu espirito, abro as minhas memorias, que poderão servir de lição a vindouros para lhes evitar os defeitos do passado.

Já cego, o Mestre dizia: «Vejo agora como nunca vi. Faço um balanço retrospectivo e vejo através do meu ideal. A velhice não é uma decadencia: é uma sublimação.»

Póde bem dizer-se que o sabio professor foi para Portugal o que Diderot foi para a França. Diderot foi o precursor da grande revolução franceza. Foram os enciclopedistas que prepararam a consciencia revolucionaria de 89. Teofilo Braga, com o seu enciclopedismo, foi o melhor cooperador do movimento republicano em Portugal.

Porque foi Teofilo Braga uma verdadeira figura mundial?—Por se ter integrado na obra de Camões, a mais alta e viva encarnação da raça e da Patria; porque foi a personificação duma nacionalidade e duma civilização; porque se identificou

com a verdade, com o direito e com a justiça; porque, à maneira de Kant, fez da moral a base da sociedade política. A evolução científica é na sua essência uma evolução moral.

O eminente filosofo, como os italianos fizeram com o divino Dante, tornou Camões oráculo da Patria. Esta compreensão revela, por si só, o espirito duma civilização. Ele morreu quando preparava a celebração do centenario do nascimento de Camões. Se o primeiro, o da morte do Poeta, nos havia dado a proclamação da República, esperava que o segundo nos traria a sua definitiva consolidação.

bibRIA

Teofilo Braga era um inimigo das condecorações por as achar ridiculas. Estava eu em sua casa num dia em que celebrava o seu aniversario natalicio. O ministro da Instrução, julgando que lhe prestava homenagem, quiz condecoral-o com a Grã-Cruz de Santiago.

— Supõe-me capaz de envergar uma opa para acompanhar uma procissão? — Pois o caso é o mesmo — rematou.

bibRIA

HOJE COMO ONTEM, AMANHÃ COMO SEMPRE

*«Marchez, l'humanité ne vit pas d'une idée,
Elle en allume une autre à l'éternel flambeau.»*

Coerência

As notas, que constituem as minhas *Memorias*, podem considerar-se um testamento politico. São um documento da minha passagem pela terra. Alguns episodios são paginas vividas que poderão contribuir para a *História do partido republicano em Portugal*.

Amei a vida e a liberdade com igual fervôr. Poucos viveram tão intensamente como eu, porque poucos tambem amaram tanto a vida. O que deixo escrito são fragmentos da minha alma. Ao despedir-me do mundo, posso bem dizer que vivi para o ideal. Durante a monarquia teria ascendido a altos cargos, se o tivesse querido. Nada me deslumbrou nem me seduziu. Conservei, durante a existencia, a mesma simplicidade dos primeiros tempos. Uma coisa me interessou principalmente: a sorte dos pequenos, dos humildes e dos desamparados, a sorte do povo, enfim, no seio do qual encontrei a bondade e a beleza moral. A essa digna e alta noção moral, circunscrevi, com efeito, as

minhas aspirações terrestres, podendo exclamar, como Pericles, depois da segunda derrota do Peloponeso, voltado para o seu batalhão sagrado:

Se alguém mudou não fui eu!

Assim como pensei sempre que o culto dos homens só pode gerar escravos e nunca cidadãos livres, como sucede com o culto das ideias, assim também, durante a minha propaganda, no tempo da monarquia, me limitei a defender principios. As pessoas eram para mim secundarias. O que combati foi o espirito das instituições, que repugnava á minha razão e á minha dignidade.

Atirar para o monte! era a frase do velho panfletario do *Espectro*, Antonio Rodrigues Sampaio. Pois bem! Eu segui-lhe os processos. Por isso, nunca fui obrigado a quebrar relações pessoas com os meus adversarios políticos. Eles representavam para mim um regime vicioso e arcaico. Eram as instituições que eu atacava e não os homens, alguns dos quaes me mereciam particular estima.

A Fontes Pereira de Melo, a José Dias Ferreira, a José Luciano de Castro, devi provas de especial consideração pessoal. Nunca fui um jacobino, com quanto mo tivessem chamado algumas vezes, embora pense que, perante a Reacção, o jacobinismo se impõe. *A la guerre comme à la guerre!* A leitura da *Historia dos Girondinos*, de Lamartine, provocou no meu espirito, uma grande simpatia por esses denodados paladinos, que tinham o horror da violencia. Os dirigentes monarchicos fizeram-me jus-

tiça, o que nem sempre me tem sucedido na Republica.

Não fui um escorraçado da monarquia, um despeitado. Ao contrario, podia dentro dela ter gozado uma alta situação. O socialismo atraiu-me, por isso mesmo que era republicano, por temperamento e por feitio. O amor da ideia poude mais do que a consideração dos individuos. Ha quem entenda que não valeu a pena o esforço da propaganda. Eu mantenho-me o mesmo otimista incorrigivel de sempre. Se alguns dos meus companheiros faliram, é certo que não faliu o ideal a que me votei e que, atravez da confusão que domina o mundo, se esboça como a grande realidade de amanhã.

BIBRIA

bibRIA

OS FIEIS

Pediram-me ha tempo uns apontamentos para uma biografia. A lapis, escrevi, á margem do pedido : «Sou um homem que ama o trabalho no isolamento, sem odios, nem paixões, nem interesses ; um homem que, tendo por objectivo a Verdade e a Justiça, espera e confia».

Amei sempre a vida intensamente. Daí deriva o segredo da minha juventude espiritual. A própria morte é um fenomeno da vida. Resumi a minha existência numa aspiração constante de beleza moral. Diz um proverbio que viveu aquele que plantou uma arvore, durante a sua peregrinação pela terra. Foi á sombra da minha arvore que me mantive fiel e coêrente — fiel aos meus companheiros e coêrente com os meus principios.

Invoco a memoria dos que caíram na estacada ; invoco a solidariedade dos que nunca se venderam, dos que nunca trocaram o ideal por um prato de lentilhas.

A falange vai rareando. Já não são muitos os fieis. Mas são bastantes para combater as ambições dos mercantis.

Fieis são os que afrontaram estoicamente o perigo, sem lhe temer as consequencias ; fieis são os que, com os olhos postos no firmamento azul, marcham á conquista de uma sociedade melhor, mais justa e mais humana ; fieis são os que vão subindo

a aspera montanha, sem tibiezas nem vacilações; fieis são os que não se vergam ao mito dos potentados; fieis são os que, em qualquer circunstancia, não faltaram nunca ao cumprimento do dever; fieis são os que possuem o espirito de renuncia, e que não trocam a sua isenção por comodidades faceis e efemerias; fieis são aqueles que, como Luiza Michel, deportada, em viagem para a Nova Caledonia, depois da Comuna, descalçou os sapatos para favorecer aqueles que tinham os pés feridos, impossibilitados de andar.

Pertenci a uma geração em que a abnegação sobrelevava a qualquer mesquinho interesse material. Foi a geração dos Oliveira Marreca, dos Elias Garcia, dos Lafino Coelho, dos Rodrigues de Freitas, dos Teofilo Braga, dos José Falcão, dos João Bonança, dos Carrilho Videira, e de tantos outros em Portugal, e dos Benoit Malon, dos Amilcãre Cipriani, dos Kropotkine, dos Ferrer e de tantos outros no estrangeiro.

Citarei dois prototipos da abnegação: Elias Garcia e França Borges. Com o primeiro deu-se um facto que revela bem o seu desinteresse. Estavamos um sabado, á noite, na redacção da *Democracia*, o nosso orgão. Não havia dinheiro para pagar as férias ao pessoal tipografico. Era o fim do mez e Elias Garcia havia recebido os seus honorarios de professor da Escola do Exercito. Tudo entregou ao chefe da tipografia, sem saber como pagar o jantar do dia seguinte.

França Borges —ninguem o ignora — muitas vezes teve de empenhar o relógio, para pagar ao pessoal do *Mundo*.

Os fieis são os que lutaram e sofreram pelo ideal sagrado, que o honraram e prestigiaram. Os fieis são os que nunca abandonei e nunca me abandonaram, os que nunca me mentiram e a quem não menti, nem atraíçoei. Os fieis encontrei-os no povo por quem tenho vivido e para quem vivo. Os fieis são aqueles que, no meio da descrença geral, nunca perderam a fé. Os fieis são aqueles que votam aos desvarios dos homens o desprezo que merecem, e á grandeza dos principios o amor e a devoção a que teem direito. Os fieis são os que se mantem no seu posto, firmes, impolutos, alheios e acima das paixões, fortes e dignos, invenciveis pela consciencia e inquebrantaveis pela vontade indomavel.

Os fieis são os que lutam e persistem. São os que vivem a vida espiritual sem a qual não ha homens nem regimes que valham. Não ha fardo mais pesado do que existir e não viver. Vivamos pois, a vida alta do espirito, a vida dos fieis. Tudo o mais é pó da estrada.

bibRIA

A MINHA ORIGEM BRASILEIRA E SUA INFLUENCIA NA MINHA VIDA

Tendo nascido no Rio de Janeiro, na Rua Direita, que por sinal é bem torta, considero um dever, ou, melhor ainda, uma devoção, dirigir umas palavras de amor á poderosa República nossa irmã. Meu avô Guilherme Pinto de Magalhães, que foi presidente da direcção do «Banco Hipotecario», possuía uma linda casa na Ilha de Paquetá. Mal eu podia, porém, imaginar que dessa casa onde brinquei na minha infancia, e onde êle recebeu com todas as honras o imperador D. Pedro, havia de guardar apenas a recordação. Porque a verdade é que, sendo estudante, mantive as melhores relações com todos os republicanos brasileiros. O contraste é flagrante. Mas as circumstancias explicam bem os factos ocorridos.

Entre os propagandistas do meu tempo destacavam-se as raiosas figuras de Rangel Pestana, de Benjamin Constant, de Quintino Bucayuva, de Campos Sales, de Lopes Trovão, de Silva Jardim, de José do Patrocínio, de Saldanha Marinho e de outros.

Rangel Pestana era como que o patriarca da futura República, gozando duma grande autoridade moral e mental. Dirigia a *Provincia de S. Paulo*, em cuja cidade havia nascido. A sua influencia foi decisiva na geração do seu tempo. Coisa curiosa!

Rangel Pestana era um livre pensador. Os republicanos eram-no quasi todos. Mas, depois de proclamada a República, como que se operou uma transformação nos espiritos. Uma nuvem de religiosidade envolveu as almas e a verdade é que o livre pensamento ocupa hoje no Brasil um lugar secundario.

Benjamin Constant foi para o seu país o que o Dr. Teofilo Braga foi para Portugal. Positivista, chefe do positivismo brasileiro, a sua orientação, como ministro da guerra do governo provisório, refletiu-se nos primeiros actos da República, proclamada em 15 de Novembro de 1889. A divisa da propria bandeira: *ordem e progresso*, ainda foi uma inspiração d'ele. Sem contestação pôde bem dizer-se que Benjamin Constant e Quintino Bucayuva, o principe dos jornalistas fluminenses, preponderaram grandemente na proclamação da República. Os dois maiores tribunos dêsse tempo foram Lopes Trovão e Silva Jardim, dois audaciosos e dois temperamentos de revoltados. Lopes Trovão ofereceu-me impresso e repetiu-me de viva voz um discurso famoso em que procurava esmagar uma calúnia de que fôra vítima: convida o calúniador a ir a sua casa e depois de lhe mostrar todas as divisões, o seu gabinete de trabalho com os seus livros predilectos, o seu quarto de dormir higienico e cheio de luz, a sua cosinha onde tudo revelava aceio, condu-lo por fim á latrina, exclamando: — «é este o teu lugar; aqui ficarás; por este buraco te vais su-

mir como imundo que és». Póde imaginar-se o êxito que obteve esta formidavel catilinaria.

Lopes Trovão esteve em Lisboa e assistiu a um comicio, que se realizou numa cervejaria da rua de S. Marçal, presidido por Trigueiros de Martel. Convidado para falar, declinou a honra do convite, alegando a sua qualidade de estrangeiro, o que não impediu que fosse alvo de uma grande ovação. Depois encontrei-o em Paris, fazendo o curso de Direito, êle que já era medico, e em relações amistositas com Benoit Malon e Augusto Vacquerie. A sua casa era um ponto de reunião de brasileiros e portugueses residentes em Paris, que êle dominava com o seu talento e a sua bondade.

Com Silva Jardim deu-se um caso interessante. Eu não estava em Lisboa por ocasião da sua passagem. Ambos tinhamos vontade de nos abraçar. Sucedeu, porém, que, quando cheguei de Paris com esse intuito, êle tinha partido para Italia, havendo-me deixado uma carta em que me pedia para o esperar e para não o obrigar a vir a Lisboa expressamente. Qual não foi porém, a minha dolorosa surpresa, quando uma manhã Xavier de Carvalho me trouxe a tragica noticia de haver caído no Vesuvio o grande e malgrado agitador brasileiro. Esta verdadeira tragedia impressionou profundamente os seus proprios adversarios.

José do Patrocínio e Joaquim Nabuco foram os dois famosos demolidores da escravatura no Brasil. Ambos visitaram Lisboa. Uma noite convidei o pri-

meiro para assistir comigo a uma reunião que se realizava no «Clube Pinto Ribeiro», a Alfama. Foi um sucesso. A assembleia, que o ovacionou, nunca esqueceu a sua frase impressionante: — «que dirieis vós se fosseis, como eu, filho de uma escrava?!»

Joaquim Nabuco assistiu a uma sessão parlamentar, e nessa ocasião levantou-se o brilhante orador, Antonio Candido, para o saudar num improviso que arrebatou a Camara.

Rafael Bordalo Pinheiro, o insigne caricaturista consagrou com o mesmo enternecimento José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Lopes Trovão e Saldanha Marinho, que foi o chefe da democracia brasileira no parlamento. Conservo dêle os notáveis discursos, que pelo seu punho me foram oferecidos com carinhosa dedicatória. Os relativos ao registo civil foram perfeitos e o seu eco em Portugal foi completo.

Com José do Patrocínio tive ocasião de me encontrar em Paris, acompanhado pelo seu colaborador e luminoso poeta Olavo Bilac. Foi numa época em que se celebrava em banquetes e em sessões a federação latina, e ambos estes ilustres brasileiros honravam as manifestações, provocando a apoteose do Brasil. Depois acompanhei José do Patrocínio numa longa viagem através da Austria e da Alemanha, ouvindo a cada passo os seus comentários scintilantes, como scintilante era também o seu espirito. Tudo nêle me encantava.

Todos se lembram ainda da passagem do pau-

lista, Campos Sales, por Lisboa, que com Rui Barbosa, o eminente financeiro, tinha feito parte do Governo Provisorio. Tanto no banquete do «Hotel Continental», em Paris, e foi grandioso, como no da «Sociedade de Geografia de Lisboa», tive ocasião de glorificar o ilustre homem de Estado, que tantas provas deu do seu amor a Portugal.

Assis Brasil não pertenceu á pleiade dos primitivos propagandistas, mas foi um republicano de sempre. Quando se deu um incidente diplomatico entre Portugal e o Brasil, foi Assis Brasil o plenipotenciario escolhido para vir representar o seu país no acto da reconciliação. E fê-lo com uma galhardia, que comoveu sinceramente todos os portugueses. Não podia sêr mais acertada a escolha. Assis Brasil reunia, num conjunto harmonico, as mais notaveis qualidades morais, uma grande elevação intellectual e um estudo aturado dos homens e das coisas. Antes de sêr nomeado ministro plenipotenciario em Lisboa acompanhara-me de Paris a Madrid, onde passámos alguns dias em deliciosa confraternização. Êle era federalista e attribuia toda a prosperidade do Brasil á constituição federal. Sob a sua sugestão, foi-me dado o incomparavel prazer de escrever e publicar um estudo sobre o federalismo no Brasil. Em Madrid a sua principal preocupação era conhecer Pi y Margal, o chefe do federalismo espanhol.

Essa natural aspiração foi inteiramente satisfeita. E não só estreitou relações intimas com o

autor das *Nacionalidades*, senão também com Salmeron, Rafael de Labra e outras personalidades. Assis Brasil tinha porém, um outro desejo: era conhecer pessoalmente o celebre espada Mazantini, que foi para êle duma amabilidade cativante, indo busca-lo quasi diariamente para visitar as suas *ganaderias*. Nas propriedades que o illustre brasileiro possuía, no Rio Grande do Sul, entregava-se muito á criação de gado cavalari e bovino.

Observei que o meu dilecto companheiro de viagem era prodigo em gastar *pesetas* e comentei o caso em tom affectuoso: — «Não faço economias de *pesetas*, exclamou êle».

— Mas os *duros* compõem-se de *pesetas*, respondi eu, com o que êle foi obrigado a concordar tacitamente.

Ainda num grande banquete, que lhe foi oferecido no Teatro de S. Carlos, em que também orou Antonio Candido, eu tive ocasião de recordar desvanecidamente as minhas intimas relações com Assis Brasil, e como num certo dia, em viagem, eu lhe profetizára que o havia de vêr ministro em Portugal.

Convidado pelo illustre professor e senador, Lauro Sodré, a visitar o Brasil, por ocasião da minha investidura no grão-mestrado da maçonaria portuguesa, lamento hoje profundamente não haver acedido ao convite, que foi depois renovado por Nilo Peçanha. Teria sido para mim uma verdadeira ressurreição, e, á semelhança dum cego que tivesse

recuperado a vista, avivaria as recordações de infância, e ter-me-ia sido dado o raro prazer espiritual de estreitar relações com alguns notáveis brasileiros, que já conhecia pessoalmente e que tanto admirava.

Foi embalado pela canção brasileira, que pronunciei as primeiras sílabas em terra brasileira. Essas impressões, profundas e intensas, não se esquecem através da vida, por mais brilhante que ela possa ter sido. Nenhum português poderá, como eu, avaliar o que representa o sentimento da confraternização luso-brasileira, e nenhum poderá sentir igual emoção quando se trata do grande, do imenso Brasil, onde Portugal tem uma das mais fortes garantias de imortalidade.

biblioteca

bibRIA

O MEU IDEALISMO

Todo o apóstolo tem o seu Calvário. Eloquentemente o prova a lenda do suplício da cruz.

Para se amar uma Causa é preciso haver sofrido por ela. O apóstolo não é apenas o homem de fé, que sente o fogo sagrado a abrasar-lhe o peito: é também todo aquele, que não conhece nem dificuldades, nem perigos, nem sacrifícios para servir o seu ideal.

Apóstolo é sinónimo de mártir. Por isso me comprazia, na minha mocidade, a contemplar os retratos daqueles que considerava bemfeitores da Humanidade, emoldurando-os condignamente, e perfumando-os com flores viçosas.

Frequentava eu o collegio, quando, aos doze anos de idade, senti os primeiros impulsos de revolta. Jaime Batalha Reis, meu companheiro no internato, lia assiduamente Alexandre Dumas, Pai, com quem aprendeu muito, segundo a sua propria confissão. Eu lia avidamente Shakespeare, Schiller, Goethe, e a classica *Messiada* de Klopstock, da qual cheguei a esboçar uma palida tradução. Com Francisco Simões Margiochi fundei um pequeno jornal mensal *Ensaios Literarios*, onde publiquei traduções do famoso escritor inglês.

A leitura destes autores despertou as minhas qualidades eticas. Comecei a idealizar o amor, que se traduzia para mim num sentimento de bondade e

de justiça. Revoltava-me contra tudo que era cruel, arbitrário e injusto. Não podia vêr maltratar os animais. Já então considerava o direito á vida como o primeiro de todos os direitos, do qual os outros derivam logicamente — o direito á alimentação, o direito á instrução, o direito ao vestuário, e até o direito á alegria. Considerava a vida inviolável e sagrada, desde o mais insignificante insecto até ao homem.

E comecei a sonhar, a sonhar, a sonhar...

Com que infinita ternura eu admirava o crescimento das arvores; com que meiguice aspirava o perfume das flores; com que emoção seguia o vôo das aves no espaço! Era panteísta sem de tal me aperceber. A natureza, nos seus três aspectos — o mar, a montanha, a floresta — atraía-me, seduzia-me, embriagava-me. Seria esta modalidade um resultado da leitura dos meus livros predilectos? — Não o posso afirmar. O que verifico hoje é que havia em mim uma alma em preparação.

Corria o ano de 1863, tinha eu 13 anos de idade, e acabava de fazer os meus primeiros exames, incluindo os de linguas, quando o meu espirito começou a desabrochar para os grandes ideais.

O *Fausto* de Goethe exercera em mim grande influência. Por êle aprendi a idealizar e a amar a vida nas suas manifestações de bondade, de justiça e de beleza, — a beleza física e a beleza moral. De aí me veio o culto da arte grega, que, ao contrario dos egípcios, curvados perante a morte, divinizava a vida nos seus mais radiosos aspectos.

A minha mocidade espiritual, os meus entusiasmos, as minhas ingenuidades, poderei mesmo dizer, derivam dêsse primeiro banho de luz em que a vida se me apresentou como digna de sêr vivida. Desta concepção resultaram mais tarde as minhas aspirações sociais, reforçadas pelas leituras de Proudhon, de Michelet, de Edgar Quinet, de Victor Hugo, etc. Lembro-me de que devorei os *Miseraveis*, do divino mestre, com a mesma ansia com que havia devorado os romances de Eugenio Sue.

Mas, foi na escola proudhoniana, que eduquei o meu espirito e fixei a minha orientação democratica. O sentimentalismo dos primeiros tempos cedeu o lugar á razão, que me tornou republicano-socialista e livre pensador. Para isso haviam tambem contribuido, durante os meus estudos preparatorios, as obras de Luís Büchner, *Força e Materia*, e a *Defeza do racionalismo*, do celebre matematico, Pedro de Amorim Viana.

A revolução de 1848, em França, foi a mais cosmopolita de todas as revoluções. Devemos-lhe o sufragio universal. Os nomes de Lamartine e de Luís Blanc, o fundador dos *ateliers nacionais*, estão na memoria de todos.

A minha geração provinha em linha recta da chamada geração de 48.

Disse-me Elias Garcia: «no dia em que fracassou a revolução de 48, houve alguém que chorou em Portugal, e esse alguém fui eu».

Sousa Brandão, o honrado engenheiro, suges-

tionado pelas ideas dos reformadores Fourier, Saint-Simon, Robert Owen, organizou uma cooperativa de produção — Industria Social — que tem ainda a sua sede na Rua 24 de Julho.

Em 1851, Henriques Nogueira, o verdadeiro fundador das doutrinas republicanas em Portugal, publicou o seu pequeno evangelho democratico *A Reforma*. Antes disso formou-se, em 1848, o triunvirato republicano, composto por Oliveira Marreca, José Estevam Coelho de Magalhães e Antonio Rodrigues Sampaio.

Casal Ribeiro e Lobo de Avila, depois feitos condes, ao tempo estudantes, foram a Paris saudar, em nome da Academia de Coimbra, a segunda república franceza de que foi um reflexo o movimento liberal de 1820, movimento europeu, relampago da grande revolução franceza.

O apostolado tornou-se para mim uma necessidade animica. Com que ansiedade acompanhei os brilhantes combatentes da ultima metade do seculo XIX! Mazzini e Garibaldi na Italia; Salmeron, Pi y Margal e Castelar na Espanha; Kossuth na Hungria; Victor Hugo e Gambeta em França; Gladstone em Inglaterra; Parnell na Irlanda; toda essa pleiade de amigos da Liberdade constituiram para mim simbolos augustos. Eram santos da minha devoção. O dia em que, pela primeira vez, visitei Victor Hugo representou para o meu espirito uma data historica. Aprendi mais nas minhas viagens e no convivio dos mestres amados do que no meu

curso universitario. Foi assim que eduquei o meu espirito e formei o meu character. Toda a minha psicologia se fundamentou numa ansia de liberdade, que amo apaixonadamente, consubstanciando-a nas figuras mundiais, que a representam.

A nossa sociedade, feita de egoismo, de vaidade e de mercantilismo, não comprehende os idealistas. Para os homens, que teem por exclusivo culto o dinheiro, são criaturas inuteis. E no entanto, aos idealistas se deve a beleza, que nos trouxe a civilização.

O meu unico objectivo foi manter sempre integra a unidade moral da minha existência. E foi no exemplo dos chamados visionarios, que me inspirei, aprendendo com êles a amar a democracia, e a têr confiança no meu proprio destino, como primeira força moral, e nos destinos da minha raça, da minha Patria e da Humanidade.

Á maneira de Giordano Bruno, creio na ciência, como unico poder espiritual; creio no trabalho, como unico poder temporal; creio no progresso, como lei da evolução humana; creio na democracia, em sua marcha ascensional e civilizadora, como finalidade historica.

Creio e confio num futuro melhor.

Sofri perseguições, que foram mais de uma vez até á prisão, calúnias dos adversarios, e, por vezes, injustiças dos proprios correligionarios. Nada, porém, logrou perturbar o meu espirito, ou desviar-me do meu intuito; segui o meu caminho em

linha recta, sem olhar para trás, nem para os lados. No culto do meu ideal encontrei compensação e confôrto para todas as contrariedades. No amôr dos principios alcancei a fortaleza constante e indispensavel para seguir a minha róta altivamente.

Poderei sêr apreciado de maneiras diversas, segundo critérios varios, mas a minha consciencia assegura-me, com orgulho, que a República não foi para mim um pretexto para adquirir riquezas, nem honrarias, mas apenas o objectivo de bem servir as ideas, que abracei, desde muito novo, e que toda a vida defendi, com entusiasmo, convicção e coerência.

Se os homens faliram, a República não foi apeada do seu pedestal. São os imponderaveis que governam o mundo. Por isso morrerei intransigentemente e impenitentemente idealista.

O que seriam as sociedades sem os idealistas, que as iluminam com o seu espirito e as aquecem com a sua fé e com o seu entusiasmo?

OS PRECURSORES

Está por escrever a historia do Partido Republicano Português. Os novos ignoram-na. Torna-se indispensavel revive-la como lição para todos. Se os republicanos conhecessem bem a historia das nossas lutas civis de 1820 a 1834, muitos erros se teriam certamente evitado. Nesses tempos as paixões tambem eram violentas, mas eram mais paixões de ideas do que paixões pessoais, como actualmente. O que caracteriza com efeito a nossa epoca é a politiquice e o pessoalismo. Examine-se, por exemplo, a vida de Passos Manuel. O homem desaparecia. Só havia uma causa a defender, de que êle era o interprete fiel.

Quem foram verdadeiramente os precusores da República Portuguesa?

Foram por ventura os dirigentes, por mais autorizados que tivessem sido? Não o creio. Verdadeiros precusores foram os acontecimentos, que influiram no espirito duma pequena minoria para desfraldar uma bandeira nobre. Entre esses acontecimentos podemos e devemos especificar a revolução de 1820, as lutas liberais, a revolução espanhola, a comuna de Paris e a proclamação da república no Brasil.

Os acontecimentos são filhos da inevitavel evolução dos povos, e os homens são a encarnação viva do espirito de cada epoca.

É indispensavel manter sempre viva a tradição ; não esquecer os nomes dos precusores. Estamos colhendo o fruto da sementeira, feita por êles, em tempos dificeis. E, se não podemos corresponder inteiramente á pureza do seu ideal, é certo, todavia, que temos a República, que nos cumpre corrigir dos seus vicios e aperfeiçoar nos seus processos.

Houve em Lisboa três fócios de irradiação republicana : o palacio do Fiuza, em Alcantara ; o Pateo do Salema, onde teve a sua sede o «Centro Fraternidade Republicana» ; e a «Livraria Internacional», de Carrilho Videira.

O palacio do Fiuza era frequentado por republicanos e socialistas, que, naquela época, caminhavam a par. Ali conheci o honrado Sousa Brandão, fundador da cooperativa *Industria Social*, que, como atrás me referi, existe ainda ; Conceição Fernandes, e ali conheci tambem João Bonança (1).

(1) Do livro *Amanhã*, de Abel Botelho, reproduzo as suas palavras ácêrca do Palacio do Fiuza : «Certo é que o Palacio do Fiuza tinha sobejos fóros para arrogar-se a glória de haver sido por excelência o solar do moderno movimento revolucionario em Portugal. Ali se fundára e instalára e ali funcionou desde 1858 durante muitos anos de seguida a «Associação Fraternal de Tecidos e Artes Correlativas», uma das primeiras cooperativas nacionais, ao depois convertida num centro de agitação dos mais ousados e mais fecundos. Ali celebravam as suas clandestinas sessões várias lojas maçonicas. Ali passaram de preferência a reunir a contar de 1875, todos os conciliabulos de conspiradores,

Foi do palacio do Fiuza que saíu o *Trabalho*, em que colaborei com Silva Pinto e Eduardo Maia. Pouco tempo depois publicava-se a *Republica*, de Carrilho Videira, cuja livraria, na rua do Arsenal, se tornára um verdadeiro centro de propaganda. Neste jornal firmava os artigos editoriais Consiglieri Pedroso e ilustravam-no, com a sua prosa, Teofilo Braga, Teixeira Bastos, Reis Damaso e o humilde autor destas linhas.

O *Trabalho* tinha uma feição republicana e socialista; João Bonança lembrava um pouco os republicanos de 48. Nesse tempo defendiam-se ideas, ao contrario do que sucede hoje, em que se defendem interesses. Eramos todos federalistas, porque vinhamos da mesma *escola proudhoniana*, em que havíamos formado os nossos espiritos. João Bonança acentuou esta orientação na *República Fe-*

todas as fenianas ligas de resistência contra os poderes constituídos.

O velho palacio, pateo e quinta do Fiuza, já não apresentava, ao tempo, mais do que uns tenues vestigios da feição e traços primitivos. Ninguém agora ao divisar, passada a rua do Livramento, á direita, aquele predio banal e formidavel, com o uniforme tão gravado da sua frente, monotonamente regradada, em cinco fiadas por comedidos rectangulos de cantaria lavrada, ninguem seria capaz de suspeitar quanto fôra singularmente expressiva e diversa a sua fisionomia anterior. Ninguém imaginaria que intensas crises de luta, que agitados períodos de revolucionario alento aquele discreto e inexpressivo reboco mascarava».



HENRIQUES NOGUEIRA

deral, que constituiu a sua segunda tentativa no jornalismo, rematando pelo *Futuro*.

Estou a vê-lo ainda sentado á mesa da redacção do *Trabalho*, de longa cabeleira e barba crescida, onde aparecia, de quando em quando, Gomes Leal, e principalmente os socialistas mais reputados daquele periodo.

Bons tempos esses de 1872, 1873 e 1874, em que os estudantes de direito — Alves da Veiga, Alves de Moraes, Almeida Ribeiro e eu — fundavamos em Coimbra a *República Portuguesa*, o primeiro jornal republicano academico que appareceu. A República espanhola e a Comuna de Paris haviam contribuido grandemente para esta efervescência espirital. Eram os idealistas de então. Alguns dêsses antigos paladinos retrairam-se criminosamente. Eu mantenho-me firme no meu posto, incorrigivel e impenitente. Á maneira de Teofilo Braga, quero manter integra a unidade moral da minha vida.

João Bonança foi padre. Os seus sentimentos liberais levaram-no a apoiar as reclamações de Alexandre Herculano, em favor do casamento civil. D. Americo, então cardeal e patriarca de Lisboa, indignado, chamou-o á sua presença para o repreender. Bonança, que foi sempre um revoltado, encarou-o de frente e respondeu a Sua Eminência com um gesto que se tornou acontecimento. Despiu as suas vestes sacerdotais e arrojou-as, com altivez, aos pés do patriarca, descendo as escadas em mangas de camisa.

Com esta resolução desapareceu o padre e er-
gueu-se intemerato o apóstolo republicano.

João Bonança tinha a rigidez do spartano. Foi sempre intransigente no ponto de vista dos princípios. Na *Integridade Republicana*, o agrupamento político que fundou, manifestou-se um republicano radical. Por isso me magoou o pequeno acompanhamento que seguiu o seu cadaver. Se não fôra a sua pertinácia, talvez o registo civil não tivesse sido introduzido no código. Era dever rudimentar, para todos os que defendem a liberdade de consciencia, prestar-lhe uma ultima homenagem. Mas que querem? João Bonança era de uma austeridade que não se compadece com os tempos que vão correndo; não dispunha de empregos publicos nem tinha fundos para distribuir.

Não poude o indefectivel republicano publicar o 2.º volume da *Historia da Lusitania*, intitulado *Monumento á Patria*. Mas muito bem andou seu sobrinho, Mario Bonança, colocando sobre o seu cadaver a primeira destas obras. Substituiu admiravelmente o penduricalho que êle sempre detestou e que se tornou uma enfermidade do nosso tempo. João Bonança morreu, como Teofilo Braga, virgem em materia de condecorações.

A proposito de João Bonança contarei um facto interessante e que não deixa de estar dentro do espirito que preside a êste capitulo.

O ex-padre, emancipado do prejuizo católico, deixara crescer o cabelo e a barba. Assim me ha-

bituara a vê-lo. Mas um dia fui prevenido por Silva Pinto de que êle tivera de se refugiar em Alcantara, num subterraneo duma casa pertencente ao socialista Ferreira Nunes, por o suspeitarem envolvido no movimento da Penichada. Aprasámos uma noite para o ir vêr.

Conduzido por Silva Pintó descí a escadaria que conduzia ao seu esconderijo. Qual não foi o meu espanto quando ví deante de mim um elegante de bigode e cabelo cuidadosamente tratado! Não o conheci. Êle, com uma luz na mão, perguntou-me se tinha esquecido o amigo Bonança. Foi então, pela voz, que o reconheci transfigurado, abraçando-nos efusivamente.

A «Livraria Internacional», de José Carrilho Videira, tinha a sua séde na rua do Arsenal, 96. Ali compareciam habitualmente: Teofilo Braga, Teixeira Bastos, Reis Damasò, Consiglieri Pedroso e outros como Xavier da Silva e Vilaverde.

Nêsse tempo era perigoso sêr republicano. O esfôrço, a abnegação, o espirito de sacrificio, então dispendidos, foram actos de benemerência patriótica. Convem relembra-los, em nome da gratidão e da justiça.

José Carrilho Videira, com os poucos recursos de que dispunha, pode bem dizer-se que foi um herói. A sua actividade multiplicava-se e operava prodigios. Publicou dezenas de opusculos de propaganda, e, em 1873 um jornal diario — *A Republica*, de que foi redactor politico Consiglieri Pe-

droso e onde eu colaborei, sendo ainda estudante da Universidade de Coimbra.

A proclamação da República em Espanha influiu poderosamente para esta acção. Carrilho Videira, que era um federalista consciente, estabeleceu, desde logo, relações com Pi y Margal e outros caudilhos espanhóis. À maneira de Henriques Nogueira, o verdadeiro fundador da República, advogava a federação ibérica. Foi êste o principal bordão de que se serviram os monarquicos para nos atacar. A propaganda dos primeiros tempos revestiu um character abertamente federalista e socialista. A revolta dos espiritos alastrou pelo país. Entre os precusores da República, figura Carrilho Videira, que foi um lutador intransigente, o que lhe valeu, como quasi sempre succede, malquerenças e calúnias. Propulsor do registo civil obrigatorio, enfileirou ao lado de João Bonança e de José Elias Garcia. Numas eleições legislativas em que me apresentei, como candidato pelo circulo occidental, êle mostrou-se partidario do *mandato imperativo*, o que deu lugar a uma ardente discussão de principios. A minha geração era, sobretudo, impulsionada por ideas, o que não succede hoje, em que o interesse pessoal e a febre mercantil, tornada paixão, prevalecem sobre os principios.

Carrilho Videira era, como eu, um otimista. Possuía o amôr do ideal. Era um crente. Se vivesse hoje poderia ter a desilusão dos homens, mas manteria firme e intangível, a sua fé de sempre. É la-

mentavel o que se passa de materialismo grosseiro! Muitos factores concorreram, porém, para este estado de alma. A contrastar com os 80.000 parasitas que vivem da politiquice e do pessoalismo, temos seis milhões de portugueses que trabalham. O país revela sintomas de vitalidade.

Temos estado parados. Em quinze anos de República, não temos ainda uma magistratura, nem professorado, nem exercito republicano. É preciso, pois, um forte impulso de educação nacional, e criar tambem um verdadeiro espirito republicano.

Quando Carrilho Videira viveu, não existiam ainda os *novos ricos*. Conheci todos esses homens. Admirei-lhes a simplicidade, a modestia, o espirito de renuncia. Se a República tivesse sido proclamada em 31 de Janeiro, haveria feito uma obra, á maneira dos revolucionarios de 1820, porque foi, com efeito, essa tradição que se perdeu.

O «Centro Fraternidade Republicana» que tinha a sua sede no Pateo do Salema, no começo da Calçada do Garcia, á esquerda, tornara-se um foco verdadeiramente revolucionario. Dali saíram alguns clubes e principalmente a «Associação do Registo Civil». Ali conheci alguns socios que sob a minha presidência fomentavam e desenvolviam a mais activa das propagandas. Entre êles devo citar: Augusto José Vieira, Ferreira Chaves, Tomé de Barros Queiroz. Lembro-me que Tomé de Barros Queiroz, recémvindo da provincia, tendo apenas um buço a despontar, se devotou á defeza da causa

com rara energia. Tomé de Barros Queiroz, assim como Fernão Bôto Machado, encetaram a sua vida sem um unico diploma. Deveram tudo á sua iniciativa, ao seu esfôrço, ao seu talento e á sua ansia de saber. Barros Queiroz aprendeu francês aos vinte e tantos anos. Com a sua tenacidade no estudo e no trabalho, tornou-se uma das figuras mais prestigiosas da República. Foi um homem feito por si mesmo. São esses os verdadeiros prototipos da democracia.

O «Centro Fraternidade Republicana» teve em Alcantara um similar, intitulado «Clube Razão e Justiça», de que saíram tambem quasi todos os centros, que hoje existem naquele bairro. O movimento operado neste Clube durante a campanha contra o Tratado de Lourenço Marques, 1881, foi verdadeiramente notavel.

Numa das suas memoraveis sessões, em que compareceram todos os propagandistas em voga, foi preso Silva Lisboa, ao tempo director da *Era Nova*. Entre as associações saídas dêste clube conta-se a «Sociedade Promotora de Educação Popular», de que foi director o intrepido e malogrado Antonio Joaquim de Oliveira.

× O culto dos mortos estimula os novos a imitarem as virtudes dos desaparecidos. O que, sobretudo, caracterizou a minha geração foi a simplicidade, a modestia, a independencia moral e o desinteresse, qualidades maximas que foram substituidas pelo egoismo, pela vaidade, por ambições, nem sempre legitimas, e pela vil ganancia.

Eis o motivo por que me apraz lembrar essas grandes e nobres figuras do passado.

ALBANO COUTINHO

A corroborar as minhas anteriores asserções, invoquei o testemunho insuspeito de um velho companheiro, muito amado, dos tempos heroicos da propaganda, ainda vivo, felizmente, Albano Coutinho, sempre o mesmo fiel e intemerato camarada, o qual respondeu ao meu apêlo nos termos seguintes, que lançam intensa luz nos acontecimentos de então :

«Comecêmos pelos anos de 1872-1873. Da tua vida de Coimbra, conheço, tão bem, como tu, a intervenção que tiveste na publicação do semanário A República Portuguesa em que colaboraste com Alves da Veiga e Alves de Moraes. De Lisboa escreviam o Silva Pinto e eu, por signal que na República Portuguesa fiz a minha profissão de fé política.

Da proclamação da República em Espanha, em Fevereiro de 1873, derivou, segundo creio, o impulso das nossas primeiras e dispersas tentativas de ataque ao existente. Por mim sei bem quanto me entusiasmavam a eloquência de Castelar, o verbo de Salmeron, os livros de Pi y Margal, e segui sempre com vivo interesse a politica espanhola após a queda da rainha Isabel e da

renuncia de Amadeu em 11 de Fevereiro de 1873. Nêsse ano, e em 1874, colaboraste no Diario da Tarde, do Porto, de que fui correspondente politico, literario e noticioso em Lisboa. Escreveste ali artigos de combate, que já te davam fóros de jornalista audaz e denunciavam bem o teu espirito de intransigência. Nêsse ano, a 11 de Junho, Castelar, depois de ter estado, a convite de Latino Coelho, em Lisboa, onde os republicanos dentão o receberam festivamente, oferecendo-lhe um lauto jantar no Hotel Mata, que estava instalado num palacete do Chiado, o grande tribuno chegou a Coimbra, já de regresso do Porto, e a Academia fez-lhe uma ovação estrondosa. Em nome dos estudantes foste tu encarregado de o saudar. Lembra-me que Castelar, respondendo ao teu discurso, em que foste muito feliz, fez, em frases eloquentes, como êle as sabia burilar, a apologia dos Estados Unidos da Europa, a visão de Hugo, a grande idea do seculo XIX, ainda em via de realização, e de que tu te tornaste tambem um apaixonado propagandista, pela palavra e pelos livros. Da recepção de Castelar em Lisboa tenho apontamentos que posso reproduzir nas notas dêsse ano.

Em 1873 iniciaram-se em Lisboa muitos trabalhos de propaganda republicana. Na «Livraria Internacional», de Carrilho Videira, na Rua do Arsenal, reuniam-se emigrados espanhois, entre os quais se contam D. Fernando Garrido, autor de

varias obras revolucionarias, e entre elas La rebellion carlista, La Religion Catolica y la Republica Federal, estudantes das escolas de Lisboa, literatos, professores, (entre êles Teofilo Braga) e rapazes empregados no commercio, e ali se discutiam os acontecimentos da Espanha, nascendo dessas palestras a idea da organização do primeiro centro republicano, cujas bases foram apreciadas em varias reuniões celebradas no escritorio do advogado Antonio Maria da Silva (que coincidência de nome!) na Rua do Ouro, 149, 2.º, reuniões a que assistiram, entre outros, os seguintes cidadãos: Duarte Vila Pouca, Julio Maximo Pereira, Costa Goodolfim, Albano Coutinho, Santos Nazaré, Alfredo de Melo, José Carrilho Videira, Joaquim Augusto de Oliveira — o Oliveira das Magicas — Dr. Ponce de Leão, Eça Ramos, Silva Viana, Baptista Machado, Ferreira Nunes e Francisco Manoel de Sousa Ribeiro. Êste primeiro centro, que teve curta existência, chegou a funcionar numa casa na Praça da Alegria, n.º 5, tendo sido eleita uma comissão para a organização dos Estatutos, composta dos cidadãos Dr. Antonio Maria da Silva, Dr. Ponce de Leão e Duarte Vila Pouca, e outra para a publicação dum jornal semanal, composta dos cidadãos Costa Goodolfim, Albano Coutinho e Ferreira Nunes. Outros elementos mais avançados, fazendo a propaganda duma República federativa, agrupavam-se tambem, estando á frente dêsse movimento, entre outros, o Dr. Eduardo

Maia, medico homœopata, Silva Lisboa, Carrilho Videira e João Bonança. Êsse nucleo chegou a publicar um jornal de combate, sob o titulo A República Federal. Outro grupo ainda mais exaltado, frequentador da «Livraria Carrilho», que incontestavelmente prestou grandes serviços á causa republicana, editando obras de propaganda, (os primeiros livros de Teofilo Braga foram editados pela «Livraria Internacional»), publicou um jornal, O Rebate, que fez sucesso pela propaganda revolucionaria dos seus artigos. Carrilho era, por assim dizer, a alma do jornal, e ocorreu ás despesas emquanto poudo. Seis querelas lhe promoveu o ministerio público, até que, exausto de recursos, foi preciso promover uma recita em beneficio do jornal, recita que se realizou no teatro do Principe Real (mais tarde Apolo) e que teve lugar na noite de 17 de Dezembro de 1873.

O espectáculo foi composto de duas comedias, recitando-se nos intervalos a poesia — Ao Combate, de Betencourt Rodrigues, então estudante de medicina, e outra de Gomes Leal, sob o titulo — O mundo velho. Ambas obtiveram uma ovação emocionante. Algumas das suas mais vigorosas estrofes tiveram de ser bisadas. Tocou-se por quatro vezes a Marselheza, que os espectadores ouviram de pé, e descobertos. Quando se tocou pela segunda vez o himno nacional da França, apresentou-se em scena uma linda creança, de barrete frigio na cabeça, uma bandeira vermelha na mão

direita e um numero do Rebate na esquerda. Foi um delirio!

Distribuiram-se, avulso, duas poesias: um soneto de Betencourt Rodrigues — Verdades — e uns versos de Manuel de Arriaga — A Liberdade.

O teatro tinha uma enchente, e tanto na plateia, como nos camarotes, notava-se uma desusada animação. Entre os espectadores viam-se Oliveira Marreca e Latino Coelho, que raro frequentavam teatros, Elias Garcia, Sousa Brandão, Gilberto Rola, Carrilho Videira, Manuel de Arriaga, Gomes Leal e Albano Coutinho.

E a policia o que fez? Limitou-se apenas a rondar as portas do teatro.

Estava no poder uma situação regeneradora, presidida por Fontes.

HENRIQUES NOGUEIRA

Foi o primeiro que, em Portugal, concebeu a doutrina republicana, no seu aspecto municipalista, sem o qual não ha democracia possivel.

Nasceu na freguezia de S. Pedro dos Dois Portos, termo de Torres Vedras, a 15 de Janeiro de 1825, e era filho de Felix Henriques Nogueira e de D. Maria do Espirito Santo Henriques Nogueira.

Morreu em 23 de Janeiro de 1858, em Lisboa, de uma hemorragia instantaneamente fatal.

Em 1851 propoz-se candidato a deputado e numa segunda votação, no circulo de Alemquer, foi ven-

cido. É uma historia bem curiosa, diz José de Torres, e que pode passar como modelo do genero, essa da frustrada candidatura de Nogueira. Em 1853 viajou pela Espanha, Alemanha, Belgica, França e Inglaterra.

Jaz sepultado no cemiterio dos Prazeres, no seu jazigo, n.º 1079, rua n.º 15, e alguns amigos inscreveram sobre o tumulo, que é encimado por um busto, tendo junto um livro onde se lê na lombada — *O municipio no seculo XIX*— tudo em marmore, modelo feito por Bordalo Pinheiro, pai do caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, o seguinte:

*A José Felix Henriques Nogueira
que tanto amou a patria
e em mais de oito annos de estudos politicos
não visou nas suas viagens e multiplicados escriptos
senão a fazel-a prosperar :
por benigno consentimento de sua mãe
tomando parte n'este testemunho de saudade,
lhe consagram
o busto que adorna este tumulo
alguns dos seus amigos, collaboradores e correligionarios*

*Apostolo fervoroso
da liberdade, egualdade e fraternidade,
foi strenuo defensor da doutrina democratica
e da idéa
da federação politica das Hespanhas*

*O futuro julgará suas opiniões e as de muitos
que lhe sobrevivem*

Os promotores deste testemunho de saudade, os seus amigos, colaboradores e correligionarios foram:— Antonio Rodrigues Sampaio, Carlos José Caldeira, Carlos Ribeiro, Francisco Maria de Sousa Brandão, Gilberto Antonio Rola Junior, Inácio Francisco Silveira da Mota, João Baptista Schiapa de Azevedo, Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado, Joaquim Julio Pereira de Carvalho, José Elias Garcia, José Estevam Coelho de Magalhães, José Joaquim de Oliveira Machado Junior, José de Torres, Luís Filipe Leite e Sebastião Betamio de Almeida.

bibRIA

bibRIA

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIROS TOQUES DE CLARIM

bibRIA
*“Mocidade! Prima-
vera da vida!,,*

PRIMEIROS TOQUES DE CLARIM
PARTE PRIMEIRA

bibRIA

—
—
—

RECORDAÇÕES DA INFANCIA

SUMARIO

O mês de Maio. — O meu nascimento no Brasil. — Influência dessa bela terra. — Palavras de Teofilo Braga. — Bingre. — Eixo. — Ida para Aveiro. — Impressões da Infancia. — Primeiras letras. — No collegio do Roeder. — Facilidade para aprender linguas. — José Estevam. — A primeira vez que vi o tribuno. — Oragos. — Um filho natural de José Estevam. — Anedota curiosa.

O mês de Maio é o mês das flôres, o mês em que a luz e a côr, numa conjunção harmonica, nos arrebatam até ao extase, o mês em que os vestidos claros põem uma nota alegre na atmosfera, á semelhança das aves que cantam as suas canções festivas. O mês de Maio, dizia um escritor, é o mês dos privilegiados do destino. Se assim é, eu devo considerar-me feliz, porque nasci no mês de Maio. E, tendo visto a luz no Brasil, maior foi, sem duvida, a influência da opulenta natureza, que me serviu de berço, sobre o meu espirito. Teofilo Braga, o mestre querido, frisa êste facto numa biografia com que me honrou, nas seguintes palavras :

«... É facil tirar um escorso animado da sua individualidade tão complexa pelo temperamento proselitico, pelo character intemerato, pela sentimentalidade que o determina, pelo fundo da imensa bondade em que equilibra a sua acção suggestiva. Todas estas qualidades que o põem em destaque estão incluídas nestes elementos biograficos: seu pai, Sebastião de Carvalho Lima, pelo seu trabalho perseverante e honrado, obteve os seus meios de fortuna no Rio de Janeiro, onde casou com D. Leocadia Rodrigues Pinto de Magalhães. Ai nasceu o nosso batalhador em 30 de Maio de 1850, vindo em 1855 para Aveiro, quando seu pai regressou de vez á Patria. Aqui se definiram as duas feições do seu character: a sentimentalidade tão preponderante no genio brasileiro, que se revela no lirismo dos seus poetas e na empolgante ardentia dos seus oradores, e tambem esse tino pratico de absoluta honradez com que nas lutas da vida soube manter a propria independência pelo seu equilibrio economico».

*

Do Rio de Janeiro fui directamente para Eixo, linda vila, a 9 quilometros de Aveiro, onde meus avós tinham o seu solar, e onde ainda reside, numa bela quinta, meu irmão Jaime.

A paisagem desta deliciosa terra é admiravel, rodeada de pinheirais, ostentando o verde risonho

da sua eterna primavera. Espreguiçando-se airoosamente nas margens do Vouga, que Francisco Joaquim Bingre (1), o poeta justamente denominado *Cisne do Vouga*, eternizou, com um lirismo tocante, Eixo é uma povoação, que se impõe não só pela sua natureza, em que se destaca uma nota de doce melancolia, senão também pela distinção de alguns dos seus habitantes, entre os quais sobresaem médicos de nomeada e conhecidos advogados. As primeiras impressões, ou impressões da infancia, vinculam na nossa alma fundas recordações, que se avivam através da vida, como visões que jámais se apagam !

(1) BINGRE (*Francisco Joaquim*) — (1763-1856) — Poeta português, nascido em S. Tomé de Canelas. Foi um dos fundadores da Academia de Belas-lettras de Lisboa, mais conhecida por Nova Academia, onde se apelidou «Francelio Vougense». Deixou varias odes em todos os generos, canções, elegias, idilios, apologos e satiras; o poema heroico-comico *Momo*, outro apologético — *As mulheres* — *As sombras*, passeio fantastico, *Aventuras e cartas sentimentais*, etc.

Talento tão fecundo quanto desgraçado, teve uma existencia cheia de contrariedades e desgostos, chegando mesmo a um estado de penuria tal, que levou os seus amigos a unirem-se para lhe acudir, realizando no teatro de S. João; do Porto, um espectaculo em seu beneficio. Publicaram-se por essa ocasião varias poesias suas sob o titulo de *O muribundo cisne do Vouga*; o produto da venda dessas poesias reverteu também em favôr do desventurado poeta que, sobreviveu, apesar disso, a toda a geração de árcades, pois morreu com perto de 93 anos.

Meu Pai comprára o convento do Carmo, em Aveiro, onde edificou uma bela casa, que depois fomos habitar. Ali aprendi as primeiras letras, com o nosso capelão, o padre José Joaquim Ferreira Tavares, que me ensinou a lêr e a escrever, empregando para isso uma doçura verdadeiramente evangelica. As lições para mim constituíam mais um motivo de prazer do que de constrangimento. Eu esperava sempre essa hora com ansiedade, como se fosse a minha hora de recreio. Em pouco tempo lia e escrevia correctamente. Tinha então sete anos de idade. O gosto pela leitura desenvolveu-se como era natural, e meu pai, um ano volvido, internou-me no «Colégio Alemão», do Roeder, o bem conhecido professor estabelecido na rua do Prior, 54, num antigo palacete do conde de Cabral, a Buenos-Aires. Nêste estabelecimento, que chegou a ter fama, ensinavam-se muito bem as linguas. Para isso o director caprichava na escolha do pessoal: um professor inglês, um francês e um alemão. Ali estive cêrca de sete anos. Quando saí, falava tão bem o alemão como o português. Por ocasião da minha primeira visita a Berlim, os criados do hotel tomaram-me por um compatriota, chegando mesmo a desconfiar de mim, quando lhes disse que era português.

— Mas, se assim é, perguntou um dêles, onde aprendeu êsse correcto alemão que fala?

— Num collegio alemão, em Lisboa, respondi.

— Pois é possível?, acrescentou, ainda incredulo.

A minha vida de colegial passeia-a descuidado e feliz. O estudo das linguas atraia-me grandemente. A leitura de Schiller e Goethe seduzia-me.

Nêste mesmo collegio tive como camaradas algumas individualidades que depois se tornaram conhecidas. Entre outras, poderei citar, alem de Jaime Batalha Reis, José Barbosa Colen, o insigne jornalista que todos apreciámos; José Frederico e Inácio Casal Ribeiro, Ernesto Driesel Schröeter, Antonio e Eduardo Gonçalves Macieira, Victor Sasseti, Vicente de Castro Guimarães, Rui de Athouguia, João Maria Bravo, etc.

No Roeder, meu director, mais do que o professor, encontrei um amigo dedicado. Eu era considerado quasi uma pessoa da sua familia. Por fim já me confiava até a regência da sua aula. Completei, ainda no collegio, uma parte dos meus preparatorios, em que obtive distincção, indo depois frequentar o liceu do Porto, onde fui aluno e mais tarde examinador.

JOSÉ ESTEVAM

Emquanto estive no collegio, passava anualmente o mês de Agosto com minha familia, em Aveiro. Foi então que vi, pela primeira vez, a nobre figura de José Estevam Coelho de Magalhães. E mal imaginava, por essa ocasião, que teria de celebrar mais tarde o seu centenario, no teatro da mesma cidade,

ao lado de José Dias Ferreira, de Antonio Candido e de Manuel de Arriaga.

Parece que estou ainda a vê-lo, no «Clube Aveirense», recostado numa poltrona, rodeado pelos seus admiradores e amigos. Por habito, com a mão sempre metida no cós das calças, que escorregavam pela barriga, salientando a camisa. Era a bonhomia em pessoa, simples, modesto, alheado a todas as vaidades.

Cada país e cada cidade têm ordinariamente o seu orago, ou a sua tradição. Assim Ravena tem o seu Dante, Frankfort o seu Gœthe, Beyrenth o seu Wagner, Edimburgo o seu Walter Scott, Praga o seu João Huss, Genova o seu Masini, etc. Aveiro é a terra de José Estevam. Como Herculano e Garrett, José Estevam é também uma tradição.

E uma vez que falei de José Estevam, devo mencionar uma pequena anedota que vem aqui a talho de foice.

O grande orador tinha um filho natural, que se chamava Mateus de Magalhães; era um jornalista com espirito. Um dia, para emitir a calva do pai, mandou rapar a cabeça. O fisico assemelhava-se, mas não a lingua. Pretendeu um dia ser orador. Foi um fracasso. Exasperado, chorou de raiva. O pai gostava muito de conversar com êle e divertia-se com isso. Uma manhã entra-lhe o Mateus no quarto, estava êle ainda na cama, para lhe fazer uma declaração:

— Que havia resolvido matar-se, exclamou.

— Está bem, respondeu o pai, e que genero de morte escolheste?

— Tenciono atirar-me ao Tejo.

— Pois, então, rematou José Estevam, que não morria de amores por Alexandre Herculano, dependura o *Eurico* ao pescoço que vais logo para o fundo.

Mateus, desolado, nem se despediu do pai. Saiu, e resolveu adiar o suicidio para ocasião mais oportuna.

A tradição aveirense pode bem consubstanciar-se em José Estevam. Ainda recordo os esforços que êle fez como deputado para conseguir que o caminho de ferro entre Lisboa e Porto tivesse uma estação em Aveiro. O primeiro traçado, que era muito mais recto, excluía esta estação por dispendiosa e superflua. A memoria dêste ilustre português devia pois manter-se em todos os corações daquela terra inextinguivelmente. Verifica-se, porém, o contrario. E o que succede em Aveiro, succede em muitas outras cidades do mundo. Nem todas são gratas e justas para os seus servidores.

Aveiro deve orgulhar-se de ter tido um filho tão ilustre. Alguns o compararam a Cicero, a Demostenes, a Mirabeau, etc. Realmente, foi acima de tudo um grande orador português, e bastava esta circumstancia para que a sua memoria fosse perpetuada principalmente pelos seus patricios. José Estevam ficou sendo para Aveiro a sua propria imortalidade.

bibRIA

OS PESCADORES

SUMARIO

Apologia dos pescadores.—Populações da beira-mar e da montanha.—Férias em Aveiro.—Uma conferência em que uma comparação a Cristo desagradou aos burgueses e foi calorosamente aplaudida pelos pescadores.—Costumes dos pescadores, verdadeiros precursores do comunismo.

Os meus queridos pescadores, bravos, indomitos, desinteressados! Foram êles, talvez, que despertaram no meu espirito o amôr da liberdade de que são o prototipo.

Está provado que as populações da beira-mar são muito mais independentes e liberais do que as populações do interior. Compare-se um pescador com um montanhês e verificar-se-ha o que deixo dito. O pescador é aberto e ruidoso; o montanhês passivo e concentrado. Ao passo que a alegria inunda a frente do pescador, pesa a melancolia sobre a frente do pastor. O mar, embora uniforme, não cansa nunca a vista. Não sucede o mesmo com a montanha, que uma vez galgada, deixa de produzir encanto.

Quando frequentei a Universidade de Coimbra

ia ordinariamente passar as férias a Aveiro, com minha família. Festejava-se o Natal de 1872. Já eu era republicano. Sucedeu que, numa comemoração popular, eu fui obrigado pelos assistentes a tomar a palavra. Exaltei a doce figura do Cristo, e, a proposito, disse que Socrates, sacrificando-se pela verdade, havia sido o verdadeiro precursor do cristianismo; que á Grecia se devia pois um dos mais belos feitos da historia, porque o Cristo simbolizava não só a beleza moral, senão também a beleza estetica.

Tanto bastou para que os assistentes burgueses me apodassem de irreverente. Os pescadores, ao contrario, haviam penetrado por instinto, o sentido das minhas palavras. Aplaudiram-me calorosamente. Foi esta a primeira manifestação triumphal da minha vida.

Lord Byron, que viveu na Grecia, pela independência da qual combateu, afirmou que o pescador era, em geral, um tipo de revoltado. Habitado a lutar com as ondas do mar, as vagas da sociedade não o intimidavam. Temos um exemplo frisante nesse intrepido pescador napolitano, que se chamou Mazanielo, na sua luta contra os Bourbons. Lamartine também era um amigo fiel dos pescadores, assim como Pierre Loti.

As três mais belas poesias francezas são o *Amôr*, de Victor Hugo; as *Noites*, de Alfred de Musset e o *Lago*, de Lamartine. Quando cantou os lagos este admiravel poeta nunca abstraiu do pes-

cador, assim como Michelet, que também era um poeta, embora escrevesse em prosa, nunca dê-lo se olvidou quando cantou o mar.

Com a tez bronzada pelo sol, a alma lavada de paixões, afrontando a procela, desdenhando o perigo, na sua simplicidade rude, êle simboliza a generosidade e a isenção pessoal.

Conheci de perto os pescadores da Costa Nova do Prado, da Torreira, da Praia de S. Jacinto. Privei com êles. Assisti a algumas pescarias, nos seus barcos característicos, lembrando gondolas venezianas. O arrais era o chefe incontestado, a quem todos os outros obedeciam. O arrais era uma especie de arbitro. À maneira de um juiz de paz, intervinha nos conflitos domesticos, e, quasi sempre, resolvia as contendas, que se levantavam entre maridos e mulheres.

Quando os barcos saiam para o mar alto, um estranho espectáculo se observava. As mulheres ficavam em terra, acenando aos maridos com os seus lenços brancos. E esperavam, esperavam na praia, ansiosas pelo resultado da pesca. Se as redes vinham cheias, o ruido era ensurdecedor. As peixeiras preparavam as canastras e enchiam-n'as com sofreguidão. É característico o traço dessas mulheres. Saia arregaçada, com um chale apertado em volta da cintura, permitindo o donaire dos movimentos, rapidos e graciosos — tais se apresentavam as portadoras do peixe, que levavam a terras distantes.

Companhas, se chamavam essas agremiações de pescadores, verdadeiras precursoras do comunismo, que tinham um chefe, o arrais, e varios sub chefes, além do efectivo. Nem sempre a disciplina militar!... Mas o que, principalmente, se destacava, era a valentia, a coragem e o desprezo da vida. Era vê-los em dia de temporal, quando a vaga embravecida galgava o barco inundando-o. Na praia as mulheres soltavam gritos de dôr, enquanto os maridos, os pais e os irmãos lutavam com o mar.

Nunca esquecerei essa tarde tragica em que os pescadores, não podendo resistir ao embate da onda enfurecida, se atiraram á agua, alcançando a terra a nado. A angustia daqueles peitos femininos transformava-se em riso alegre, como que um alivio de almas penadas.

Os meus primeiros anos foram passados entre pescadores. Impressionou-me a sua simplicidade e o seu desapêgo á existêcia.

Pescavam, ordinariamente, nos meses de verão e recolhiam o bastante para passar o inverno, como as formigas. Por passatempo, entregavam-se á bebida. E contraste singular! a fortaleza de animo que ostentavam diante do oceano, diminuia consideravelmente na frequêcia da taberna, que lhes transtornava a cabeça e os levava, por vezes, a disputas e conflitos.

— Que quere o senhor, dizia-me um, pai de cinco filhos, a quem exprobei a conduta, não ha bela sem senão.

O pescador é fecundo como o peixe. Quasi todos os que conheci tinham prole numerosa. Punham em pratica o preceito de Cristo: cresci e multiplicai-vos.

bibRIA

bibRIA

TRICANAS

SUMARIO

Elogio da tricana. — Comparação com outras mulheres. — A «Vida de Boémia» de Mürger. — Transformação da tricana... para pior. — Chateaubriand e Proudhon. — Os pescadores e as tricanas: saudosa recordação da mocidade. — Serenatas em que eu era violinista. — A influência da mulher, despertadora do ideal da beleza.

Sem amor, não ha mocidade. E Aveiro não se compreenderia, sem a tricana, que é para a cidade o que a rosa é para um delicioso jardim — um elemento de beleza e de adorno indispensavel.

A tricana, com um lenço de sêda a envolver-lhe a cabeça e o chale a emoldurar-lhe o tronco, é um vestigio da raça arabe. Donairosa e gentil, leve como uma gazela, poucas mulheres no mundo a poderão igualar na graça e na originalidade.

Não ha dúvida que a andaluza se lhe assemelha, por se confundir na mesma origem celtica. Mas é mais viril. Não possui a mesma feminilidade, embora a paixão, que os olhos negros revelam, seja a mesma, como sucede na formosa *Carmen*. A napolitana é tambem impetuosa e ardente. Mas

a adorável tricana é dotada de um sorriso encantador e de uma doçura celestial, á maneira da madona.

No meu tempo, havia tricanas que marcavam. E, por tal forma, que eram disputadas pelas pessoas gradas da terra, com as quais algumas casaram, trocando o lenço de sêda pelo chapéu de plumas. Era para mim motivo de desgosto assistir a semelhante transformação. Sucedeu-me o mesmo, quando li a *Vida de Boémia*, de Henri Mürger. Apaixonara-me por aqueles boémios, desinteressados de todas as materialidades da terra, que, pensando pouco em si, se interessavam todavia por todos os infelizes. Mas a realidade... é a realidade.

As aguras da vida levaram-nos á separação, debandando cada um para o seu lado, na dura labuta pela existencia.

A tricana de hoje não é já a mesma de outros tempos. A moda implacavel transformou-a, tornando-a senhora. Lembro-me ainda da *grisette*, tão brilhantemente descrita por Teofilo Gautier, que supria muitas vezes as faltas pecuniarias do estudante, seu companheiro, com o dinheiro adquirido pelo trabalho. A *grisette* fez-se depois *cocotte*, e o estudante do bairro latino, com a barba esbranquiçada aos vinte e tantos anos, de cachimbo na boca e barrete encarnado, á maneira de um turco, tornou-se um *petit crêvé*. O barrete foi trocado pelo chapéu alto.

Dizia Chateaubriand que a civilização era corrupção. É verdade que Proudhon também definiu democracia — a inveja. O que, porém, o primeiro chamava corrupção, é simplesmente uma mudança imposta pelos costumes, e o que o segundo considerava inveja é apenas a concorrência, que a própria evolução democrática impõe, como uma espécie de soberania irresistível.

A tricana é uma tradição. E eu lamento que não tivesse podido escapar á lei inexorável, por que tudo passa no mundo. Confesso que a tricana foi uma das grandes atracções da minha juventude. De Aveiro trouxe, gravado no meu coração, estas duas recordações, que jámais se apagarão — a dos pescadores e a das tricanas. Quando alguns rapazes daquele tempo, organizaram uma pequena orquestra de que eu fazia parte, por que era violinista, nas serenatas que por noites de luar promovíamos na ria, a nossa clientela era principalmente composta de pescadores e de tricanas. Declaro que essas mulheres, marchando velozmente, com as suas tamanquinhas, me fascinavam.

É bem certo que a mocidade tem de pagar o seu tributo ao amor. É dos livros. Não podia sêr eu uma excepção á regra geral. Folgo em o afirmar. O coração representou um grande papel na minha existência. Atribuo a esse facto a bondade, que sempre me dominou.

As primeiras caricias, recebi-as de uma mãe extremosa, que adorei. Foi ela que educou a minha

alma na infancia, moldando-a á sua imagem e semelhança, como se fôra cêra. Na idade adulta, outras mulheres, guardada a devida distancia, com quem convivi, e com quem muito aprendi, seguiram-lhe os passos. A tricana foi a primeira que despertou em mim o ideal da beleza, que me tem acompanhado. De modo que bem posso dizer que Aveiro foi a minha patria adoptiva. Da cidade e de seus suburbios, guardo a impressão de uma paisagem sem igual que poderosamente influiu no meu character. Os individuos dependem em parte do meio em que foram educados e em que a sua acção se desenvolveu. Não é outro o segredo da vida espi-ritual.

bibRIA

NA INVICTA

SUMARIO

Os ultimos preparatorios no liceu do Porto.
 — Exaltação das qualidades dos chamados animais inferiores, condenação das touradas, em plena aula de filosofia.
 — Ansia de saber e sofreguidão da leitura, de que resultaram os meus primeiros vãos literarios. — «O Pirlampo».
 — Saldanhada. — Estreia no jornalismo: minha exclusiva profissão. — Examinador. — Publicações várias. — Autores predilectos. — Primeiras tendências literarias e politicas. — Alexandre Herculano e Guilherme Braga. — Lutadores. — Uma desordem á porta da Sé. — «O Diario da Tarde». — A minha intervenção no incidente da Sé. — Antonio Rodrigues Sampaio, um caso curioso. — «O Espectro».

Terminada a minha vida colegial, e feitos em Lisboa quasi todos os preparatorios, mandou-me meu Pai para o Porto a fim de terminar os que me faltavam. Matriculei-me em filosofia, historia e latin. Conservo gratas recordações dêsse tempo em que pela primeira vez me vi inteiramente livre, e segui os meus naturais impulsos.

O compêndio de filosofia adoptado no liceu ti-

nha por autor Costa e Almeida, que foi também o meu professor. Houve questões, que me apaixonaram, e entre elas ocorre-me uma famosa discussão, que se travou, em plena aula, sobre a inteligência dos animais.

As abelhas e as formigas figuraram na primeira plana; a fidelidade do cão foi aclamada unanimemente. O cavalo, com a sua elegancia, o boi com a sua paciência, e todos os outros animais, que constituem um verdadeiro mundo, foram objecto de polemicas apaixonadas e ardentes. As touradas foram violentamente condenadas, como provas de barbarismo repugnante. A proposito ventilaram-se muitos episodios succedidos com os chamados irracionais, concluindo, o nosso piedoso altruismo, que a vida d'elles era tão inviolavel e sagrada como a dos homens, e ainda, que se lhes deve protecção como cooperadores do trabalho humano, e até, muitas vezes, como dulcificantes das amarguras da vida.

Esta fase da minha existência revelou-se como um verdadeiro desabrochar de mocidade, na ansia de saber, na sofreguidão da leitura. Dessa ansia e dessa sofreguidão resultaram os meus primeiros vãos literarios.

Publicava-se então no Porto um jornal muito interessante, *O Pirilampo*. Saía á noite, distribuia-se pela cidade em carros com lanternas de côres. Era director desta publicação, que teve dias de successo, o meu amigo Gualdino de Campos, depois redactor

do *Primeiro de Janeiro*. Tanto insistiu comigo, esse querido companheiro, que me resolvi a escrever o primeiro artigo, atacando violentamente o movimento da «Saldanhada», que êle colocou no lugar de honra.

De aí por diante repetiu-se a insistência, e eu comecei a tomar gosto em escrever para o publico.

E com que extremo prazer eu celebrava essas tentativas literarias! Punha-me de joelhos em cima da cama, abria os jornais e de longe contemplava-os, ufano e desvanecido!...

Creio que terá sucedido coisa identica a todós os novatos nas letras. É um tributo, que se paga invariavelmente ao nosso orgulho de vêr o nome em letra redonda. *O Pirilampo* marcou a minha entrada no jornalismo. Desde então nunca mais deixei de escrever. O jornalismo é uma verdadeira paixão. Para êle me senti inclinado desde criança, considerando-o como a unica e a verdadeira profissão, que exerci na terra. A pesar de as circumstancias me terem obrigado a aceitar alguns cargos politicos, posso afirmar que sou jornalista e que jornalista morrerei.

*

Quando fui para o Porto, e me matriculei como aluno do liceu, longe estava de imaginar que seria mais tarde examinador do mesmo liceu. Por uma lei daquele tempo, eram os govêrnos que nomea-

vam individuos á sua escolha para formarem as mesas de exame das diversas disciplinas. Bons tempos aqueles, quasi antediluvianos, em que tais serviços eram remunerados com uma libra em oiro por dia!

Acabava eu de me formar em direito, quando fui nomeado examinador de linguas: francês, inglês e alemão. Êste facto deu-me aso a poder apreciar o que representa o empenho em Portugal. Poucos eram os alunos que não me fossem vivamente recomendados. Descobriam-se para isso os meios mais extraordinarios, umas vezes eram pessoas de familia, que se me dirigiam, outras eram amigos intimos, que residiam nos mais afastados pontos do País. Vi-me, pois, obrigado a estabelecer uma regra: não abrir cartas, e sêr o mais benevolo possível para todos os examinandos, sem excepção. E dizia de mim para comigo: — «se isto succede aos miseros examinadores, que acontecerá áqueles que estão á testa dos altos cargos politicos e sociais?!»

Pelo andar dos tempos verifiquei que o empenho em Portugal é uma verdadeira instituição. Andam ao par o empenho e a esmola. A meu vêr são dois vicios, que herdámos dos conventos, como estigma que é preciso combater. Sem morigeração de costumes não pode haver transformação social benefica.

*

Foi nos intervalos dos exames que escrevi *A Senhora Viscondessa*. Tinha já publicado em Coimbra várias obras, entre as quais me ocorrem: *Miniaturas Romanticas*, meu primeiro ensaio literário; *Padres e Reis*, opusculo de combate, que se esgotou em oito dias; *A Actualidade*, estudo economico-social; *O Papa perante o seculo*, refutação do ultramontanismo; *Os Estados Unidos da Europa*, etc.

Seduziram-me a principio os livros de Alexandre Herculano e de Almeida Garrett. Foram dias bem vividos aqueles em que devorei as *Lendas e Narrativas* e as *Viagens na minha terra*. Da leitura, tanto de autores nacionais como estrangeiros, surgiram as minhas primeiras tendências literarias, que depois se converteram em tendências politicas e sociais. E de aí derivou o desejo de conhecer intimamente alguns dos combatentes politicos mais em evidência naquele tempo.

Falarei, principalmente, de Alexandre e de Guilherme Braga.

Todos conhecem a obra anti-clerical do segundo. Guilherme Braga era filho espiritual de Victor Hugo, admiravel na apostrofe e soberbo no ataque ao jesuitismo. O que Alexandre fazia com uma eloquência invulgar em prosa, realizava-o Guilherme em verso. Recordo-me, entre outros feitos, que abalaram o espirito publico, o seu famoso discurso-libelo

contra a Companhia de Jesus, pronunciado no Teatro de S. João, do Porto. Durante quatro horas teve o auditorio suspenso dos seus labios. Foi um triunfo monumental, que influiu poderosamente para o resultado de outras manifestações, que depois se produziram. Não ha, por certo, ninguém, ainda hoje, que não recorde com admiração a terrível sátira dirigida ao bispo do Pará, que havia excomungado o Poeta. A resposta foi fulminante :

Embora sobre mim pese
O teu anatema aí,
Eu, bispo doutra diocese,
Tambem te excomungo a ti.

Todos os lutadores, que vieram depois, Urbano Loureiro, Gaspar Borges de Avelar, José Pereira Sampaio (Bruno), Basilio Teles, Agostinho Albano, Felizardo Lima, Guerra Junqueiro, Heliodoro Salgado, seguiram a mesma esteira dos dois precursores, tendo-se alargado a sua influência á Academia de Coimbra, onde se formaram vários nucleos liberais.

Não esquecerei, entre outras manifestações, aquela que se realizou á porta da Sé, onde se celebrava o aniversario de Pio IX. Travou-se vibrante batalha entre populares e a força publica. O espirito liberal afirmou-se de uma maneira profunda e intensa pela voz de alguns dos mais reputados caudilhos da causa, como o illustre professor Azevedo

e Albuquerque, e os advogados Delfim Maia, Costa e Almeida, e outros.

O *Diario da Tarde*, em que eu colaborava, foi o órgão destemido do movimento. Êste jornal tinha uma feição combativa e, por isso mesmo, uma larga tiragem absorvida na maior parte pelas classes populares. Constituíam a redacção Urbano Loureiro, Borges de Avelar e Agostinho Albano. O diário era sobretudo anti-clerical.

Vem isto a pêlo para contar um episodio, que pessoalmente me diz respeito.

A festa da Sé foi uma verdadeira provocação a que os liberais acudiram. Da peleja saíram feridos muitos dos contendores. Sugestionado pelo irritante acontecimento, eu, que me encontrava casualmente no Porto, escrevi o artigo de fundo desse mesmo dia, censurando muito asperamente o governo pelas consequências daquelle acto.

Era ministro do Reino o velho jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, que, por acaso, tambem se encontrava no Porto, hospedado em casa do medico Ferreira, de passagem para umas térmias do norte.

Tendo terminado o jantar, pediu o jornal, que costumava lêr diariamente. Pouco depois, o dr. Ferreira viu-o por tal fórma transtornado que recebeu uma congestão, e lhe perguntou, solícito, a causa daquelle incomodo.

— Isto não pode sêr, meu caro amigo, isto não pode sêr. Êste senhor que vá escrever estas coisas lá para o seu país.

Supondo-me brasileiro, telegrafou ao governador civil de Aveiro, onde vivia a minha família, a perguntar-lhe se eu era brasileiro, ou português. Mendes Leite, que era o funcionario interrogado, grande amigo de José Estevam e de meu Pai, respondeu pelas seguintes palavras:— «Magalhães Lima, não só é português, mas também filho de um dos nossos melhores amigos».

Antonio Rodrigues Sampaio enguliu a pilula com bastante contrariedade.

Passados anos, veio a Lisboa M.^{me} Ratazzi, que ofereceu no Hotel Braganza vários banquetes aos politicos e homens de letras. Luciano Cordeiro, que era um dos convidados, tomando-me do braço, exclamou:

— Quero apresentar-te ao Sampaio, que deseja muito conhecer-te.

Surpreendido, deixei-me conduzir, não sem certo receio de algum conflito.

Qual foi, porém, o meu espanto quando vi na minha frente Sampaio de braços abertos, vindo ao meu encontro para me abraçar, e proferindo a seguinte frase, que bem caracterizava a sua bonomia:

— Eu, afinal, gosto dos homens como o senhor; o que lá vai, lá vai...

Antonio Rodrigues Sampaio era um grande jornalista. Uma vez, que foi interpelado na Camara por causa da publicação do *Espectro*, que êle conseguira fazer secretamente, vivendo numa mansarda, respondeu com altivez:

— Ainda bem que me lembram esse facto da minha vida: tenho mais orgulho em haver sido director do *Espectro*, do que em ocupar hoje o lugar de Ministro do Reino.

O *Espectro* serviu nobremente a Liberdade, e foi util ao País, razão porque se me afigura não sêr nunca demais consagrar a memoria do brilhante jornalista combativo.

Como ministro tambem serviu a Liberdade com a publicação dumCodigo Administrativo, que a República, após 16 anos de existência, não teve ainda a coragem de publicar.

bibRIA

bibRIA

VIDA UNIVERSITARIA

SUMARIO

Dois grandes acontecimentos internacionais fizeram surgir muitos nucleos republicanos. — A Academia republicana. — Emilio Castelar, a sua ida a Coimbra. — Episodios curiosos. — O exito do meu discurso de saudação ao grande tribuno. — A «Associação dos Artistas de Coimbra», tribuna aberta para os meus primeiros vãos de propagandista. — Camaradagem com vultos illustres. — A «República Portuguesa». — O «Espectro de Juvenal» com Silva Pinto. — Anterior colaboração noutros jornais: «Conimbricense», «Correspondência de Coimbra», etc. — «Misterio da Estrada da Beira». — Vinda para Lisboa e ingresso no «Comercio de Portugal», como director, ao qual dei feição republicana. — «O Seculo» como consequência dêste meu inicio jornalístico na capital. — Banquete de despedida em Coimbra. — Advocacia gratuita aos pobres naquela cidade. — «Os Lazaristas», de Antonio Enes. — Discurso de aplauso ao autor e exaltação da Liberdade.

Durante o meu tempo academico desenrolaram-se dois grandes factos internacionais: a Comuna, de Paris, e a Revolução, em Espanha. O

opusculo do grande republicano José Falcão, sobre a Comuna, produziu entre os academicos grande efervescência, dando logar á fundação de muitos grupos republicanos.

Os fusilamentos, mandados executar em Satory por ordem do Presidente Thiers, provocaram a maior indignação entre os academicos.

Coisa curiosa para notar: a maioria da Academia era por esse tempo republicana. O republicanismo academico aumentou, quanto possivel, com a revolução espanhola. Quando chegou a Coimbra a primeira noticia da proclamação da República em Espanha, os estudantes, com uma filarmónica á frente, encheram o Largo da Feira, aclamando a República com entusiasmo indescrivivel.

No corpo docente da Universidade houve lentes que se solidarizaram com o acontecimento. Entre outros, aprez-me citar: Manuel Emidio Garcia, Antonio Jardim, Mendonça Cortez, Rodrigues de Brito, o autor dum compêndio de direito natural, que substituiu o *neminem læde* pelo principio positivo da *mutualidade de serviços*, e outros.

Pouco tempo depois, estava eu em Aveiro, a gozar as férias de verão, quando passou no caminho de ferro o glorioso Emilio Castelar, que se dirigia a Coimbra, com alguns amigos, numa carruagem salão. Eu, que já tivera a honra de me corresponder por escrito com êle, fui ao seu encontro a fim de lhe apertar a mão. Castelar perguntou-me o que estava fazendo em Aveiro.

— A passar as férias com minha família, respondi.

Tomando-me pelo braço, exclamou:

— Pois agora será meu; e, carinhosamente, obrigou-me a tomar logar no salão em que viajava.

Foi um incidente feliz, que devo ao acaso.

Em Coimbra ignorava-se absolutamente a chegada do ex-presidente da República Espanhola, que tanto dera que falar por ocasião do golpe de Estado de Pavia.

Dei-me pressa, ao chegar á Lusa Atenas, em prevenir não só os lentes mas também os estudantes republicanos daquele tempo, que os havia em grande numero.

Seguro do efeito das minhas diligências, voltei ao «Hotel Mondego», com o fim de me pôr á disposição de Emilio Castelar.

Visitamos todos os monumentos, tendo-se dado, durante o trajecto um episodio interessante.

Na igreja de Santa Cruz o organista, querendo dar uma prova da sua admiração pelo insigne espanhol, sentou-se ao órgão e tocou o... *Hino da Carta!* Castelar, um pouco fatigado, adormeceu, tendo sido depois despertado com grande magua nossa, para o trazer á realidade terrena.

Não sei o que o organista teria pensado do caso. A sua desilusão foi, certamente, grande. Mas a nossa ainda havia sido maior, quando êle teve a extravagante idea de homenagear Castelar com o hino real!

À noite, segundo a palavra de ordem, juntaram-se em frente do «Hotel Mondego», onde se alojara o ilustre viajante, milhares de pessoas, entre as quais se destacavam lentes de nomeada como José Falcão, Bernardino Machado, Antonio Jardim, Mendonça Cortez, e outros.

Tinham acorrido também duas filarmonicas para darem relêvo á manifestação.

Qual não foi o meu espanto—frequentava o quarto ano de direito, 1874—quando me vi rapidamente cercado por professores e estudantes, que me impunham a necessidade de celebrar o grande homem, cujo nome se tornara universal, com um discurso, proferido em nome da Academia.

Foi um dos momentos mais graves da minha vida.

Pedi apenas para me deixarem dar um pequeno passeio, o que fiz, procurando rapidamente architectar o discurso, que devia pronunciar.

Meia hora depois estava em frente do Hotel, e, subindo a umas pedras, que acidentalmente se encontravam em monte, procurei, com o fogo da mocidade, concretizar na luminosa figura, que tinha perante mim, a Democracia na sua mais alta e mais bela expressão ateniense.

As minhas palavras despertaram não só o aplauso delirante da Academia senão também a consagração do maior orador daquele tempo, que desceu á rua para, carinhosamente, me abraçar e beijar.

*

A «Associação dos Artistas de Coimbra» costumava convidar para as suas festas alguns estudantes mais em evidência. Foi lá que eu encontrei uma tribuna aberta para os meus primeiros vãos de propagandista. Ali proferia de quando em vez os meus discursos de liberal convicto, e de lá fiz irradiar a minha propaganda para vários jornais em que colaborava. Nessa época estreitei relações de afectuosa camaradagem com alguns publicistas a esse tempo já ilustres, entre os quais me apraz citar: Luciano Cordeiro, Gomes Leal e Silva Pinto. Êste, que era um admirável batalhador, aproveitou muitos domingos para estar comigo em Coimbra. Ofereceu-me o seu primeiro livro *Horas de febre* e juntos fundámos o *Espectro de Juvenal*, revista de polemica literaria. Mal poderia eu imaginar que alguns anos depois seria visitado na minha casa, em Lisboa, pelo grande panfletario, doente, trôpego e sem recursos!... Não esquecendo os velhos tempos de camaradagem, procurei prestar-lhe os serviços que o seu antigo affecto me impunha.

Antes da fundação da *República Portuguesa* já eu havia colaborado no *Conimbricense*, dirigido por Joaquim Martins de Carvalho, conceituado investigador historico; na *Correspondência de Coimbra*, dirigida pelo illustre professor Emidio Garcia, em que colaborava tambem o infatigavel propagandista Feio Terenas, e Abilio Roque de Sá Barreto,

um dos mais antigos republicanos de Portugal, e no *Tribuna Popular*. Nêste periodico publiquei uma fantasia, intitulada «Misterios da Estrada da Beira», que alarmou a cidade, e provocou a intervenção da policia. O assunto era um simulado crime cometido num dos pontos daquela estrada, em condições rocambolescas.

Quando se fundou a *República Portuguesa*, agremiaram-se todos os estudantes liberais daquele tempo.

Sucedeu com êste jornal o que sucede com todos os jornais academicos, que, em geral, dependem da formatura daqueles que os dirigem. Concluido o curso, cada um segue o seu caminho.

Alves da Veiga foi para o Porto, e lá continuou galhardamente a sua cruzada, fundando pouco depois a *Discussão*, em que revelou altas qualidades de escritor elegante e de pensador iminente. Eu vim para Lisboa e entrei como director para o *Comercio de Portugal*, tornando-o, apesar de pertencer a uma sociedade anonima de responsabilidade limitada, um órgão republicano.

Não foi baldada a semente lançada á terra. Pode bem dizer-se que *O Seculo* foi uma consequencia dêstes preliminares.

Antes de partir de Coimbra, em 1875, julguei meu dever oferecer um grande jantar, que foi presidido pelo notavel lente, Dr. Julio Augusto Henriques, a muitos dos meus camaradas e outros habitantes da cidade, que carinhosamente me tinham acompanhado durante a formatura.

Nos meus quarto e quinto anos tinha advogado, gratuitamente, algumas causas de gente pobre. Isso valeu-me a simpatia da população, que me foi ovacionar, no fim do jantar, com uma filarmónica á frente.

E, coisa curiosa: representava-se por acaso nessa noite no Teatro Academico, *Os Lazaristas*, de Antonio Enes, que havia ido com a companhia do Gimnasio a Coimbra. Assomando a um camarote de primeira ordem, glorifiquei o autor e entoiei um hino á Liberdade.

Assim, rematei a minha vida academica.

bibRIA

bibRIA

PARTE SEGUNDA

EM PLENA CAMPANHA

«Ceux qui vivent ce sont ceux qui luttent; ce sont ceux dont un dessin ferme remplit l'âme et le front, ceux qui d'un haut dessin gravissent l'apécime, ceux qui marchent pensifs, épris d'un but sublime, ayant devant les yeux, sans cesse, nuit et jour, ou quelque saint labeur, ou quelque grand amour».

VICTOR HUGO.

PARTIE SECUNDA

EM PLANA CAMPANIA

bibRIA

PRIMEIRAS VIAGENS

SUMARIO

Ida a Madrid com Trigueiros de Martel. —
Desejo de travar relações com os republicanos da velha guarda e com todas as grandes figuras mundiais, que me haviam seduzido a imaginação no tempo de estudante. — Resolução de correr mundo. — Viagens com Trigueiros de Martel e Assis Brasil. — Federalismo.

Tinha acabado de me formar na Universidade de Coimbra quando se deu a restauração dos Bourbons em Espanha. Combinei com o meu velho companheiro e amigo, Trigueiros de Martel, irmos a Madrid colher informações sobre os acontecimentos. Ali encontrámos alguns portugueses que tinham ido com o proposito de assistir ás festas da entrada em Madrid do general Martinez Campos e das suas tropas. Recordo-me de ter visto Baltazar Radich, então redactor do *Jornal do Comercio*, e o engenheiro Sousa Brandão.

O meu fim, mais do que qualquer outro, era entabular relações com os velhos e ilustres republicanos, que tinham caído em virtude do golpe de estado de Pavia.

Aproveitei, pois, o momento e puz-me em con-

tacto com alguns, que haviam sido presidentes da República, e que eu muito admirava, entre os quais gostosamente cito Pi y Margal, Emilio Castelar e Nicolau Salmeron.

Castelar, a pesar de grande homem de letras, de fama universal, foi, ainda assim, o mais politico de todos.

Pi y Margal, que bem podia comparar-se ao nosso Teofilo Braga, era homem dotado de uma admiravel illustração. Foi vítima do seu amôr aos principios. Quando se deram os acontecimentos sangrentos de Alcoy e Cartagena, êle, que era então ministro da Justiça, expediu telegramas para as autoridades daquellas regiões, pondo sempre as ideas republicanas acima de todas as paixões e de todos os conflitos.

Condenava a violência. E o mesmo succedeu a Salmeron, que caiu por não ter querido assinar uma sentença de morte, aplicada a um sargento, chefe duma rebelião contra o regime.

Pode bem imaginar-se o que eu ganhei com essa primeira viagem. A revolução espanhola tinha produzido grande impressão nos estudantes do meu tempo, como já referi. Sobretudo os três chefes citados eram muito apreciados pelos academicos. Com a aproximação dêstes homens illustres me veio o desejo de conhecer todas as figuras que haviam excitado a minha imaginação de estudante.

Esta primeira viagem aguçou em nós, companheiros de casa de Coimbra e depois companheiro

tambem nas lutas politicas — Trigueiros de Martel e eu — o apetite de correr mundo. De aí me veio o cosmopolitismo que me absorveu durante muitos anos.

Era uma curiosidade de vêr e ansia de saber.

Aqueles homens, verdadeiros simbolos, resumiam os acontecimentos da época. A sua palavra era para nós um Evangelho, e as suas lições ficaram para todo o sempre gravadas no nosso espirito. Ainda recordo o entusiasmo com que li as *Nacionalidades*, obra prima de Pi y Margal, e como segui a sua propaganda tão claramente exposta e tão acessivel ao povo.

O federalismo, que êle advogava, tivera grande repercussão em todo o mundo civilizado. Na Italia o proprio Garibaldi era federalista. Em França havia-se formado uma verdadeira escola federalista, graças á influencia de Proudhon. Compreende-se bem como a Espanha e a Italia estavam talhadas para uma federação. No primeiro dêstes paises cada provincia, pode bem dizer-se, representa um estado autonomo, com dialectos, costumes e tendências fortemente acentuados. Na propria Inglaterra, se estivesse estabelecida a federação, as lutas irlandesas não se haveriam produzido. Creio que a fórmula federativa é a unica que se adapta a uma República bem organizada. As lutas da França têm sido principalmente devidas ao seu exagerado unitarismo.

bibRIA

CAMARADAGEM LITERARIA

SUMARIO

Fixação de residência em Lisboa com o principal intuito de seguir a carreira das letras. — Antigas relações literarias. — «A Folha», de João Penha. — Origem do «vicio» literario. — A Livraria Pacheco & Carmo, na rua do Ouro, e seus frequentadores. — Episodio Sousa Martins. — Convivio com Fernando Caldeira e com Guilherme de Azevedo, Julio Cesar Machado e vários outros escritores. — Episodios curiosos. — Discurso no centenario de Herculano. — Sousa Martins. — A subscrição nacional. — A «Tribuna», de Ferrer Farol. — Candido de Figueiredo.

Quando no inverno de 1875 resolvi fixar a minha residência em Lisboa, estava a politica longe do meu pensamento. O meu fim era dedicar-me ao jornalismo, para o qual me sentia atraído irresistivelmente, e ás letras. Assim, nunca esquecerei as boas relações literarias, que vinham já do meu tempo de estudante, com Antero do Quental, Oliveira Martins, Guilherme de Azevedo, Luciano Cordeiro, Candido de Figueiredo, Antonio Enes,

Gomes Leal, Guerra Junqueiro e, particularmente, com Silva Pinto.

No meu tempo universitario publicava-se em Coimbra uma revista intitulada *A Folha*, dirigida pelo grande poeta João Penha, onde Gonçalves Crespo publicou várias das suas deliciosas poesias, que depois reuniu em volume sob o titulo *Minia-turas*.

Era uma especie de cenaculo, muito considerado por todos os homens de letras do país. *A Folha* fez escola, e João Penha tornara-se um poeta impecavel pelos seus admiraveis sonetos. Era um mestre, e em volta da sua interessante personalidade agruparam-se todos os que por essa época tinham aspirações literarias. Pode bem dizer-se, pois, que *A Folha* marcou um periodo para que muito contribuiu o glorioso Junqueiro.

De aí me veio o meu *vicio* literario.

Vim encontrar em Lisboa alguns dos meus antigos inspiradores, com quem entretivera as mais affectuosas relações epistolares.

Havia na rua do Ouro a livraria Pacheco & Carmo, que constituía um ponto de reunião para literatos e jornalistas. Ali encontrava, quasi diariamente, entre outros: Luciano Cordeiro, Rodrigo Pequito, Antonio Enes, Ferreira de Almeida, Gervasio Lobato, Jaime Victor, Carlos de Moura Cabral, Lorjó Tavares e Teixeira de Queiroz.

Sousa Martins tambem de quando em vez apparecia pela livraria. E a proposito não deixarei no

esquecimento um curioso episodio que se passou com o seu monumento no Campo dos Martires da Patria.

Sabem todos a amizade que Casimiro José de Lima professava pelo illustre professor. Todas as manhãs ia a sua casa para lhe abrir a janela do quarto. Isto durou muitos anos, numa admiração sempre crescente.

Morreu o grande medico e a ultima pessoa a quem êle escreveu foi precisamente a Casimiro José de Lima, dizendo-lhe que um medico, ameaçado de morte por duas doenças, ambas fatais, deve eliminar-se por si mesmo. Ninguem ignora que Sousa Martins sofria ao mesmo tempo de uma tuberculose e de uma lesão cardiaca.

Casimiro sofreu um duro golpe, e logo pensou na maneira de prestar a maior das homenagens ao amigo desaparecido. Assim, começou desde logo a trabalhar para a publicação do *In Memoriam*, que resultou brilhante pela selecta colaboração. Abriu uma subscrição entre os afeiçoados do morto amado, resolvendo com o seu produto erigir-lhe um monumento digno de tão alta personalidade. Foi confiada a obra a escultor conhecido. Quando D. Carlos foi inaugurar o monumento, diz-se que exclamou :

— O meu desejo seria de novo cerrar aquele mamarracho.

Os circumstantes ficaram aborrecidos e Casimiro José de Lima, considerando, e bem, que o monumento estava longe de corresponder á celebridade

de Sousa Martins, pensou desde logo na necessidade de o fazer desaparecer. Consultou vários amigos e todos foram da mesma opinião. Então meditou-se a tragédia, e um belo dia fui avisado de que deveria comparecer na madrugada imediata no Campo dos Martires da Patria. Tinha o aviso como que um character revolucionario de pessoas que se preparavam para um grande feito. Assim, fômos todos de bengalão em punho resolvidos a praticar esse grande atentado. Houve quem levasse mesmo martelos e outros instrumentos contundentes. A um sinal dado, todos se atiraram á presa, levando cada um consigo no bolso uma reliquia da triste obra, que era o monumento.

Casimiro estava radiante, e como complemento da proeza preparou logo uma nova subscrição entre os conjurados, em que figuravam alguns homens prestigiosos de então, para erguer no mesmo logar outro monumento digno do grande Sousa Martins. Foi uma reparação, que reabilitou a memoria de quem tanto a merecia pelos seus predicados augustos.

Um dos meus melhores amigos dêsse tempo, que eu considerava um verdadeiro irmão espiritual, foi Fernando Caldeira, um poeta lirico muito apreciado nos salões e autor da *Mantilha de renda*, que tão grande e justificado exito obteve. Eramos certos a jantar no «Hotel dos Embaixadores», frequentado pela *élite* da sociedade lisbonense.

Pouco tempo depois reuni-me a Guilherme de

Azevedo, tendo habitado juntos várias casas de hospedes. A da rua do Crucifixo era visitada frequentemente por Urbano de Castro, Teixeira de Queiroz, Jaime de Seguiet e Santos Nazaré, e a da rua dos Retrozeiros, em frente da antiga livraria do *Frade*, que foi a ultima coabitada por nós, onde compareciam Julio Cesar Machado, que ás vezes nos levava garrafas de vinho e de *cognac* da sua reputada garrafeira, Guerra Junqueiro, Caetano Pinto, Ferreira Mendes, etc. A proposito devo dizer que Julio Cesar Machado era um notavel *rotisseur*, e nos convidava a cada passo para a sua casa da travessa do Moreira, n.º 2, onde se realizavam verdadeiros agapes romanos.

— Amanhã mata-se um belo animal em minha casa, lá te espero com o Bordalo, com o Guilherme e com o Urbano.

O animal era, em geral, um cabrito, assado pelo Mestre. Eram adoraveis esses instantes passados ao lado do brilhante folhetinista, cujos ditos chistosos eram temperados por outros, igualmente picantes, dos convivas e amigos. Mal diriamos nós, nessas horas, que Julio Machado havia de ter o fim tragico que teve, e que a pequena travessa havia de sêr baptizada com o seu nome aureolado. O Visconde de Benalcanfôr completava muitas vezes o quadro. Foi êste amigo intimo que lhe acudiu numa hora extrema: Julio Cesar Machado participára-me no seu dizer espirituoso, que tinha *viajado* os predios, que possuia, pois com o dinheiro da venda

dêles empreendera viagens a França e á Italia. Em certa noite, vespera de partir para as Caldas da Rainha, em cujas proximidades vivia sua velha mãe, não tinha na algibeira mais do que uma nota de dez mil réis. Nessa mesma noite encontrou junto do Passeio Publico o Visconde de Benalcanfôr, que lhe comunicou o desejo de Andrade Corvo lhe falar com brevidade. Retardou um dia a partida e foi falar ao ministro, que em tom efusivo lhe annunciou a sua nomeação para secretario do Instituto Commercial e Industrial de Lisboa.

— Foi a minha salvação! contou-me êle ao narrar êste pequeno episodio da sua vida.

A minha admiração pelos nossos grandes escriptores vinha de longe. Era-me grato lêr Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Lopes de Mendonça, Andrade Corvo, Rebelo da Silva, Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, etc.

HERCULANO

O meu amigo Gomes de Brito falava-me com enternecimento de Herculano. E a tal ponto levava a sua ternura, que, sabendo que o autor do *Eurico* ia aos sabados á noite á Livraria Bertrand, o esperava junto dum candieiro, á esquina da igreja dos Martires. E tanto repetiu o facto, que o grande historiador, notando a sua presença, se lhe dirigiu nos seguintes termos:

— Que fazes tu aqui todas as noites?

Gomes de Brito, muito tímido, como um colegial, respondeu :

— Venho só aos sabados para vêr passar V. Ex.^a

— Mas sabes quem eu sou?, perguntou o famoso investigador.

— É o sr. Alexandre Herculano.

— Pois bem! Aparece por minha casa na proxima terça-feira, rematou Herculano, em tom carinhoso.

E assim succedeu. Gomes de Brito, convidado pelo Mestre, jantou com êle, e as relações entre os dois foram-se estreitando cada vez mais, até ao ponto de Gomes de Brito sêr considerado um dos seus discipulos mais fieis, mais entusiastas e ardentes.

E foi solicitado, muitos anos depois, por êste meu querido amigo e por um outro não menos amado, pelo grande portuguez, Rosendo Carvalheira, que eu, por ocasião da celebração do centenario do grande historiador, entoei um hino áquele cuja memoria se immortalizava. Fômos juntos a Vale de Lobos, tendo por companheiros o dr. Alfredo da Cunha, que no *Diario de Noticias* glorificou em palavras comovidas o poeta, o filosofo e o historiador.

No discurso proferido no «Centro Elejtoral e Escolar Republicano de Belem», perguntava eu o que fôra Herculano :

Na escola da adversidade se modelou o seu feitio, agreste até á ferocidade, o seu feitio estoico, o seu feitio bronzeo e viril, como bronzeo e viril foi o seu estilo. Derivou de aí a sua fortaleza. A emigração e as lutas internas tornaram-no um revoltado, bem contra sua vontade, porque

não amava a violencia. Quantas vezes teria deplorado a guerra civil em que entrara como simples soldado razo?

Herculano foi primitivamente, por indole e por educação, um cristão. Dos congregados de S. Filipe de Nery, recebeu os primeiros rudimentos de literatura, tendo sido seu mestre o padre Vicente da Cruz. Espiritualista era-o aos 19 anos, quando publicou a *Semana Santa*, a primeira das poesias da *Harpa do Crente*, inspirada na *Messiada*, de Klopstock, o unico poeta que, em seu juizo, compreendêra o drama da Redenção que tanto admirava e que o enternecêra até á piedade, e espiritualista se mostrou na *Arrabida* e na *Cruz Mutilada*. A' extremada e carinhosa dedicação da Marquiza d'Alorna deveu Herculano o ter podido penetrar os segredos da lingua alemã.

Cristão foi, é certo, desde os seus primeiros anos e cristão se conservou até aos seus ultimos dias, sinceramente persuadido — louco visionario! — que o *cristianismo seria o eterno aliado da Liberdade*.

Mas de crêr na religião de S. Paulo e de Santo Agostinho, de crêr, firmemente, nas salutareas consequencias do drama da Redenção para o genero humano — segundo a sua propria frase — a deixar-se iludir, enroscar e envenenar pela serpente jesuítica, vai uma grande distancia. E aqui está o motivo porque, apezar de catolico fervente, ele não foi, todavia, um catolico romano.

O que foi pois, Herculano?

Foi um protestante, por mais estranho que isto pareça, não obstante ter crivado o protestantismo, na *Introdução ao paroco da aldeia*, com as suas setas mais aceradas. Como os protestantes, ele foi um religioso com tendencias misticas, repelindo, todavia, com altiva independencia, os dogmas imutaveis, os milagres, o fanatismo, as superstições, e todas as credices absurdas.

Foi um individualista (não confundir com o egoísta) que adoptou a razão, como unica norma dos seus actos e da sua existencia.

Foi um metafísico, um *Kantista*, que acreditou numa liberdade abstracta, como a haviam concebido os generosos sonhadores do seu tempo.

Foi, no período em que viveu, um fiel interprete do espirito nacional, de aspirações vagas e romanticas.

Foi um propugnador acerrimo e convicto das liberdades locais, do municipalismo, convencido de que nele residia a grande força popular, a salvação para os males de que enferma a sociedade portuguesa; o que provou nobremente, quando presidente deste extinto concelho de Belem.

Foi um decidido e dedicado apostolo da lei do registo civil e um inimigo implacavel do clero romano, insolente, fanático, estúpido e mau.

Foi um amigo do povo, da *Canalha* que sofre, sinceramente persuadido de que a nobresa, o clero e a burguesia se haviam abastardado, falseando a sua tradição e mentindo á sua missão.

Foi um português de raça que teve a intuição dos factos e a previsão dos acontecimentos e que, como todos nós, alimentou a mesma esperança de melhores dias para a nossa infeliz patria que está carecendo de remedio heroico.

Foi um crente que julgou possuir a verdade integral, na historia, na política, na religião, na literatura, na arte, não se apercebendo — ai de êle! — que não ha nem verdades absolutas nem verdades eternas e que a relatividade caracteriza todos os factos e fenomenos sociais.

Ficou-nos porém, do seu ensinamento a sugestão de uma moral superior, como factor de regeneração nacional. Da sua poderosa personalidade, resalta, como no Catão romano, a grandeza moral de uma Consciencia, forte, pura, austera, incorruptivel, imaculada; e tanto bastou para o impôr á admiração de nacionais e estrangeiros.

Coisa grande, enorme! Culminancia extrema! Nêste espartano, altivo e indomavel, o caracter igualou a obra.

E, como o frade revoltado, êle podia tambem ter adoptado a mesma divisa, emancipadora e humana :

Escutai a Verdade...

Ensinai a Verdade...

Amai a Verdade...

Defendei a Verdade até á morte...

Falando do morto amado, como inimigo da Roma papal, eu disse :

A época inquieta e revôlta em que viveu Herculano e em que a sua acção se desenvolveu, agitada por um duelo formidavel, entre o velho espirito do passado e o novo espirito revolucionário, reflectiu-se profundamente na sua obra, tornando-o tímido, hesitante, e, por vezes, contraditorio. Êle atacou violentamente a Igreja romana, mentirosa e hipocrita, e manteve-se dentro dela. Combateu com ardôr os vicios do constitucionalismo, que descreveu com as côres mais negras e não teve coragem para o abandonar.

Como se não escandalisaria o crente austero, vendo a Igreja mentir aos dogmas que o tinham inspirado a êle; poeta, que o tinham ajudado a ter a força, para defender a liberdade; soldado, que tinham sido para êle a unica virtude que um homem possa desejar para ser grande—a fé?!

A questão pois, entre Herculano e o Clero é a questão de um católico fervente contra os *depositários fementidos da fé*. Êle a denuncia-los, e êles, derramados, por se verem delatados! Êle a afirmar, na sua *História do Estabelecimento da Inquisição*, que a hipocrisia de Roma contaminou a realzeza e a fez instrumento da sua insaciavel sordidez, explorando-lhe as manhas, e os bonzos a assanharem-se, mordendo as mãos que mataram a fome á classe...

Que o retinha, pois, que não arvorasse o estandarte da revolta, farto de aturar desprimores da alta curia e selva-gerias da gente tonsurada? Que o retinha que não pro-

clamasse a necessidade para Portugal de romper com Roma? Que o reteve que não dissésse o que êle muito bem sabia, aberta e claramente?

Roma papal! Mas quem, em pleno século XIX, a podia suportar? Quem não sabia que a democracia cristã da primitiva igreja fôra subjugada pela hegemonia dos bispos de Roma? O *Pontifex Maximus* fez o seu tempo. O papel do papado, perante as nações da cristandade, chegou ao seu termo. A' hora, em que estou falando, activa-se, por toda a Italia, uma campanha enérgica e vibrante, afim de obter a transferencia do Vaticano de Roma para qualquer outro país. A democracia, crédo das nações modernas, é a lei unica, tanto em moral, como em política, como no fóro da consciencia humana!

Se Herculano tivesse dito isto, se Herculano, para vingar-se, abjurasse das suas convicções religiosas e políticas, que aconteceria?

Portugal tomaria, pela segunda vez, a iniciativa de acabar com um grande escandalo religioso. Portugal obrigaria as nações da Europa a pensar que o *dinheiro de S. Pedro*, as dispensas de consanguinidade matrimonial, as bulas para oratórios, toda essa infecta fonte de receita europeia, para sustentar em Roma satrapas mitrados, escandalosos sucessores do Apostolado humilde, podia converter-se em outras tantas fontes de receita para coisas mais uteis.

Se Herculano não tentou nunca êste esforço, agradeçam-no á sua coerencia e ao seu patriotismo, incompreensíveis, talvez, para o nosso tempo, mas perfeitamente compreensíveis para o tempo em que viveu.

Forçoso, porém, é que se diga e se proclame: em tudo o que êle fez e em tudo o que escreveu, ha um cunho de nobre sinceridade que foi a sua principal virtude, alguma coisa da serenidade de Socrates e da beleza epica dos heroes de Homero. Foi a sinceridade a base do seu proceder, no pensar, no crêr e no querer.

*

A minha camaradagem com homens de letras, cuja mentalidade se impunha, estendia-se á intimidade de jantares quasi semanais, onde aparecia invariavelmente a brilhante figura de Sousa Martins. Era um encanto ouvi-lo. Muitas vezes reflectia pelo fisico e pelo espirito a personalidade de Alexandre Dumas, pai.

Por ocasião do *Ultimatum* e da subscrição nacional, mostrou-se patriota ardente e exaltado. Tive ocasião de admirar a sua devoção civica, assim como a de Eduardo de Abreu, secretario da mesma comissão e que, pelo seu esforço, pela sua tenacidade, pelo seu patriotismo, se tornou um verdadeiro simbolo, que todos consagraram com o mesmo fervôr.

Como obra da benemerita comissão, a que pertenci, ficou o *Adamastor*, atestado de fé inquebrantavel nos destinos da Patria.

*

Uma vez que falei em camaradagem literaria, não deixarei de mencionar a minha colaboração na *Tribuna*; de Ferrer Farol. Era eu estudante ainda na Univerdade quando, fascinado pela impressão que me havia produzido a bela revista de Ferrer Farol, lhe enviei um artigo, que foi recebido com fidalgo acolhimento. Farol, que depois se tornou um grande

amigo meu, saudou-me com palavras carinhosas. Estimulado pelo seu affecto, prosegui na minha colaboração em polemica amiga com o director da *Tribuna*. Completavam o quadro da bela revista: Gomes Leal, Guimarães Fonseca, boémio de verdadeiro talento, Cipriano Jardim e outros. A *Tribuna* passou mais tarde para as mãos de Emidio Navarro e de Antonio Enes, que me receberam com igual carinho.

*

A minha geração coimbrã era composta por moços de talento. Entre os muitos que deixaram no meu espirito uma recordação perduravel, figuram Julio de Vilhena, José Frederico Laranjo, João Penha, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Eduardo Vilaça, Burquin Braklami, Teixeira de Queiroz, Trigueiros de Martel, Anselmo Xavier, Luciano Monteiro, João Franco, Augusto Fuschini, Alves de Moraes, Almeida Ribeiro, Eduardo Alves de Sá, Sousa Queiroga, Coelho de Carvalho, Candido de Figueiredo, e tantos outros.

Quero referir-me, especialmente, a êste ultimo. Candido de Figueiredo, que, como Frederico Laranjo, era de familia humilde. E a proposito de Laranjo devo referir, que quando foi eleito deputado por Castelo de Vide nunca deixou de colocar o pai, um modesto camponês, á sua direita em todas as manifestações que lhe foram tributadas. Candido

de Figueiredo possuía o mesmo aprumo moral. Foi poeta, economista, filosofo e filologo. Todos conhecem, mais ou menos, a obra benemerita que produziu a favor da lingua patria. Realçava nêle o nobilissimo character. As nossas relações haviam-se tornado intimas, ao ponto de uma manhã, estando eu ainda deitado, êle me apparecer um pouco preocupado :

— Preciso de si, meu caro, para um assunto de familia.

Supuz, por instantes, que se tratasse de um duelo. Vesti-me apressadamente. Em baixo estacionava um trem. Parecia-me o caso algo misterioso. Êle nada me dissera. O trem seguiu e parou a certa altura da freguezia de Santa Izabel.

— Vou agora dizer-lhe de que se trata. Careço de baptizar uma filha e não posso dispensar os seus serviços.

— Tem-me ás suas ordens.

E pouco depois encontravamo-nos em volta da mesma mêsua a almoçar sob a presidência da brilhante poetisa do Sado, D. Mariana Angelica de Andrade, com outras pessoas intimas.

Não nos encontravamos muitas vezes. Mas nem por isso Candido de Figueiredo deixou nunca de ocupar um lugar privilegiado entre os meus eleitos.

INTEGRADO NOS MEUS DEVERES POLITICOS E SOCIAIS

SUMARIO

Entrada definitiva em campanha na defesa dos meus ideais. — O caso do Banco Ultramarino. — Abandono da advocacia e entrada no jornalismo. — Divisa: «mais honra do que honras». — O folheto: «A questão do Banco Ultramarino». — O «chalet» de Pedrouços, ponto de reunião de muitos artistas e intellectuais daquela época. — Almoços de confraternização. — Serenatas no Tejo. — Um episodio com Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. — Justino Guedes e a sua influencia evolutiva no espirito de Rafael Bordalo Pinheiro. — O «Antonio Maria» a côres. — Oliveira Vale e a sua intervenção na minha carreira de advogado. — O meu processo de estreia. — Os processos de José Augusto e de Fernando Caldeira.

O meu feitio combativo impelia-me para a luta, que amava particularmente, convicto de que a Justiça devia prevalecer a todos os criterios.

Em Coimbra tomei parte em várias manifestações liberais, como anteriormente no Porto. Foi, porém, após a minha formatura, depois de haver

resolvido fixar a minha residência em Lisboa, que entrei em campanha definitivamente.

As capitais constituem, ordinariamente, optimos centros de acção. Quantos belos espiritos não se estiolam em qualquer canto da provincia por falta de estímulo, e, sobretudo, pela falta de convivência indispensavel para fortalecer o animo?!

Com a minha intervenção no caso do Banco Ultramarino estabeleci o ponto de partida no batalhar incessante da vida.

Foi em 1879 que surgiu a celebre e importantissima questão. Como acionista resolvi tomar parte no assunto para defesa não só dos meus interesses como tambem da minha dignidade ofendida. Tão habituados andavamos ao ramerrão de confiar ás direcções dos estabelecimentos bancarios a solução daquilo que devia constituir a nossa propria administração, que o facto da minha intervenção no assunto causou verdadeiro assombro. A pesar dos pedidos que me foram feitos por pessoas da mais alta categoria, não cedi, e resolvi, de cabeça erguida, assumir plena responsabilidade do meu acto.

Sabia de ante mão a sorte que me estava reservada. Nada, porém, me intimidou. Com este proceder de verdadeira energia moral entrei em combate.

A situação do Banco Nacional Ultramarino era desesperada. Por um lado a administração era acusada de burla e de concussão; por outro lado

havia desvios de dinheiro, tendo sido entregues aos tribunais os seus autores.

Para apurar a verdade, supondo que poderia contar com gente séria e leal, tive a ingenuidade de apresentar á assembleia geral de 30 de Janeiro de 1879, a seguinte moção :

Determinando o artigo 77.º, n.º 2, dos estatutos regulamentares dêste estabelecimento que «em assembleia geral se tratem os objectos de interesse social, que lhe forem submetidos por qualquer dos seus membros» ;

Considerando que são do dominio publico e já em parte entregues ao juizo criminal abusos gravissimos, cometidos durante as ultimas administrações do actual governador, o sr. Francisco Chamiço ;

Considerando que êstes abusos são atentatorios das leis e da moral, abalam o credito do Banco e podem levar á ruina um grandissimo numero de familias ;

Considerando que a opinião publica, justamente indignada contra os autores e cumplices dos crimes cometidos, tem arguido o mesmo sr. governador por se haver afastado dos bons principios economicos e financeiros, que deviam presidir á sua gerência e haver menospresado os deveres inerentes ao seu cargo ;

Considerando que o panico produzido pelos ultimos acontecimentos do Banco, agravado pela

reserva mal entendida dos seus administradores, tem criado uma situação embaraçosa e excepcional, que nos cumpre debelar, procedendo com a maxima independência e descrição, sem atenção a pessoas, e mirando apenas aos males e ás causas, vá a responsabilidade a quem fôr ;

Considerando a deficiência dos nossos estatutos para o caso sujeito, e tendo em vista as disposições do código comercial nos artigos 763.º e 766.º ; do código civil no artigo 1336.º ; e do código penal, artigos 111.º e 453.º : proponho e requiero que seja adiada a discussão e votação do relatório apresentado nesta sessão ordinaria, e que a assembleia, em conformidade com o artigo 25.º da lei das sociedades anónimas, eleja desde já uma comissão de inquerito aos actos da administração geral, e que especialmente dê o seu parecer com a maxima urgência sobre os seguintes pontos, que deverão sêr discutidos em assembleia geral extraordinariamente convocada para esse fim :

1.º Especificação dos valores illegalmente distraídos do Banco até fins de 1878 — por sua ordem cronologica ;

2.º Quais os responsaveis por esses desvios ; sendo empregados do Banco, por quem nomeados ;

3.º Quais as providências preventivas ou repressivas tomadas pelo governador e conselho de administração contra os abusos conhecidos durante a sua gerência ;

4.º *Se foi proposta alguma acção civil, ou requerido algum arresto contra os responsaveis para indemnização ou garantia dos prejuizos causados;*

5.º *Se existe e de que importancia o fundo de reserva determinado no artigo 8.º dos estatutos;*

6.º *Se existem em deposito as acções fixadas pelos artigos 84.º e 95.º dos estatutos, como garantia da gestão do governador e vogais do conselho, e se o valor dessa caução, ou deposito, é bastante a garantir os valores distraídos do Banco;*

7.º *Se o governador tem ou não cumprido fielmente durante a sua gerência os deveres que lhe incumbem os estatutos nos artigos 60.º, 61.º e 85.º, n.ºs 1.º, 3.º, 4.º, 8.º e 9.º*

Escusado será dizer que esta minha proposta foi regeitada por unanimidade, o que aliás nada me surpreendeu. Foi um acto de ingenuidade que aproveitei para o resto da minha vida. Fui ali de boa fé e em plena consciência. Havia desprezado pedidos de amigos apreciados. De tudo me afastei com a maxima serenidade, conscio de que cumpria um dever; e por isso tambem me encontrei perfeitamente só, numa associação de todo desconhecida para mim, sem uma voz amiga que me estimulasse, sem um voto, e o que é mais ainda, sem uma adesão sequer.

Deante do numero, estava naturalmente esmagado. A indignação de alguns senhores accionistas não me aterrou. Ao contrario. Deu-me tambem vio-

lências, que não desejava têr, nem tão pouco manifestar. Mas como era inglória a tarefa, dei ao tempo o cuidado de me vingar. Passados meses fui convidado para tomar a direcção do *Comercio de Portugal*.

Daqui derivou, pode bem dizer-se, a minha vida de combate, tendo pouco tempo depois abandonado a minha situação de advogado para me consagrar inteiramente á defesa dos meus principios, e á propaganda da República, tendo sempre em vista a divisa, que me tem acompanhado, como unico braço da minha existência: *mais honra do que honras*.

Como documentação dêste facto memoravel, mas que a cada momento se repete na nossa sociedade, publiquei um opusculo intitulado *A questão do Banco Nacional Ultramarino*, que obteve um decisivo successo no publico, e se esgotou em poucos dias, valendo-me a adesão de muitos individuos de alta cotação social, que depois me acompanharam em muitos actos publicos.

*

Por êste tempo comprei um pequeno *chalet*, na Praia de Pedrouços, que ainda então não estava invadida por outros *chalets* e barracas, e que á primeira vista apresentava o aspecto duma pequena casa em pleno sertão.

Rodeado de piteiras e outras plantas selvagens,

ostentava-se como um capricho exótico. Esta vivenda tornara-se o ponto de reunião de muitos artistas e intelectuais daquela época. Entre outros, cumpre-me citar: Consiglieri Pedroso, Alfredo de Moraes Pinto (*Pan-Tarantula*), Luís de Oliveira Guimarães, ministro do Brasil em Lisboa, Urbano de Castro, Oliveira Vale, afamado advogado, Rui da Camara, etc.

O nosso grande Rafael Bordalo Pinheiro não faltava nunca a essas reuniões, onde o seu bom humor esfusiava numa alegria scintilante.

Na praia chegámos a organizar almoços com colheres de pau e loiça de barro, em que tomavam lugar quarenta, cinquenta e sessenta convivas. O Roque, banheiro, é quem comandava as hostes, e preparava as caldeiradas, dignas dos maiores cosinheiros da terra.

Tambem de quando em quando se improvisavam serenatas no Tejo, em barcos iluminados por balões venezianos e uma pequena orquestra.

Numa dessas noites deu-se um episódio, que consternou todos os assistentes. Manuel Gustavo tinha caído ao rio. Foi geral o alarme. Mas o que a principio se julgara uma tragedia, transformou-se numa gargalhada, quando nos appareceu Manuel Gustavo, são e salvo, a pingar copiosamente, convencendo-se todos de que tinha sido uma partida, armada á piedade dos convivas.

*

Com a influência de Justino Guedes, não ha duvida que no espirito de Rafael Bordalo se accentuou uma evolução no sentido republicano. Mas a verdade é que antes dessa data já Rafael era republicano. O *Antonio Maria* traduzia perfeitamente o seu estado de espirito. Contou-me Justino Guedes: quando o *Antonio Maria* se tornou declaradamente republicano, desceu mil numeros na venda. Êste factó impressionou Rafael Bordalo.

Justino teve, porém, uma idea salvadora: propôs-lhe fazer o jornal a côres, o que deu em resultado não só recuperar os mil numeros perdidos, mas também aumentar grandemente a tiragem. Foi êste um dos episodios mais característicos, que celebrámos como um triunfo, saído do *chalet* de Pedrouços.

Lá escreveu Luís Guimarães alguns dos seus mais preciosos sonhos. Oliveira Vale ouvia-os com lagrimas, não deixando de ter sempre ao lado um garrafão de vinho, que não desprezava senão depois de completamente esgotado.

Na esplendida camaradagem dêsse tempo gozei a alegria de viver, que nunca me abandonou.

*

A proposito referirei um caso que constitue uma das paginas da minha vida. Quando vim para Lis-

boa, depois de acabar o meu curso na Universidade, foi Oliveira Vale quem mais me animou para que seguisse a advocacia. Deu-me até para estreia o processo de que êle era o patrono, do assassinio duma desgraçada, que morava numa loja da rua da Atalaia.

Tratava-se duma questão de ciumes e o assassino era um fadista de maus instintos.

Depuzeram testemunhas de vista. Oliveira Vale afirmou-me que era um processo para evidenciar uma estreia. Nêste sentido fez-me estudar o processo juntamente com êle, não me abandonando durante o julgamento. O réu, que era um cinico, confessou o crime e recebeu a sentença dizendo a um companheiro que se não esquecesse de levar a guitarra para o Limoeiro. Foi condenado em 15 anos de degredo, o que constituiu para a defeza um triunfo, dadas as circunstancias agravantes em que foi praticado o crime.

Quando em 1879 fui convidado a dirigir o *Comercio de Portugal*, e troquei a advocacia pelo jornalismo, nunca Oliveira Vale m'ò perdoou. Isto não impediu que continuasse a defender alguns criminosos politicos, e alguns até de parceria com Manuel de Arriaga.

De dois processos conservo recordação : um foi o do José Augusto, pregador do «Enterro do Bacalhau», para quem Rafael Bordalo aguarelou o sudario, que a certa altura José Augusto lançava do pulpito abaixo. Representava uma espinha de ba-

calhau, tendo na parte superior todo o ministerio de então, e em baixo, no extremo da espinha, a cabeça risonha do Zé Povinho. O processo foi intentado pelo Ministerio Publico, por causa da alusão politica. Pode bem imaginar-se o trabalho que me deu o estudo desta defeza, chegando a concluir em plena audiência que só um par de bacalhau, pela sua fecundidade podia povoar em três anos todos os rios, lagos e mares existentes. Esta referência tinha por fim demonstrar que em vez de se perseguir um homem, paladino do bacalhau, antes se devia galardoar.

Tal alusão provocou a hilaridade do publico e do proprio juiz, contribuindo muito para a absolvição do réu.

O outro processo foi o do malogrado poeta, Fernando Caldeira, a quem eu me afeiçoara como a um verdadeiro irmão.

Estavamos no Carnaval. O glorioso autor da *Mantilha de renda*, estando no Chiado com alguns amigos, transgrediu um edital do Govêrno Civil, que proibia o arremêso de pós aos transeuntes. Era uma brincadeira inofensiva. Um ferrabrás de policia houve por bem prender o poeta. Tendo sido obrigado a responder em policia correccional, eu estabeleci o contraste entre a selvajaria policial e a superioridade do delicadissimo artista que era Fernando Caldeira. Ocioso se torna dizer que o juiz teve o bom senso de absolver o réu, com aplauso de todos os seus amigos e admiradores.

ENTRADA DEFINITIVA NO JORNALISMO — «O SEculo» — O TRICENTENARIO DE CAMÕES

SUMARIO

Um caso tipico numa assembleia geral do «Comercio de Portugal». — A fundação de «O Seculo». — O tricentenario de Camões. — A minha estreia como orador politico, em Lisboa, num comicio realizado nos «Recreios Whittoine», a que presidiu José Elias Garcia. — Teofilo Braga e o centenario de Camões. — A organização do partido republicano português. — Os outros centenários. — Congressos. — Individualidades mundiais, seu convívio como formação do meu espirito e educação do meu caracter. — Latino Coelho e «O Seculo». — O seu estilo e as suas teorias. — A Republica brasileira. — Evocação saudosa. — Duelos.

Para proseguir, com a força necessaria nas minhas campanhas a favor da Liberdade, da Moral e da Justiça, tornava-se-me indispensavel possuir um orgão na imprensa. Foi por essa ocasião que um feliz acaso me proporcionou a realização do meu desejo. Havia-se formado em Lisboa uma Sociedade

Anonima de Responsabilidade Limitada para a publicação dum grande órgão do Comercio e da Industria, que se intitulou *O Comercio de Portugal*. Tendo-me sido oferecida a direção deste periodico,



como já referi, aceitei-a com prazer. E logo encetei no mesmo jornal vários combates, que reputava absolutamente necessarios naquela epoca.

Já então a monarquia revelava sintomas de pro-

funda decadencia. Entendi por isso que devia dar ao jornal uma feição republicana.

Sucedo no jornalismo o que succede ordinariamente no campo feminino: «Quando se aproveita o quarto de hora, o exito é sempre seguro».

Tinha antes verificado a corrente acentuada de republicanismo, que dominava o pequeno commercio, e recordo-me de ter dito ao meu companheiro, Guilherme de Azevedo, que o momento era azado para a fundação dum jornal republicano.

Não me enganei. As festas do tricentenario de Camões provaram-me que havia acertado na minha previsão. Havia apenas um obstaculo, que se opunha ao meu anseio: era o jornal ser constituido por uma sociedade anonima. Mas não me prendi com o facto e com a audacia que dá a mocidade entrei na liça. Cerquei-me de colaboradores preciosos como Teofilo Braga, Teixeira Bastos, Angelina Vidal, etc., além do corpo redatorial, composto por Augusto Ribeiro, Mariano Prezado, Antonio Castanheira, Palermo de Faria e João Henrique Barata.

Sucedeu até um caso interessante. Numa assembleia geral das mais agitadas fui acusado pelo commendador Fonseca de tter levado o meu republicanismo no jornal até á publicação do artigo de D. Angelina Vidal. Note-se que este cavalheiro era o maior acionista da sociedade. Voltando-me para êle exclamei:

— V. Ex.^a é um dos maiores acionistas do jornal, e, apesar disso, se me mandar um artigo

não lho publico, ao passo que continuarei a publicar os artigos da Sr.^a D. Angelina Vidal.

A surpresa foi grande na assembleia. Respondi a outros acionistas, que me interpelaram no mesmo tom. E depois de ter perguntado á assembleia se ainda havia alguém, que quisesse censurar o meu republicanismo, deçlarei que daquele momento em diante deixava de ser director do jornal. Como succede sempre nestes conflitos surgiram as desculpas e as solicitações para que eu não abandonasse o cargo, por não haver motivo para isso.

— Ninguém tivera a intenção de me melindrar e todos sem divergencia me tributavam o maior culto, diziam. Persisti, porém, no meu proposito e este simples gesto provocou uma onda de simpatia, que me permitiu fundar o *Seculo*, como um grande órgão de combate republicano.

Devo referir, como complemento, que todos os assinantes do *Comercio de Portugal* passaram a sêr assinantes do *Seculo*, dando-se ainda mais o caso excepcional de alguns daquêles, que criticavam a attitude do *Comercio de Portugal*, comigo instarem e ajudarem-me a proseguir na luta.

Dois factos contribuíram grandemente para a fundação do *Seculo*, cujo numero programa appareceu em Dezembro de 1880. O primeiro foi um comicio que se realizou nos *Recreios Whittoine*, presidido por José Elias Garcia. Ali appareci pela primeira vez em Lisboa, como orador politico, e o resultado da minha afirmação de principios foi muito

além de toda a expectativa, e criou-me uma atmosfera de simpatia, que estava longe de prevêr.

O segundo foi a celebração do tricentenário de Camões, em 10 de Junho de 1880, que marcou para o país um período de revivescência nacional.

Durante três anos sucessivos fez Teófilo Braga a propaganda do centenário, prevendo o que realmente succedeu: o levantamento do espirito publico. Foi este sabio mestre quem tornou amado pelas classes populares o nosso grande epico. Até esse momento pouco se falava dos nossos navegadores, e dos nossos descobrimentos. Foi depois da celebração de Camões que se principiou a invocar o nosso passado historico. Pode até dizer-se que a famosa apoteóse produziu entre nós a organização do partido republicano portuguez. Havia com effeito muitos republicanos dispersos no país. Faltava-lhes porém, a unidade de pensamento e de acção. Essa unidade deveu-a principalmente o partido republicano á celebração do centenário e á fundação do *Seculo*.

Ociosos se torna repetir o que foi esse inolvidavel dia 10 de Junho de 1880. Os outros centenários, que se realizaram depois, foram resultantes deste primeiro acto de confraternização.

O centenário de Vasco da Gama, em 1898, impunha-se como um complemento do centenário de Camões. Assim como a estatua de um implica o monumento do outro, como projecção radiosa dos *Luziadas*.

Esperêmos que um dia se realizará também o centenario de Bartolomeu Dias, que foi o primeiro a dobrar o Cabo das Tormentas, e sem o qual por certo Vasco da Gama não teria realizado o descobrimento do caminho maritimo para a India.

Os centenarios, as exposições e os congressos são três aspectos da civilização moderna. Em Portugal foi-me dado o supremo prazer espiritual de tomar parte activa nos centenarios de Camões, do Marquês de Pombal, de Vasco da Gama e de José Estevam. E assim tive ocasião de demonstrar a minha devoção civica. Sucedeu-me o mesmo com os inumeros congressos a que tenho assistido: congresso de imprensa internacional, congresso de sociologia, congresso da paz, congresso de livre pensamento e feministas, congresso maçonico, etc.

Por causa dêsses congressos tive ocasião de travar relações amistosas com algumas das refulgentes figuras da Humanidade: Victor Hugo, Kropkine, Novikow, Frederico Passy, Benoit Malon, Jaurés, Amilcar Cipriani, Cavalotti, Gladstone, Parnell, Salmeron, Pi y Margal, Emilio Castelar, Charles Letourneau, e tantos outros, que seria longo enumerar.

Assim formei o meu espirito e eduquei o meu character. E quando passo em revista os episodios da minha vida, são êstes certamente aqueles que mais me lisongeiavam, mais me encantam e mais me fortalecem. Com êstes homens aprendi mais do que no meu curso universitario. Dêles me vieram a ale-

gria de viver e a eterna mocidade espiritual que conservo e que tantos invejam.

*

Latino Coelho exerceu, no meu tempo, um verdadeiro pontificado espiritual. A sua acção moral e intelectual foi decisiva. Homem de gabinete, a sua personalidade tornou-se popular. Quando, em noites de inverno, passava no Rocio, embrulhado na sua capa á espanhola, invariavelmente acompanhado de seu irmão, o povo mirava-o com carinho e exclamava:

— Lá vai o Latino!

Conheci-o na redacção da *Democracia Portuguesa*, de que era director José Elias Garcia. Quando se falava neste periodico, dizia-se geralmente: é o jornal do Latino. Ali apareciam, com frequencia, Saraiva de Carvalho, João Cesario de Lacerda e Alberto Osorio de Vasconcelhos, que era o redactor principal, Sousa Brandão e outros, alguns dos quais me acompanharam na fundação do *Seculo*, em 1881. A minha principal preocupação, quando criei o *Seculo*, foi aproximar os republicanos dispersos pelo país, dar unidade de pensamento e de acção a uma causa, que a celebração do tricentenário de Camões revelou e afirmou. Entre os muitos que se impunham á minha consideração e cuja colaboração imprimiu particular relêvo ao jornal, lembrei-me dos nomes de

Teofilo Braga, Latino, Rodrigues de Freitas, Teixeira Bastos, Alexandre da Conceição, Jacinto Nunes, Augusto Rocha, Alves da Veiga, para a parte politica, e Gomes Leal e Fialho de Almeida, que se prontificou a traduzir o *Noventa e três*, de Victor Hugo, para a parte literaria.

Os artigos dos domingos, firmados por Latino Coelho eram aguardados pelo publico com verdadeira ansiedade.

As minhas relações com Latino tornaram-se intimas e permitiram-me considera-lo como um inspirador do *Seculo*. Recolhi da sua boca a sua profissão de fé, que reproduziu num belo trecho com que prefaciou o meu livro *Pela Patria e pela Republica*.

bibRIA

*

As mesmas leis gerais que presidem aos fenomenos do Universo fisico—escrevia o glorioso Mestre, um puro ateniense—regem igualmente os do mundo social. A Humanidade e o Kosmos são duas manifestações da mesma idéa fundamental.

Assim como vêmos na maravilhosa maquina do mundo os corpos celestes congregarem-se pela atracção em sistemas, sem que por isso deixem de conservar a independência compativel com a ligação e a harmonia, assim tambem as sociedades humanas de diversas ordens tendem forçosamente

para se coligarem entre si pela atracção moral. Mas nem os individuos perdem necessariamente a liberdade nem as associações elementares se diluem inteiramente na massa de superiores associações e nelas se conservam confundidas, sem a sombra sequer da independência e autonomia.

A terra e os demais planetas percorrem os espaços infinitos, segundo as curvas que lhe são traçadas fatalmente pela lei da atracção universal. Mas nenhum deles se confunde e unifica totalmente com os restantes, nem deixa de constituir um sistema individual.

A justa conciliação do principio da independência com o principio da associação determina a unidade e harmonia do Kosmos e deve igualmente produzir na humanidade a ordem, a paz, a segurança, a liberdade e a harmonia social.

A natureza é a grande mestra dos homens. Segui-la nos seus preceitos e imita-la nos seus processos, é a condição de todo o progresso humano. O perpetuo movimento é a suprema lei da natureza. A continua e regrada transformação é também a norma da humanidade.

Os que julgam as sociedades politicas inexoravelmente condenadas á imobilidade ultrapassam ao mesmo tempo o homem e a natureza.

*

Havia dois factos que Latino citava com desvanecimento: um, foi o convite feito a Emilio Castelar, para visitar Lisboa, em julho de 1874, a que o brilhante orador correspondeu com a galhardia que o caracterisava.

No Hotel Mata, ao Chiado, foi-lhe oferecido um banquete, e a saudação de Latino constituiu um verdadeiro acontecimento e decidiu a ida do ilustre visitante ao Porto e a Coimbra. Estimulado pelo querido e amado Mestre, coube-me a honra de o glorificar, em nome da Academia coimbrã.

O segundo facto deu-se por ocasião da proclamação da Republica no Brasil, em novembro de 1889. Latino foi em Lisboa o embaixador do novo regimen. O *Seculo* tornara-se o órgão do governo provisorio. Quintino Bocayuva, o principe dos jornalistas fluminenses, e Ruy Barbosa, o eminente patriota, dirigiram, quasi diariamente, ao seu irmão espiritual, extensos telegramas, repondo a verdade, propositadamente falseada, desfazendo calunias e prestigiando, perante o mundo civilizado, a poderosa Republica de Além-Atlantico. Quintino, quando falava do eminente escritor, apodava-o sempre de brasileiro — o *brasileiro Latino*.

Latino, com a sua universal e incontestada autoridade, tornou o *Seculo* o órgão da sonhada *Confederação luso-brasileira*, e previra, com a sua sagacidade, a *Confederação ibero-americana*, de-

fendida por altas mentalidades, e que se impõe como uma obra de equilíbrio mundial.

*

Na minha idade vive-se muito de recordações. Recordar, neste caso, é reviver. Nada me podia ser mais agradável do que invocar a memória do Mestre adorado, a quem a democracia portuguesa tanto deve. Consagrações desta ordem levantam o espirito publico e honram quem as promove.

Com que infinito prazer eu recordo as noites passadas em casa de Latino, as suas lições, ao mesmo tempo espirituosas e eruditas, em companhia de Tomaz de Carvalho, de Silva Tullio, de Caldas Aulete, de Carlos Bento e de tantos outros!

Celebro o jornalista eminente, que Castelar considerou a «maior mentalidade lusitana». A tradição republicana anda esquecida. Os novos não sabem o que fizeram os seus antepassados. Tudo o que tenha a vulgarisar essas obras e esses nomes é meritório e contribuirá para o resurgimento nacional.

*

Sempre tive a maior aversão pela violência e o duelo é a maior das violencias, vestigio de um barbarismo incompativel com a nossa epoca. A sociedade não o entende porém, assim e malsina de poltrão e de covarde quem se recusar a desforçar-se

pelas armas. Sucede mesmo um facto verdadeiramente paradoxal: é o provocado sêr victima do provocador. Por todos os motivos o duelo devia sêr excluído dos costumes.

Quando entrei para o jornalismo vi a necessidade de jogar bem as armas. O professor Cid vinha todas as manhãs a minha casa para me fazer exercitar na esgrima. Era para assim o dizer uma hora de bôa gymnastica. A adiposidade dos tecidos desapareceu, tornei-me mais leve, e verifiquei que a minha saude tinha melhorado. Durante uma hora exercitavamos os braços e as pernas que adquiriram uma grande agilidade. Terminavamos a nossa lição com um copo de vinho branco e agua assucarada, a limpar o suor que nos caía em abundancia pelas testas. Pela minha parte julguei uma necessidade aprender a jogar as armas. Embora por principio adversario ao duelo não podia cair na excumunhão *dos amigos*, se me recusasse a cumprir o que muitos chamam um dever de honra.

Jornalista de combate prévi com exatidão o que afinal me succedeu. Homem prevenido vale por dois, e eu estava preparado para todas as eventualidades. Além de vários conflitos pessoais, fui desafiado para duelo por várias individualidades. Especialmente me refiro ao duelo que tive com Pinheiro Chagas. Era ministro do reino Tomás Ribeiro, e, pela amisade que o ligava ao illustre escritor, quiz a todo o transe impedir o encontro. Por minha parte escolhi como testemunhas José Elias Garcia e Ma-

nuel de Arriaga. Pelo seu lado Pinheiro Chagas havia escolhido Cunha Belem e Pedro Correia. Da primeira vez faltei á conferência, que me fôra marcada, por têr sido surpreendido pela policia. Pinheiro Chagas, para se escapar á vigilancia, que tão duramente era exercida sobre nós, entrou pelo ministerio da Marinha e safu pela grande porta do Arsenal. Não fui eu tão feliz. Dirigi-me á rua dos Fanqueiros, onde estava estabelecido o «Hotel Pelicano», subi ao terceiro andar onde havia uma pensão habitada por Albano Coutinho, com idéa de sair pela rua da Madalena. Mal sabia, porém, a surpresa que me estava reservada.

O chefe Ferreira, prevendo o caso, tinha postado policia tambem nessa rua. Meti-me numa carruagem com intenção de me encontrar no Largo de S.^{ta} Barbara com o meu medico, Dr. Cupertino Ribeiro. O chefe Ferreira, para ganhar tempo, deitou a mão ás redeas dos cavalos do meu trem afim de exigir ao cocheiro a licença, e assim poude chamar outra carruagem para me seguir.

Quando cheguei ao largo de S.^{ta} Barbara vi-me cercado de policias. O Dr. Cupertino Ribeiro aproximou-se e disse-me :

— Não considero possivel realizar hoje o duelo.

De acôrdo, resolvi retirar-me. Pedro Correia tambem havia sido preso em Belem. No campo as testemunhas suspeitaram que a minha ausencia era devida a qualquer coisa extraordinaria.

Manuel de Arriaga, com a nobreza que o ca-

racterizava, ofereceu-se para me substituir, o que não foi aceite pela parte contraria.

As testemunhas procuraram Tomás Ribeiro para lhe afirmar que o duelo não podia deixar de se realizar e que se viam obrigadas a efectuar o encontro num ponto qualquer da fronteira, no caso de êle continuar com a mesma resistênciã. As medidas policiaes afrouxaram então. Certo dia fui procurado por José Elías Garcia, que me conduziu á residencia do Dr. José Isidoro Viana, morador numa casa da rua do Carvalho, que tinha saída para a rua da Rosa. Ali passei uma noite, durante a qual o distincto clinico, que me tinha cedido o seu proprio leito, se levantou por várias vezes para verificar se eu dormia tranquilamente. De manhã mostrou-se muito surpreendido com a minha serenidade que êle não seria capaz de imitar.

— Um duelo, dizia êle, é sempre uma coisa perigosa. Imagine, você, que o seu adversario lhe dá com a espada um raspão no baixo ventre, donde facilmente pode resultar a morte !

— Não ha melhor maneira, meu caro amigo, respondi eu, de fortalecer um duelista, do que acenar-lhe com a morte.

Êle riu-se, e perguntou-me se queria tomar alguma coisa antes de partir. Pedi um copito de vinho do Porto e uma bolacha.

O duelo realizou-se em Linda-a-Velha. As espadas foram cuidadosamente ocultadas debaixo das saias da esposa de Julio de Mardel. Pinheiro Cha-

gas jogava admiravelmente as armas. Deixou a minha espada, transformada num serrote, cheia de dentes. A sua miopia impedia-o de visar certamente o adversario. Eu tinha a certeza da vitoria. Vibrei-lhe um golpe na mão direita e assim terminou o duelo.

Concluido o acto, Pinheiro Chagas dirigiu-se a mim nos termos mais lisongeiros; que em circunstancias normais me teria dado todas as satisfações. Aceitara o encontro por brio pessoal. Estava convencido que o mesmo me tinha sucedido a mim. Apertámo-nos a mão e as nossas relações, longe de haverem diminuido, pelo contrario, aumentaram.

O artigo, que provocara o conflito, nem sequer era meu. E se tomei a responsabilidade foi para evitar que o *Seculo* ficasse mal colocado perante o publico.

Já por ocasião do *Comercio de Portugal* eu fôra desafiado por Ferreira do Amaral, a quem acusára violentamente por têr verdascado um preto, quando governador de São Tomé. Ás duas testemunhas, que me foram enviadas, Jaime Batalha Reis e Ferreira de Almeida respondi que, tendo o govêrno resolvido syndicar o sr. Ferreira do Amaral por abuso do poder, eu não podia bater-me sem estar apurada a verdade dos factos.

O governador nunca foi julgado, o que impediu o duelo, mas não as boas relações de amizade que depois ambos sustentámos.

Por minha vez, além de outros conflitos, que

terminaram por explicações reciprocas, tambem fui testemunha de alguns duelos, e um quero eu mencionar, que particularmente me impressionou: foi o travado entre Ernesto Loureiro, então director da Alfandega, e Augusto José da Cunha, director da Casa da Moeda. Eu com José de Sousa Larcher, fomos testemunhas do primeiro; o Conde de Macedo e Mem Rodrigues de Vasconcelos foram testemunhas do segundo.

Foi brutal o encontro. Os dois adversarios atiraram-se um ao outro como se, em vez de espadas, tivessem bengalas nas mãos. Quando eu, contra todas as regras, intervim, mandando suspender a luta, porque não queria assistir a um assassinio, já Ernesto Loureiro tinha a cara cortada de meio a meio. O sangue jorrava de tal maneira, quando o encostei ao peito, que manchou completamente o meu fato e a minha camisa. Como consequencia, Ernesto Loureiro foi atacado por uma erisipéla. Foram dolorosos os dias que passei, não só pela amizade que a êle me ligava, senão tambem pela falta que a sua morte faria á familia.

Nêsse dia pensei de mim para comigo que a necessidade de combater o duelo se impunha á minha consciência em nome da civilização.

O COMICIO DOS RECREIOS CONFERÊNCIAS AGITADAS

SUMARIO

Convite para discursar num comicio realizado no antigo «Circo de Price» a que não compareci. — Francisco Gomes da Silva. — O comicio dos Recreios Whitoine. — A importancia dos comicios frequentados pelos intellectuais mais em voga. — Rafael Bordalo Pinheiro e o «Antonio Maria». — O progresso da idea republicana. — Intervenção da policia, sendo governador civil o famoso Arrobas, numa conferência que se devia realizar no «Clube Fernandes Tomás». — A minha detenção. — Curiosa fórmula de obter a liberdade. — Uma reunião agitada no «Clube Razão e Justiça». — Vendedor de jornais.

Com o renome que trouxera de Coimbra como orador tribunicio, fui solicitado por várias colectividades e individuos para comparecer em reuniões populares.

Entre os muitos convites, lembro-me o dos promotores dum comicio realizado no antigo «Circo de Price», na rua do Salitre, em defeza do Registo Civil obrigatorio, no qual falavam, entre outros, José



Elias Garcia e Dr. Henrique Midosi. Foi nessa reunião que fez a sua estreia oratoria o nosso malogrado amigo, Francisco Gomes da Silva. Quem nos diria que o novel e indeciso orador de então havia de sêr mais tarde o brilhante tribuno que todos admirámos. Por motivos, que não vêm para aqui, faltei a êsse comicio, o que me valeu a censura de alguns amigos. Mas prometi não reincidir na mesma falta. E foi baseando-se nêste compromisso que José Elias Garcia me obrigou a tomar parte no famoso comicio que se realizou nos antigos «Recreios Whitoine», a que já aludi.

Ali compareci no vigor pleno da minha mocidade. O fim da reunião era reclamar contra o aumento de impostos. A assistência era constituída por tudo o que havia de mais selecto em Lisboa. Nêsse tempo os comícios representavam sempre uma arma poderosa contra a marcha dos govêrnos e eram considerados verdadeiros acontecimentos politicos.

Recordo-me de ter observado entre os espectadores alguns dos escritores de mais cotação, como Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Jaime Batalha Reis, Eduardo Coelho e o nosso grande Rafael Bordalo Pinheiro, que veio beijar-me no fim do meu discurso, tendo assinalado no *Antonio Maria* o facto, apresentando-me no palco de punho cerrado e ameaçador. Ao meu lado falou Manuel de Arriaga com a sua linda palavra cheia de fé e de entusiasmo, apostolo á maneira de Michelet, e o

conhecido operario esteireiro, Agostinho da Silva, que logrou empolgar a assemblea com a sua palavra popular e rude. Elias Garcia presidiu á assemblea com todo o aprumó e dignidade.

O efeito dêste comicio na opinião publica foi completo. Nos meios politicos, durante alguns dias, discutiu-se o assunto com verdadeiro calor. É incontestavel que muito contribuiu para a organização do partido republicano portugûês, e preparou a opinião para os admiraveis comicios que se realizaram no ano immediato, 1881, contra o tratado de Lourenço Marques. A onda que vinha da celebração do tricentenario de Camões alastrára por todo o país, e o ano de 1881, em que se agitou a famosa campanha, pode considerar-se como o primeiro ano da República em Portugal.

*

Entre os episodios, que se deram nos primeiros anos depois da fundação do *Seculo*, ha um digno de menção. Era governador civil de Lisboa o famoso Arrobas, que tinha assoldadado muitos vendedores para evitar, quanto possivel, a circulação do jornal. Essa epoca foi fecunda em peripecias comicas. Entre muitas devo citar que, estando uma noite para realizar uma conferencia no Clube Fernandes Tomás, situado no Largo da Esperança, a policia entrou de tropel pela sala e deu-me voz de prisão antes de ter proferido qualquer palavra.

Os assistentes em grande numero quizeram opôr-se á minha prisão, o que eu evitei, pedindo a todos que se mantivessem na sala e não me acompanhassem.

Fui então conduzido, acompanhado por dois guardas, ao Governo Civil. Mandeí vir do Restaurante Silva uma ceia para mim e para o dr. João Rodrigues dos Santos, que tambem havia sido preso como director do clube. Espalhou-se logo o caso, e, como fosse a epoca lirica de S. Carlos, alguns deputados procuraram-me para me oferecerem os seus serviços. Arrobas, sabedor do caso, veiu tambem ao Governo Civil. Tinha eu já principiado a cear: Quando êle me mandou pedir para subir ao seu gabinete, voltando-me para o guarda, portador da noticia, disse-lhe desdenhosamente:

— Diga ao sr. governador civil que lá irei quando acabar de cear.

Exasperado, o governador civil, mordendo os labios e levantando os braços, exclamou:

— Este homem é o diabo. Êle que se vá embora.

Voltou o guarda com o recado e eu retorqui:

— Diga ao sr. governador civil que só me irei embora quando acabar de cear.

Uma outra ocasião, ainda no tempo do famigerado *Tigre*, presidia eu a uma reunião no Clube Rasão e Justiça, em Alcantara, quando se me depararam na sala nada menos de dois comissarios de policia com um troço de homens. Entre os ora-

dores figuravam Elias Garcia, Consiglieri Pedroso, Augusto de Figueiredo, Silva Lisboa, etc.

O fim do governador civil, enviando aquela gente era estabelecer o terror no bairro de Alcântara. E, com efeito, á saída, prenderam Silva Lisboa para darem mostras de força. Foi por este tempo



que, vendo eu o *Seculo* ameaçado de não se poder vender, tive a ideia de ir ao Governo Civil inscrever-me, como vendedor, o que fiz, ficando com a chapa n.º 4356, que reproduzo. Foi remedio infalivel. O caso deu que falar, e, perante o ridiculo que caía sobre o corpo policial, o Ministro do Reino houve por bem intervir, chamando o seu delegado á ordem.

Ha muitas maneiras de vencer. Ha a força, mas

eu nêsse campo estava em desigualdade de circumstancias; e ha tambem o recurso á opinião publica por qualquer maneira. Perante a minha inscrição, como vendedor de jornais, o publico associou-se ao meu plano; as autoridades recuaram. Esta vitoria não foi das menos assinaladas.

bibRIA

TRATADO DE LOURENÇO MARQUES

SUMARIO

«O Seculo». — «O Trinta». — «A Folha do Povo». — A campanha do «Seculo». — Milhares de protestos. — Comícios. — Grande manifestação politica. — Decisiva vitoria do Povo e assinalado triunfo do partido republicano. — Uma reunião historica. — A transformação do partido republicano. — A sua grande força. — Perseguições. — «A Traição» de Gomes Leal. — «O Seculo» com 19 querelas num só mês. — Guerra aos republicanos. — A Republica em marcha.

Como disse, o *Seculo* deveu principalmente a sua existência á campanha empreendida contra o tratado de Lourenço Marques, estando no poder o govêrno progressista, em Março de 1881.

A opinião publica havia sido de antemão preparada pelo destemido jornal o *Trinta*, depois *Folha do Povo*, graças a uma perseguição acintosa, que lhe moveram os poderes publicos. Quando publiquei o *Seculo*, já aquele jornal ocupava a vanguarda da propaganda republicana.

Não se descreve o entusiasmo que a campanha de Lourenço Marques provocou nos espiritos. Em

menos dum mês recebi na redacção muitos e muitos milhares de protestos. Officiais do exercito ofereceram-se-nos para levantar guerrilhas no norte do País. Era o coração portuguez a palpitar pela alma da Patria. Parecia que num momento havíamos voltado aos velhos tempos heroicos em que se deram o sangue nos campos de batalha, ou se sofriam os horrores do carcere e da emigração unicamente pelo amôr dos principios e da Liberdade.

Organizaram-se comicios e manifestações populares. O primeiro *meeting* realizou-se no pequeno Teatro D. Fernando, á rua do Olival. Apesar da exiguidade da casa, foi um dos comicios mais importantes a que assisti em Lisboa.

Presidiu o honrado general, Sousa Brandão, um republicano á maneira dos de 48, com uma feição acentuadamente socialista. A representação ali aprovada tinha sido escrita pelo austero patriota Rodrigues de Freitas, então deputado.

No dia immediato ao do comicio, uma segunda feira, o largo das Côrtes foi invadido á uma hora da tarde por uma multidão enorme. O governo mandou encher a praça de policia, de cavalaria da guarda municipal, e de uma companhia de caçadores. Á chegada da comissão o povo prorompeu numa ovação prolongada.

Nunca na capital se presenciara uma manifestação politica tão soléne e tão ardente.

A representação foi entregue ao presidente, que para logo deu disso conhecimento á Camara

pedindo imediatamente a palavra Rodrigues de Freitas, que solicitou do parlamento a leitura do documento, que é, quanto a nós, uma das mais eloquentes afirmações de patriotismo e de dignidade do povo português. Dentro da sala houve manifestações de desgosto ao partido progressista e vivas ruidosas aos principais caudilhos do partido republicano. Nada obsteu, porém, á aprovação do tratado. Consumou-se o atentado. Pretendiam roubar-nos o districto de Lourenço Marques em beneficio dos inglezes.

Era uma espoliação abominavel. Apenas 19 deputados ousaram votar contra a infame negociata. Mas havia ainda o recurso para a Camara dos Pares. E para esse recurso apelaram os republicanos, como unicos zeladores da honra e dos interesses nacionais. Apesar da maioria parlamentar, tudo foi baldado. A opinião publica prevaleceu.

Foi uma verdadeira vitoria alcançada pelo povo, e uma pagina gloriosa para a historia do partido republicano em Portugal.

As primeiras reuniões convocadas para se protestar contra o ardiloso projecto do governo progressista realizaram-se em casa do Dr. Bernardino Pinheiro, com a assistencia de Rodrigues de Freitas, Manuel de Arriaga, Anselmo Xavier, Sousa Brandão, Lopes Monteiro, Oliveira Marreca, Eduardo Maia e o autor destas linhas. Eram de opinião alguns republicanos que a guerra promovida ao tratado podia trazer-nos a indisposição com a Inglaterra.

Esses abstiveram-se de assistir ás reuniões e só compareceram nos *meetingues* para onde os impelia a corrente popular.

Desta brilhante campanha poderia ter saído a proclamação da Republica, se o partido então estivesse organizado.

Os centros multiplicaram-se; os jornais surgiram como por encanto; alguma coisa nova e extranha se começou a notar desde essa epoca na vida politica do país.

Evidentemente o tratado de Lourenço Marques foi um grito de alerta. Por toda a parte se realizaram comícios no meio dum entusiasmo indiscriptível; é aclamada ruidosamente a idéa republicana no Porto, em Coimbra, em Setubal, em todas as principais cidades do Reino; vibra alto o clamôr contra a patria escravizada; caiem os progressistas e sobem os regeneradores; a situação, porém, é diferente, porque o povo acôrda do seu indiferentismo e começa a interessar-se pela administração publica.

O partido republicano tornou-se um partido de acção forte e disciplinada. O seu enorme desenvolvimento assusta e intimida as hostes monarquicas. Inicia-se uma era de perseguições. Está no poder Rodrigues Sampaio e é governador civil de Lisboa o sr. Arrobas.

O genial poeta, Gomes Leal, publica a *Traição*, que constitue um verdadeiro acontecimento. Que se lhe assemelhe só conheço o das satiras de Vitor Hugo, a respeito de Napoleão, o Pequeno.

A primeira edição da *Traição* esgotou-se quasi no mesmo dia em que foi posta á venda. O povo decóra e recita por toda a parte esses versos extraordinarios, tão extraordinarios como o altissimo patriotismo, que os ditara. Os poderes publicos ordenam a prisão do poeta.

Tinhamos entrado em periodo aberto de terrorismo. As liberdades publicas amordaçadas, a imprensa perseguida, os sinceros democratas vexados e acorrentados. É suspenso o *Trinta*. A arbitriedade campeia. O *Seculo* é honrado num só mês com desenove querélas. Os benemeritos republicanos: Drs. Castelo Branco Saraiva e Rodrigues dos Santos, Nunes da Mota e Vitorino Proença são condenados em 10 dias de prisão sêlos e custas do processo por fazerem parte da Associação Fernandes Tomás.

Para contrapôr ao desenvolvimento da idéa republicana organizou-se a liga monarchica, que principia por querer lançar o descredito sobre os republicanos, apodando-os de ibericos e de inimigos da Patria. Reconhecendo que era infrutifera semelhante propaganda tentou o Paço então aniquilar os republicanos, esgotando-os pecuniariamente.

Novo e completo desengano! Indiv duos que até ali nunca haviam militado na politica vieram oferecer-nos o seu prestimo, pondo a sua bolsa á nossa disposição.

À guerra traiçoeira, movida pela monarchia, responde o *Seculo* altivamente redobrando de ener-

gia na sua propaganda, e tornando-se cada vez mais popular. É frisante o contraste.

Enquanto a monarquia processa, multa, vexa os cidadãos independentes, julgando vencê-los, os republicanos fundam escolas, publicam jornais, esclarecem os ignorantes por meio de conferências publicas, fomentam por todos os meios ao seu alcance o desenvolvimento moral e material da sua Terra. No *Seculo*, o benemerito da instrução, Casimiro Freire, abre uma subscrição publica para a fundação de uma «Associação de Escolas Moveis pelo metodo João de Deus». Esta simpatica instituição organiza missões escolares, que vão aos pontos mais reconditos do país. Organizam-se clubes republicanos em quasi todas as freguezias da capital.

Está ainda bem vivo no espirito de todos o movimento que se operou na Ilha da Madeira a favor do ideal republicano, que deu como resultado a eleição de Manuel de Arriaga. De ninguem se poderá têr apagado a memoria da gloriosa homenagem prestada a Fernandes Tomás no mês de Agosto de 1884, em que cincoenta mil pessoas, arcando com as iras e as prepotências das autoridades, aclamaram unanimes o principio republicano; para todos deve estar ainda bem viva a parte que o partido republicano tomou no centenario do Marquês de Pombal; ninguem, emfim, que se prese de português, poderá têr olvidado a marcha da República desde 1881, até á sua proclamação.

Cabe aqui prestar uma homenagem calorosa ao Dr. José de Castro que se prestou a ir como advogado á Ilha da Madeira, afim de se defrontar com as forças monarquicas.

Mais tarde Manuel de Arriaga e Consiglieri Pedroso visitaram o Funchal. Esta peregrinação muito concorreu para republicanizar a Ilha, e teve uma grande repercussão mesmo em Lisboa, onde, por essa ocasião, se celebrava a apoteose de Fernandes Tomás, o patriarca da revolução de 1820.

Foram estas as consequências politicas da celebração do tricentenario de Camões e do tratado de Lourenço Marques.

bibRIA

bibRIA

A MINHA DEFEZA POR JOSÉ DIAS FERREIRA

SUMARIO

A minha intervenção no «Seculo» verberando o morticínio da Madeira por motivo da eleição de Manuel de Arriaga. — O meu artigo «Bandidos celebres», incisiva objurgatoria, como estímulo a republicanos, pelo qual fui processado, o que, aliás, positivamente esperava. — Defesa brilhante de José Dias Ferreira. — A gentileza do juiz para comigo e sua isenção admirável. — A minha reclusão espontânea. — Episódios na prisão e no libertamento.

Se não me engano, foi pelo ano de 1884. Era candidato republicano pela Madeira o meu respeitável amigo Manuel de Arriaga. A eleição fôra muito disputada. No auge da refrega a tropa fez fogo sobre os eleitores e matou sete cidadãos, partidários do candidato republicano.

Dirigia eu então o *Seculo*. Quando recebi, á noite, o telegrama, narrando-me o ocorrido, indignei-me e exclamei:

— É uma infamia! A vida de sete republicanos vale bem a propria vida.

E resolvi num artigo violento lançar o repto ás

hostes monarquicas. Fui para o jornal e tomando a pena escrevi o artigo intitulado *Bandidos celebres*, que começava assim: «*Acabam de sêr assassinados sete portuguezes por ordem de el-rei*», e terminava por êste outro periodo: «*Eu não posso bater-me com os lacaios de vossa magestade, mas se vossa magestade tem nas veias o sangue quente dos seus avoengos, desça á rua e encontrará um adversario*».

Bem sabia que esta objurgatoria me havia de valer alguns meses de prisão. Mas procedi positivamente, como estímulo aos meus correliigionarios. Poucos dias depois era efectivamente processado, tendo de responder em audiência correcional pelo crime nefando de haver atacado o violento abuso das autoridades.

Foi meu defensor o ilustre causidico José Dias Ferreira.

O juiz foi o mesmo que havia condenado João Brandão.

Chegou o dia da audiência, que se transformou num acontecimento politico. O juiz, muito constrangido, dissera-me antes:

— Nunca pude supôr que tal me havia de acontecer; poderia imaginar que o veria ministro, mas nunca réu.

No dia do julgamento o juiz, Manuel Celestino Emidio, que passava por sêr um homem duro, foi para comigo duma gentileza cativante. Mandou vir uma cadeira, convidou-me a sentar, e, pondo a

mão sobre os olhos, nunca me encarou de frente.

Uma multidão enorme invadira a sala da audiência. A defeza foi brilhante, baseada, sobretudo, no direito que tinham todos os cidadãos de apreciar os factos a seu modo, sem intenção criminosa.

Fui condenado á pena minima, um mês, o que me surpreendeu, porque esperava a maxima.

Quando pretendi subir o Chiado em carruagem, para me dirigir a casa, era tal a multidão, que me esperava na rua, que a policia me obrigou a seguir pela rua do Arsenal e a tomar pela rua do Alecrim.

Apelei da sentença para experimentar a famosa lei contra a imprensa, a *lei das rolhas* do ministro da Justiça de então, Lopo Vaz, e levei o protesto até ao Supremo Tribunal de Justiça.

A sentença foi confirmada em todas as instancias. O juiz que todas as noites se encontrava no Gremio Literario com Lopo Vaz, teve a hombridade de lhe dizer que eu só iria para o Limoeiro se quizesse. Porque êle não consentiria nunca que eu fosse intimado.

O ministro retorquiu :

— E ousa dizer isso ao seu superior hierarquico ?

— Fará V. Ex.^a o que entender. Não modifico a minha resolução.

Um dia resolvi entrar na cadeia, para onde mandei o meu leito. O medico gentilmente havia-me cedido o seu gabinete de consulta. Dirigi-me á Boa-Hora, onde o juiz estava a presidir a um julga-

mento, e pedi-lhe para mandar a guia, porque ia cumprir a sentença a que tinha sido condenado. Ficou irritadissimo, e, batendo com o punho cerrado na mesa, disse-me que fazia uma asneira, porque só se entrega á prisão quem não pode deixar de o fazer, que em breve viria uma amnistia e eu não tinha necessidade de me submeter a tal violência.

Respondi que se o fazia era para mostrar aos meus correligionarios que não se deve temer nunca a prisão quando se defende uma causa justa.

A proposito narrarei alguns episodios que se passaram durante a minha reclusão.

Quasi todas as noites grupos de amigos postavam-se na rua, acendendo fósforos para que eu me apercebesse de que estavam comigo em espirito, gentileza a que eu correspondia mostrando-lhes o candieiro aceso por dentro das grades.

O gabinete que me fôra destinado era contiguo a um grande salão onde eu recebia as minhas visitas. Um dia eram tantas que Augusto Fuschini, entrando, me perguntou se todos aqueles individuos eram presos, ao que respondi que eram visitas minhas.

O director, general Tavares de Almeida, quando alguns presos lhe pediam para me visitar, consentia sempre. Foi assim que travei relações com alguns facinoras celebres, como o *Faca de mato* e outros.

Fôra-me destinado como fachina um condenado por assassinio a degrêdo perpetuo em Africa. Esse

pobre homem, dado á bebida, era manso como um cordeiro, e de uma rara dedicação. Quando saí do Limoeiro ajoelhou e beijou-me a mão, a chorar.

Impressionado pelo caso o meu primeiro cuidado foi deligenciar que a pena lhe fosse comutada, o que realmente consegui. Foi esta uma das maiores alegrias da minha vida.

No dia em que completava a pena, o director da cadeia, que me visitava diariamente, veio fazer-me as suas despedidas. No momento de me dizer que podia sair quando quizesse, recebeu do Ministerio da Justiça um officio, ordenando-lhe que me não demorasse, o que o maguou profundamente. Receavam uma grande manifestação na rua, e queriam evita-la a todo o transe. Manifestação que foi górada, porque quando o povo chegou á prisão para me acompanhar, já me não encontrou.

D. Luis costumava mandar todos os anos, pelo Natal, um veado a José Dias Ferreira. Os Braganças são rancorosos. Não lhe perdoaram o feio delito de me haver defendido. E nunca mais lhe enviaram o chamado tributo anual...

bibRIA

O «ULTIMATUM»

SUMARIO

Repetição de manifestações politicas após o Centenario de Camões. — Protestos contra tratados ruinosos para o País. — O mais energico foi contra o «ultimatum». — Sua decisiva importancia. — A aproximação dos povos é o desarmamento dos reis». — A confederação latina. — Banquete oferecido por M.^{me} Rattazzi. — Frase de Castelar. — A reunião no «Café Riche» e sua importancia. — Ruiz Zorrilla. — Deputados italianos, a sua colaboração. — A selecta concorrencia á reunião. — A minha larga exposição explicativa do que era o tratado com a Inglaterra. — Éco internacional. — Todas as folhas europeias de importancia se occuparam da reunião, exaltando o alcance da confraternidade latina e produzindo uma formidavel campanha contra o «ultimatum». — Convites de Berlim, Milão, Barcelona, etc. para realizar conferencias. — A questão portuguesa foi por toda a parte considerada assunto internacional. — Exito completo para Portugal e para o partido republicano. — Os proprios jornais inglezes me entrevistaram telegraficamente, fazendo-nos justiça. — Foi esta uma das viagens que me valeu o epiteto de futuro diplomata da Republica. — Cati-

vante recepção do povo na minha chegada a Lisboa, após seis meses de ausência.—«Pela Patria e pela Republica», obra descriptiva da viagem, prefaciada por Latino Coelho.—Manifestação em Madrid. — Alfredo Keil e Henrique Lopes de Mendonça.

A partir de 1880, época da celebração do tricentenario de Camões, as manifestações politicas repetiam-se a cada passo. Assim, a salamancada, em que se procurava construir uma linha de caminho de ferro para servir a Espanha, provocou uma agitação a que o povo se associou num protesto publico em reuniões e comícios. O *ultimatum* foi o resultado desta série de concessões a estrangeiros, que feriam a nossa dignidade e nos colocavam sob uma dependência deprimente. O que se tinha passado em 1881, com o tratado de Lourenço Marques, repetiu-se com mais energia, em 1890, com o *ultimatum*. Ninguém pode imaginar o que foi esse admiravel movimento, em que se reflectiu a consciencia nacional. Por toda a parte se notava uma efervescência patriótica, a que se associavam todas as classes, especialmente os estudantes.

Quando Eduardo de Abreu proclamou, no Café Martinho, uma noite, a necessidade de cobrir de crepe o monumento de Camões, muitos milhares de pessoas o acompanharam nessa expansão de protesto. Foi uma noite inolvidavel— a Patria estava de luto. Eduardo de Abreu subiu ao pedestal do

monumento envolvendo-o em crepe com aplauso geral.

A emoção foi tão profunda que as autoridades policiais não se atreveram a mandar arrancar o crepe, que se conservou durante muitos meses seguidos em redor do monumento.

Nunca esquecerei aquela noite, que ficou gravada no meu espirito como o verdadeiro prologo da revolução. Foi então que eu, ferido no meu amôr de patriota, resolvi empreender uma peregrinação pela Europa para pôr em relêvo o que se passava no meu país. O *ultimatum* representava o interesse da dinastia de Bragança, e, acima do interesse dinastico ou de casta, está o interesse do povo. Quanto mais os povos se aproximam, mais os cesares tremem nos seus tronos de ouro. A aproximação dos povos é o desarmamento dos reis. Deante da colectividade, que representa um interesse sagrado, o individuo suprime-se. O mesmo deve succeder com uma familia, ou uma oligarquia, desde que sejam a expressão de um privilegio, ou de uma desigualdade social.

O *ultimatum* representava uma submissão pela força á politica ingleza. A palavra de ordem adoptada na minha viagem, resumia-se no seguinte di-
lêma: *ou federados com a Espanha, ou escravos da Inglaterra*. E foi com esta bandeira que percorri a Europa numa propaganda intensa a favor da confederação latina. Na minha passagem por Madrid, a convite da Princesa Ratazzi, tive o prazer de

assistir a um dos seus banquetes no *Buen Retiro*. Foi-me dado o incomparavel prazer de ficar á direita do grande Emilio Castelar. Como é natural trocámos impressões sobre a politica dos nossos países. A certa altura disse-lhe :

— Nota-se a sua frieza para com a Republica.

— Como assim?! Pela Republica tudo. Com quem não quero nada é com os republicanos.

Achei estranha aquella frase e tive a coragem de lhe dizer que ella podia sêr considerada como apostasia. Contou-me então os acontecimentos succedidos em Espanha que conduziram a Republica ao golpe de Estado: dissensões entre republicanos, vaidades insofridas, ambições illegitimas, interesses inconfessaveis. Tal era o balanço dos militantes daquêl tempo, que levaram Castelar a uma quasi descrença. E o famoso tribuno acrescentou :

— Se um dia tiver a Republica em Portugal poderá apreciar com desgosto o que as minhas palavras significam.

Nunca os republicanos portuguezes devem esquecer o que se passou em Espanha. Foi uma lição proveitosa para todos. Oxalá que não tenham um dia de dar razão a Castelar.

Mal suporia o feroso orador que bastantes anos depois eu teria de applicar doloridamente as suas proprias palavras ao meu país !

*

Resolvi convocar uma reunião em Paris, que se realizou no *Café Riche*, no Boulevard dos Italianos. «Esta reunião, escrevia no dia imediato um importante órgão parisiense, tinha sido organizada pelos representantes da imprensa republicana espanhola, portuguesa e italiana, que ofereceram um *punch* á imprensa estrangeira».

Entre os assistentes encontrava-se Ruiz Zorrilla, que presidiu, e que depois de t \hat{e} r ocupado um dos mais altos cargos em Espanha se encontrava exilado em Paris. «A ofensa feita a Portugal é como se tivesse sido feita tambem á Espanha. São duas nações irmãs», afirmou o notavel homem de Estado. †

Tomaram em seguida a palavra os deputados italianos: Diligenti e Andr \hat{e} a Costa, o deputado franc \hat{e} s Camilo Pelletan, o principe dos jornalistas parisienses, Augusto Vacquerie, o brilhante publicista espanhol, Ernesto Ladeveze, Emilio Gautier, e outros notaveis jornalistas parisienses. Eu, pela minha parte, fiz uma longa exposi \tilde{c} ão do que representava o tratado anglo-luso, e o que significava a indignação levantada em Portugal contra êle.

O *punch* do *Café Riche* teve um éco internacional. No dia seguinte áquele em que se realizou a reunião, quasi todas as folhas europeias se occuparam dos discursos ali pronunciados. Os artigos do *Rappel*, do *Temps*, do *Evènement*, da *Justice*, do

Siècle, da *Lanterne*, do *Petit Journal*, do *Eclair*, do *Petit Parisien*, da *Presse*, produziram grande efeito em Paris. As folhas italianas, *Secolo*, *Gazzeta del Popolo*, *Fanfula*, *El Fracassa*, *El Diritto*, *La Capitale*, *Gazzeta di Torino*; as espanholas *Liberal*, *País*, *Globo*, *Epoca*; as inglezas *Daily-News*, *Daily-Telegraph*, *Standard*; e a alemã *Volksblatt*, todas consagraram artigos e notícias a esta deslumbrante manifestação de fraternidade latina.

Essa noite memorável marcou pois na imprensa europeia o principio duma campanha formidável contra o *ultimatum* inglês. A «Associação Internacional dos Professores» convidou-me para realizar uma conferencia nas suas salas. De Berlim, de Milão, de Barcelona, e de muitas cidades da Europa recebi iguais convites e iguais solicitações. A questão portuguesa era por toda a parte considerada como a questão internacional do dia. Era completo o triunfo para Portugal, e enorme o successo para o partido republicano. Nunca o nosso país havia sido tão falado e tão discutido; nunca o partido republicano português havia despertado tanto interesse e alcançado tamanha vitória.

Os proprios jornais inglezes me entrevistaram, publicando as minhas palavras pelo telegrafo, por as considerarem de toda a justiça. Foi esta uma das viagens que me valeu o epiteto de futuro diplomata da Republica.

Todas as outras campanhas, que empreendi,

foram resultados do exito obtido na minha campanha europeia contra o *ultimatum* inglês. O povo de Lisboa compensou largamente o meu esforço, acompanhando-me, depois de seis meses de ausencia, desde a Estação até ao *Seculo*, soltando alguns milhares de pessoas os gritos de Viva a Republica! Viva a Patria livre e independente!

Numa bela edição da casa editora do Porto, Alcino Aranha & C.^a, publiquei um relato desta viagem, intitulado *Pela Patria e pela Republica*, com um prefacio do eminente publicista Latino Coelho, que terminava pelas seguintes palavras, profundas como tudo que saíu da sua admiravel pena: «a confederação dos povos latinos, quando venha a efectuar-se, abrirá uma era nova na historia da humanidade. A paz armada ha de ceder o seu lugar ás relações pacificas pelo direito e pela razão. É por isso e em nome dessa ideia altamente humana, civilisada, destinada a transformar radicalmente a situação da Europa, que saúdo com a mais entranhavel cordialidade o livro de Magalhães Lima, a que estas linhas servem de prefacio. Com a sua palavra incisiva, imaginosa, eloquente, com o seu bellissimo talento, ainda mil vezes acrescido com a fervorosa convicção da sua alma entusiasta, o nosso excelente amigo advoga a necessidade imperiosa de instituir a federação republicana dos povos latinos, como preambulo á confederação geral da Europa civilizada, e como preparação para que um dia possa realizar-se o sonho dos filosofos

e a utopia dos videntes, a fraternidade humana, que hoje tem por seus implacaveis inimigos o egoísmo dos monarquicos, o despotismo da tradição e o preconceito das inconscientes multidões».

Este livro compunha-se de 12 capitulos, além de uma introdução intitulada *A minha propaganda*. O capitulo 1.º intitulava-se *Em Madrid*; o 2.º *De passagem por Paris*; o 3.º *Em Londres*; o 4.º *Pela Escocia*; o 5.º *Novamente em Paris*; o 6.º *A Belgica*; o 7.º *A Holanda*; o 8.º *De volta a Paris*; o 9.º *O Brasil*; o 10.º *Em Barcelona*; o 11.º *A Italia*; o 12.º *O Regresso*. Neste capitulo descrevo uma calorosa manifestação, que me foi prestada em Valladolid, com um cortejo promovido pela municipalidade. Ao comicio, que se efectuou no Teatro Calderon, associou-se a juventude republicana, além do deputado D. José Muro, que foi ministro de Justiça no governo da Republica; nêsse comicio proferi um longo discurso sobre o *ultimatum*, que profundamente abalou o auditorio.

Na minha partida de Madrid para Lisboa foi-me feita nova manifestação em que tomaram parte cêrca de 30.000 pessoas com Nicolau Salmeron e outros chefes republicanos eminentes á frente.

Esta minha peregrinação patriotica durou seis meses. Foi coroada pelo mais completo resultado, e, pode bem afirmar-se, criou uma atmosfera de simpatia para o futuro advento da Republica.

A PORTUGUESA

Foi, por esta ocasião que o admiravel artista, republicano de sempre, Alfredo Keil, compôs a *Portuguesa*, que se tornou hino nacional, cantado nas ruas e praças publicas. Escreveu a letra o insigne academico, Henrique Lopes de Mendonça que, no principio da sua carreira, foi proposto candidato republicano por Loanda, onde estava em serviço da Armada.

A *Portuguesa* executou-se, pela primeira vez, no *Teatro da Alegria*, num a proposito, intitulado *Torpeza*, de Antonio Campos Junior, em Janeiro de 1890, provocando um verdadeiro delirio.

bibRIA

bibRIA

JULGAMENTO DE AFONSO COSTA

SUMARIO

O «ultimatum» consequencia do centenario de Camões. — Estreitamento de relações, era ainda estudante, com o notavel homem publico, que mandava os resultados dos actos para o «Seculo» sob cifra telegrafica. — Coincidência notavel. — Irritação da Academia por causa da condenação de Antonio José de Almeida. — O opusculo «Desafronta», escrito por este famoso tribuno. — Dos precursores aos fundadores. — Uma cronica de Emidio de Oliveira «Spada», no «Jornal de Noticias», do Porto. — Mayer Garção.

O grande caudilho da Republica era, quando eu o conheci, um simples estudante de Direito. Pertenceu á geração chamada do *ultimatum*. O *ultimatum* marcou, com efeito, um periodo historico para o nosso país, e deve considerar-se ainda como uma consequencia da celebração do tricentenario de Camões.

Afonso Costa já tinha nome por esse tempo e todos o indicavam como futuro lente da Universidade. Dirigia eu o *Seculo*. Os actos da Universidade inspiravam um verdadeiro interesse para muitas familias da capital.



Afonso Costa combinou comigo uma maneira telegrafica de dar informações diarias sobre os exames finais na Universidade. Foi não só um grande serviço prestado ao jornal, senão também uma obra de decisivo alcance publico. As nossas relações tornaram-se mais intimas com êste facto, além da afinidade de ideas, que já existia entre nós. Em consequência dum artigo, publicado por ocasião do *ultimatum* inglês, que nos roubava uma parte do nosso territorio na provincia de Moçambique, foi Afonso Costa processado. O artigo em questão constituia um libelo famoso contra o govêrno, e o seu autor levou a amabilidade ao ponto de me convidar para o defender no tribunal.

Coincidência singular! No mesmo dia era julgado também por abuso de liberdade de imprensa o famoso tribuno Antonio José de Almeida, que tinha como defensor um outro não menos famoso tribuno, que se chamava Manuel de Arriaga. Foi um acontecimento em Coimbra. A sala do tribunal encheu-se completamente. Lembra-me que o juiz, Dr. Carvalhais, por vezes pensou em me retirar a palavra.

— Se assim fôr, deixo a V. Ex.^a a responsabilidade do que possa acontecer, exclamei.

Os estudantes intervinham a cada passo com os seus ápartes e apoiados. Eu fiz uma defeza, pode bem dizer-se, á facada.

Qual não foi, porém, a surpresa geral quando o juiz, lendo a sentença, condenáva Antonio José de

Almeida a três meses de prisão, absolvendo Afonso Costa!

Se havia irritação na Academia por causa do *ultimatum*, maior se tornou com a sentença condenatoria de Antonio José de Almeida.

Ao contrario do que sucede hoje, a Academia era, na sua grande maioria, republicana. Os três meses de prisão infligidos a Antonio José de Almeida, foram três meses de propaganda ardente, que aumentou sensivelmente com a publicação do opusculo *A Desafronta*, escrita pelo seu proprio punho.

Afonso Costa nunca esqueceu aquele grande dia, e muitas vezes me fala ainda na maneira como eu conduzi a defeza, que por igual impressionou estudantes e *futricas*.

Conto, pois, este facto, que me foi inspirado pela minha indignação contra o *ultimatum*, como um dos mais belos da minha vida de republicano e de portugêes.

Silva Graça, já então um dos proprietarios de *O Seculo*, foi admiravel de inteligencia e dedicação, contribuindo grandemente para o desenvolvimento do jornal.

*

O periodo dos precursores, entre os quais se destacaram Joaquim Cecilio de Sousa e Horacio Ferrari, estende-se de Henriques Nogueira, em 1851, até ao *ultimatum* inglês. A notavel pleiade

academica dessa época, a que pertenceram Afonso Costa, Antonio José de Almeida, Alexandre Braga, Brito Camacho, José Relvas, João de Menezes, Eusebio Leão, José Barbosa, Higino de Sousa, Aresta Branco, Crispiniano da Fonseca e Augusto de Vasconcelos, marcou a alvorada da República. Entre êstes fundadores não devo esquecer Eduardo de Abreu, que foi um trabalhador famoso. A acção parlamentar tornou-se notavel e o público acompanhou os seus representantes com verdadeira paixão.

Foi um periodo agitado, que por vezes lembrou a Convenção francesa. A imprensa republicana estava á altura daqueles homens e dos seus feitos. A *Marselhesa*, dirigida por João Chagas, com ardôr combativo, congregou em volta dela adeptos ferrentes como Mayer Garção, Leal da Camara e outros.

A *Marselhesa* teve no Porto um orgão similar, intitulado *A Portuguesa*, tambem dirigida por João Chagas, que muito contribuiu para o 31 de Janeiro. Estava formado o espirito revolucionario, e tudo que veio depois foi consecuencia desta atmosfera que pouco a pouco atingiu o rubro.

Lembrarei a proposito duas instituições de rapazes, que tão bons serviços prestaram: a «Liga da Mocidade Republicana», a que pertenceram individualidades, que depois se tornaram conhecidas no mundo político, entre as quais citarei João Camoezas, Nobrega Quintal, Alfredo Guisado, João Pacheco, e a «União da Mocidade Republicana»,

que se lhe seguiu, de que foram corifeus devotados, Fernando Mayer Garção, Santos Ferro, Oliveira Migueis, e mais. A propria *Seara Nova*, onde se contam altas personalidades, como Jaime Cortesão, Raul Proença, Antonio Sergio, Azevedo Gomes, Ezequiel de Campos, Aquilino Ribeiro e outros, é uma sequencia de todos êstes nucleos,— um alicerce para a obra de reconstrução.

EMIDIO DE OLIVEIRA (SPADA)

Recorto de uma cronica, publicada no *Jornal de Noticias*, do Porto, as nobres palavras de Emidio de Oliveira (*Spada*), que me foram consagradas e que ficarão como subsidio para a historia. O meu querido *Spada*! Ainda conservo dêle numa hora de cruel desilusão um bilhete postal que resa assim: *Os pardaes devoraram a seara...*:

Quantos eramos ha trinta anos? Meia duzia deles. Vivia aflitivamente *O Seculo*, dirigido pelo Magalhães Lima; a *Folha Nova*, dirigida por *Spada*; a *Folha do Povo*, em Lisboa; e, pela provincia, o jornal de Samardan, creio que o *Povo do Norte*, e outro do José de Castro, na Guarda. O José de Castro, que anda agora tão aflito a organizar ministerios, era, nessa época, um rapazito, cheio de bonhomia, que defendia, no fôro do seu districto, a justiça das causas justas. Tinha um sorriso placido e a palavra inculta dos homens da provincia, não sendo facil alterar-lhe o genio, nem, muito menos, a bondade nativa, simples, rescendente a flôres do campo, sem mixórdia das pedantes ceremonias cortezãs.

Quando se produziu a questão *Quilliman*, eramos três a fazer os artigos constativos d'*O Seculo*: o Latino Coelho, o Teixeira de Queiroz, e aquele que sob o pseudonimo de *Spada* foi especialmente encarregado da réplica á Inglaterra, representada por Jacob Bright, que nos insultára no parlamento britânico, chamando-nos protectores da escravatura.

Dêsse pleito, parece que ficou provado que, efectivamente, a escravatura tivera os seus protectores na Europa, mas que êsses protectores não eram Portugal, nem os seus governos. Para aquele que tivesse a seu cargo a historia da democracia portugueza, será trabalho inicial o estudo dessa época. Estavam ainda mais longe os operarios das construções mais recentes: Antonio José d'Almeida, Afonso Costa, Brito Camacho estavam ainda longe. Apenas, no Porto, trabalhavam com gallardia, com juventude, de coração alto e de alegria no coração juvenil o José Pereira de Sampaio, o Basilio Teles, aquele rapaz da *Democracia Comercial*, o Santos Cardoso, na *Justica*, o Alves da Veiga, o mais velho de nós todos e, por isso, o mais ponderado, e a rapaziada da *Folha Nova*, o Catão, o Marcos Guedes, o Jaime, o Augusto Gama, o Carrelhas (que nos arreliaava por se dizer *fontista*), o Joaquim Coimbra, o Bruno, o Rica, o Teixeira Gomes, o Gomes da Silva, o João Novais, o velho Alexandre Braga, o Vitorino da Mota, o Vasques de Mesquita e todo o enxame brilhantissimo das escolas, vibrante de entusiasmo e de talento. O que não havia era publico.

Este individuo, sempre generoso, emocionavel, andava, por essa época, transviado sob as ordens dos partidos monarchicos, e apenas conseguimos reuni-lo, amontoa-lo ao redor de nós,—mas, então, espantoso de força, de energia e de patriotismo, nos altos momentos graves, na trincheira das grandes lutas portuenses, como no Centenario do Marquês de Pombal, festa da *Folha Nova*, na questão *Quilliman*, na Secularisação da Capela da Aguardente, no funebre ultimatum...

Durante a pendencia Jacob Bright, Magalhães Lima telegrafava-nos:—«Não suspendas a materia. Grande successo! *O Seculo* está tirando 16:000 exemplares.»

Desesseis mil exemplares, nesse tempo, constituíam a maxima tiragem do grande diario do Magalhães, e em momentos de violenta crise popular.

Tudo isto pertence á pre-historia da democracia portuguesa, áquella época em que mãos simples e corações claros lançavam sobre a terra portuguesa a semente escolhida das idéas generosas, candidas, altruistas duma fraternidade pela justiça comum e duma liberdade pela tolerancia de todos os direitos.

Pertence á pre-historia da democracia portuguesa. Foi tambem por essa época que se publicou a «Galeria Republicana», album interessantissimo, onde Magalhães Lima por um movimento da sua pena cristalina, se lembrou, um dia, de fazer a biografia de «Spada», desenhando o triste visionario debruçado sobre a «Vida de Jesus» de Strauss, na pesquisa das emoções do mito religioso.

Bom, excelente, adoravel rapaz, o Magalhães! As palavras mais ardentes, os verbos mais inflamados, as coleras mais ousadas saiam-lhe pelos labios escarlates como beijos lançados sobre a face da Republica.

Eu nunca vi figura — e tantas tenho visto — que mais rudemente contrariasse o pensamento. A bellissima cabeça assegurava precisamente o contrario da afirmação do discurso, e, quando ele clamava ás armas contra a tirania, contra a sotaina, contra o riso, os olhos tornavam-se mais azuis, fluctuavam docemente os seus cabelos loiros, e a boca fazia-se mais pequena e mais doce, como se o coração, afinal, bailasse, lá dentro, a valsa das rosas.

Tudo isto é da pre-historia. Idas e vindas para o estrangeiro, e do estrangeiro, o Magalhães aparecia, desaparecia, como uma figura de sonho, e, para as tristezas da minha alma dolorida, como uma saudade dos tempos de frescura e dos anos da esperanza.

Nos principios dêste ano, em janeiro, quiz saber dele. Num postal, em que formamos um grupo, o Arriaga, o Magalhães, o Consiglieri, o Silva Lisboa, o Alves da Veiga e eu, perguntei-lhe:

—Ainda és vivo?

Respondeu-me a sua voz querida:

«Meu velho e querido amigo.

Infinitamente te agradeço o prazer espiritual que me proporcionaste com a revivescência dos velhos tempos heroicos.

Não ha duvida que vivo; mas desconsolidado e triste.

Como foram belas essas alvoradas republicanas que immortalisaste com o teu postal!

Dêsse grupo historico apenas um morreu.

E, todavia, quão distanciados andam os sobreviventes uns dos outros... E, o que é necessario, ao contrario, é a aproximação.

Bem hajias, pois, pela tua lembrança, reveladora daquela alma que tanto amei e em que floriram os mais generosos sonhos da mocidade. Não deixemos morrer a juventude e mantenhamos viva a nossa fé. Eis o que procuro fazer, para consolação da minha velhice.

Com toda a minha devoção, a terna devoção dos crentes, muito teu amigo e saudoso companheiro—Magalhães Lima».

Porque me lembrei eu hoje d'esta carta e a fui procurar no masso dos meus papeis mais queridos?

Porque, a esta hora, o Magalhães já não é ministro, e todas as manhãs, na maior anciedade, procuro os curtos dizeres dos boletins medicos, anotando a situação patologica do grande e brilhantissimo revolucionario. Porque a minha alma, que tantos anos andou volitando ao redor dos seus cabelos loiros, não o pode desamparar nêstes momentos angustiosos, em que todo o país se verga timidamente sobre o seu leito de enfêrmo. E' «a eterna devoção dos crentes» como ele me dizia na sua carta, á qual respondi longamente,

fraternalmente, alevantando o seu espirito melancolico até á glorificação da sua tarefa, que os arrivistas da ultima hora em grande parte poderão desconhecer, mas que o historiador da democracia portuguesa tem de traçar a oiro escarlate, como os escultores e decoradores medievais faziam aos grandes personagens, que todo o seu espirito consagraram á devoção eterna por um generoso e sublime pensamento.

*

Completo o quadro com algumas palavras do grande idealista e notavel combatente Mayer Garção:

«Um jornal de Lisboa publicou ha dias uma longa relação de mortos da Republica, e pouco depois uma outra folha da capital acrescentou a essa lista uma outra de republicanos illustres que, se não estão mortos, não tem na Republica a situação que megavelmente lhes é devida. Na primeira lista leem-se nomes como os de Manuel de Arriaga, Guerra Junqueiro, Alexandre Braga, João Bonança, Basilio Teles, Bruno, Braancamp Freire, João de Menezes, França Borges, Antonio Macieira, Teofilo Braga, Nunes da Ponte, Eduardo Alves, Aurelio Ferreira, Carvalho Araujo, Afonso Pala, Julio Martins, Azevedo Albuquerque, Santos Pousada, Anselmo Xavier, Machado Santos, Antonio Granjo, Carlos da Maia, e muitos outros. Na segunda, os dos *esquecidos*, como o *Mundo* o denuncia, leem-se como os de José Caldas, (dado por morto na outra lista), Bernardino Machado, João Chagas, Magalhães Lima, José de Castro, José Relvas, Angelo da Fonseca, Jacinto Nunes, Artur Leitão, Ramiro Guedes; Leão Azedo, coronel Malheiro, Bettencourt Raposo, Luz de Almeida, Antão de Carvalho, e muitos outros. Na realidade, para a Republica, o esquecimento de uns é quasi o mesmo que a morte dos outros.

HOMENAGEM A FERNANDES TOMÁS

SUMARIO

Efervescência republicana. — Iniciativa de «O Seculo» para uma homenagem no cemiterio, que apavorou o governo. — Intimação da policia. — Suplemento de «O Seculo». — Proibição das associações levarem estandartes. — Discursos veementes no cemiterio. — Regresso em triunfo. — Jornadas gloriosas do partido republicano. — O Povo, garantia da Republica.

biblioteca

Como consequencia da febre de liberdade e de democracia que ardia em todos os peitos, e que se manifestava na publicação de desenas de jornais republicanos, na realização de comicios e de conferencias, resolveu *O Seculo*, por minha iniciativa, prestar uma homenagem no cemiterio ao grande patriarca da revolução de 20, Fernandes Tomás. Fui eu mesmo falar com o ministro do reino de então, Barjona de Freitas, para lhe comunicar a minha intenção. Êle não só me aplaudiu como me estimulou a proseguir na minha tarefa. Quando, porém, appareceu publicado o programa do cortejo em que tomavam parte centenas de filarmônicas, os poderes publicos amedrontaram-se, e resolveram

contrariar esta manifestação liberal. Fui intimado pelo chefe da policia, Moraes Sarmiento, para alterar o trajecto. A policia receava sobretudo a passagem desta procissão civica por alguma das principais ruas da cidade. Recusei-me formalmente a assinar esta intimação, e declarei que a manifestação havia de fazer-se, custasse o que custasse. Publiquei então um suplemento ao *Seculo*, apodando de garotada o que acabava de se passar, tornando o senhor ministro do reino responsavel pelo que pudesse succeder, e convidando o povo de Lisboa a comparecer no cemiterio dos Prazeres ás 4 horas da tarde. O alvoroço foi extraordinario. As ruas encheram-se de patriotas, a resistencia foi geral e um mesmo pensamento dominava a enorme multidão, que se apinhou no cemiterio. Tinha havido proibição expressa ás associações de levarem os seus estandartes, sob pena de prisão. As associações reagiram, percorreram as ruas com os seus estandartes e a policia não teve coragem de lhos arrancar. Quando eu cheguei de carruagem, com a comissão, á porta do cemiterio, com uma admiravel corôa de bronze, que foi depositada sobre o tumulo do glorioso precursor da liberdade, a guarda municipal, que estava formada em linha no largo, sob o comando do general Macedo, desembainhou as espadas, ao que eu correspondi, declarando que agradecia a homenagem prestada a Fernandes Tomás.

Estava armada a tribuna junto da sepultura do nosso homenageado. Ali se proferiram discursos

veementes, de profunda fé republicana e de absoluta confiança nos destinos da Republica. Com dificuldade rompi através da multidão compacta.

Quando entrei na carruagem, á saída, fui acompanhado por centenas de pessoas. A certa altura tiraram os cavalos do trem para me levarem em triunfo. Procurei, quanto possivel, evitar essa nova demonstração de simpatia, ordenando ao cocheiro que fustigasse os cavalos. Apesar disso não houve maneira de demover o povo do seu proposito. Eu morava então na rua Formosa, onde me apeei.

Soube, depois, com desgosto que se haviam efectuado algumas prisões na Praça de Camões.

Foi, apesar de tudo, esta uma das jornadas gloriosas do partido republicano, e que deu logar a outras jornadas não menos gloriosas tambem. Foi assim, por estes processos, que se desenvolveu a propaganda republicana.

Aos abusos da autoridade correspondia a resistencia de um povo conscio dos seus direitos. E foi esse mesmo povo que se tornou depois a mais solida garantia da Republica em Portugal.

CENTENARIOS

SUMARIO

O do Marquês de Pombal, o de Vasco da Gama e o de José Estevam. — Congresso internacional da Imprensa. — O incidente de Tomar com M.^{me} Sorgue. — Centenario de Vasco da Gama. — Duas idas ao estrangeiro e seus intuitos. — Exito na Belgica. — Visita a Victor Hugo. — Designios de viagem. — Rochefort e Victor Hugo. — Max Nordau.

Tendo assistido ás consequencias salutaes que advieram para o País da celebração do tricentenario de Camões, pensei que essas manifestações patrioticas, contribuindo grandemente para levantar o espirito publico, podiam provocar o rejuvenescimento nacional, que os republicanos tinham em vista. Por isso me associei com toda a minha alma ao centenario do Marquês de Pombal, promovido pelas academias daquele tempo, e por isso tambem tomei parte activa no centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, levado a cabo pela Sociedade de Geografia e no centenario de José Estevam, em Aveiro, em que tomaram parte os Drs. Cunha e Costa, Luiz de Magalhães, meu irmão Jaime de Magalhães Lima e eu.

Duas vezes fui ao estrangeiro, em nome da Comissão Executiva do Centenario da India, para preparar a manifestação internacional, que devia responder á nacional. E assim tive ensejo de organizar comissões na Suecia, na Holanda, na Belgica, em Londres, em Paris e em Madrid. A pesar de não estar revestido duma missão official e de não ter outro titulo que não fosse a representação da Sociedade de Geografia, encontrei um apoio quasi official nos ministros a quem me dirigi. Devo dizer que o Marquês de Soveral, então ministro em Londres, compreendeu admiravelmente os intuitos do centenario e trabalhou para o seu exito com verdadeira dedicação. O mesmo succedeu com o Conde de Tovar, ministro na Belgica, com o Conde de Sousa Rosa, ministro em Paris, com o sr. Antonio Feijó, ministro em Stockolmo. Foi nesta cidade que eu tive ocasião de conhecer o grande explorador Nordenskiöld, que desde logo me prestou um auxilio eficaz e decisivo. Organizaram-se comissões e resolveu-se publicar obras comemorativas do extraordinario acontecimento historico.

Em Paris, além da sessão, que se realizou na Sorbonne, a casa Larrousse publicou uma revista com gravuras alusiva a Portugal e um belo volume sobre a nossa historia e condições de vida social, intitulado *Le Portugal*.

As duas viagens, que empreendi, foram completadas com uma conferência, que realizei na Sociedade de Geografia, a que assistiram cêrca de 3.000

peçoas, intitulada *O Centenario no Estrangeiro*. O meu fim era fazer coincidir com a celebração do centenario a Conferência interparlamentar da Paz e o Congresso Internacional da Imprensa. A primeira não poude realizar-se por motivos imperiosos; o segundo fez-se com o maior esplendôr. Os publicistas tiveram ocasião de visitar uma parte de Portugal, tendo levado as melhores recordações, que depois descreveram nos seus respectivos jornais.

Quando os congressistas visitaram o claustro do Convento de Cristo, em Tomar, onde se realizou o banquete, deu-se um incidente que, pelas proporções que tomou, vale a pena mencionar. Madame Sorgue, que representava no congresso a *Petite Republique Française*, por um lamentavel equivoco, atirou um copo que se partiu junto de mim, que presidia á manifestação.

Deu origem ao caso o seguinte: no trajecto de Lisboa a Tomar, em varias estações, tinha vindo o povo com filarmonicas para saüdar os congressistas. Duma das extremidades do claustro, onde se havia sentado, Madame Sorgue, que era socialista, como o periodico que representava, pedira-me para saüdar os operarios portugueses. Nada me podia sêr mais agradavel. Mas a verdade é que á distancia a que se encontrava a illustre congressista eu não pude ouvir as suas palavras. Pensou ella que o fizera propositadamente. Exasperada, atirou o copo, que veio partir-se junto de Madame Bataille,

esposa do redactor do *Figaro*, que se encontrava á minha direita.

O reboliço foi grande, e as interpretações foram as mais variadas, como sempre succede nêstes casos. Reduzido ás suas verdadeiras proporções, o incidente não passou duma tempestade num copo de agua, tendo servido apenas para alimentar o escândalo publico.

Madame Sorgue, inteirada da verdade, foi a primeira a dar-me todas as satisfações. Era uma jornalista de talento, com quem depois mantive cordiais relações, até á sua morte subita, num hotel de Londres, quando se dirigiu áquella cidade para efectuar um inquerito sobre o partido trabalhista, em vespas de subir ao poder.

*

Tratava-se da celebração do centenario de Vasco da Gama. Na Sociedade de Geografia tinha-se organizado uma comissão para esse fim. Duas vezes fui ao estrangeiro, em nome dessa comissão, a fim de dar á solenidade o character universal, que de direito lhe pertencia. As minhas viagens tinham por fim conseguir a vinda de esquadras estrangeiras ao Tejo, realizar conferências em várias academias e universidades, editar publicações e folhetos alusivos ao acto, como expressão de solidariedade internacional conferida ao nosso país.

Estava o govêrno progressista no poder.

Embora eu não fosse oficialmente, e não estivesse investido duma missão official, fui todavia recomendado pelo ministro dos Estrangeiros de tal modo, que a recepção nos países percorridos, pelos ministros plenipotenciarios portuguezes, entre os quais se salientavam o Marquês de Soveral, Sousa Rosa e Conde de Tovar, mais se aproximava duma viagem official do que duma recepção officiosa.

Em Bruxelas estava por esse tempo reunida na Camara dos Deputados a Conferência Interparlamentar da Paz.

Pedi ao Conde de Tovar, nosso ministro naquella cidade, para intervir junto do presidente da Conferência, que era tambem presidente da Camara dos Deputados, o sr. Bernaert, para êle proprio dirigir o convite aos representantes das diversas nações, no sentido de colaborarem com Portugal em tão grandiosa consagração. Prometeu fazê-lo, o illustre parlamentar, mandando-me acompanhar á galeria diplomatica para que eu assistisse á sessão. Havia-se passado meia hora, quando fui surpreendido pela aproximação do secretario da Conferência, o sr. Houzeau de La Haie, que me pediu, em nome do presidente, para eu mesmo fazer o convite da tribuna da Camara.

Objectei que não era deputado, nem senador.

— Mas é o representante duma sociedade scientifica, a Sociedade de Geografia de Lisboa, e isso é diploma sufficiente para nós.

Não podia ficar mais lisongeado, como deve supôr-se. Pedi apenas para me sêr concedida a palavra no fim da sessão. Precipitadamente coligi uns apontamentos a lapis, e, subindo á tribuna, fiz o convite, estabelecendo o confronto entre Cristovão Colombo e Vasco da Gama, considerando este como o maior instrumento da civilização e do progresso.

A minha alocução levou os delegados á Conferência a aclamarem de pé o nosso país.

*

Um grande anseio, que alimentava desde a juventude, era vêr e falar a Victor Hugo!

Vivia eu intimamente com alguns dos mais apreciados membros, que constituíam o cenaculo do Mestre, entre os quais me apraz citar Augusto Vacquerie e Paul Meurice. O primeiro considerado, com justiça, o principe dos jornalistas parisienses, era director do *Rappel*, orgão de Victor Hugo. Foi a este que me dirigi, a fim de realizar a sonhada aspiração.

Vacquerie censurou-me por lhe não têr antes lembrado o assunto, e fixou logo o dia para se efectuar a visita, que considereí, e ainda hoje considero, um verdadeiro e excepcional acontecimento na minha existência.

Victor Hugo morava na rua que hoje tem o seu glorioso nome. Entrei na casa do Mestre com a ti-

midês e o receio dum colegial, que vai sêr submetido a exame.

Vacquerie exclamou :

— Realiza-se, enfim, o seu grande desejo.

Apertei-lhe a mão, comovidamente, sem proferir palavra.

Uma criada da Bretanha, com o traço característico da região, veio abrir-nos a porta.

Foi grande a minha comoção, que aumentou ao deparar-se-me o gigante, que tantas vezes entrevira através da sua obra imortal. Aproximei-me hesitante e enleado. Victor Hugo foi o primeiro a falar. Perguntou-me se eu conhecia Brito Aranha e José Palmela. Respondi que sim.

— Tenho justamente aqui, explicou o Mestre, duas cartas dêsses dois confrades, recebidas quando pretendi evitar o fuzilamento do Imperador Maximiliano, do Mexico.

E continuou :

— Frederico Mistral, o grande poeta da Provença, tem-me falado da vossa literatura, e eu lamento que, conhecendo profundamente os poetas e homens de letras de Espanha, não esteja igualmente relacionado com os de Portugal, que também constituem um autentico e alto valor literario.

Frisou a feição dramatica da literatura espanhola e o lirismo da literatura portuguesa, que conhecia apenas através de algumas traduções francesas.

E concluiu :

— Pode, se quizer, dar-me o prazer de mais vi-

sitas, e assim chegarei a um conhecimento mais íntimo do que tanto desejo apreciar. Como penhor de um affecto de que o meu amigo Vacquerie é garantia, desejo que vá colher no meu jardim uma flôr, para recordação do agrado que a sua visita me proporcionou.

*

O meu principal designio, quando viajo, de preferência a admirar monumentos e a visitar museus, como aconselha o Baedeker, é conviver com individualidades notáveis, com elas educar o meu espirito, e colher dos povos, que estudo, na sua origem, a lição flagrante dos factos e dos acontecimentos. Entre as personalidades mais em evidência, cujo convívio maior impressão me deixou, figuram: Henrique Rochefort, Carlos Lemonnier, Frederico Passy, Cavalloti, Amilcar Cipriani, Luiza Michel, Novicow e Kropotkine.

Tomemos, ao acaso, o primeiro e o ultimo, admiráveis revoltados!

Rochefort e Victor Hugo são os dois formidáveis demolidores do terceiro imperio.

Quero especialmente falar do Rochefort da *Lanterna*, que foi um idolo para os franceses dessa época.

Quando Rochefort teve de se exilar, já Victor Hugo se havia expatriado, vivendo em Bruxelas.

Com grande espanto do famoso jornalista, pou-

cas horas antes de partir de Paris, recebêra um telegrama de Victor Hugo, que o acarinhava como a um filho, pedindo-lhe instantemente para se ir albergar em sua casa. Surpreendeu-o o facto, tanto mais que Victor Hugo estava longe de sêr um prodigo. Verificou, porém, depois da chegada a Bruxelas, que o proprio Victor Hugo se encontrava hospedado em casa de uma velha amiga e admiradora do Poeta.

Entre os muitos episodios, que se passaram durante a convivência dos dois exilados, contou-me Rochefort alguns dos mais curiosos.

Certa manhã houve necessidade de comunicar ao Mestre um assunto urgente.

Victor Hugo trabalhava, e até ao meio dia, ninguém se permitia a liberdade de falar mais alto, ou de provocar qualquer ruido, e menos ainda, interrompê-lo fosse para que fosse.

Ninguém se atrevia a ir importunar o Poeta: quem ha de ser, quem não ha de sêr, perguntava-se num murmurio.

— Não pode sêr outro, senão Rochefort, decidiu a dona da casa.

Muito instado, lá foi o escolhido, enfim, bater á porta do quarto.

De dentro, Victor Hugo perguntou:

— Quem está aí?

A medo, Rochefort respondeu:

— Sou eu, Mestre.

— Ah! és tu, Henriquinho, entra.

Victor Hugo, quando acabava de escrever as suas tiras de papel, costumava estendê-las no chão.

Rocheftort entrou pé aqui, pé ali, para não profanar o trabalho do Mestre.

— Fizeste bem em entrar assim, exclamou Victor Hugo, com bom humor, quanto imaginas tu que vale tudo isso que está estendido no sobrado?

Surpreza de Rocheftort.

Outra vez, Victor Hugo, que acabava de publicar um volume daqueles famosos versos, que só êle sabia fazer, perguntou a Rocheftort o que diziam do livro.

— Alguns acham-no demasiadamente deísta.

— E, então? Imagina tu, meu rapaz, que isso era necessario para os meus versos.

Nova surpresa de Rocheftort.

*

Devo dizer que por ocasião da proclamação da República em Portugal, os dois estrangeiros que mais e melhor a apreciaram foram precisamente Rocheftort e Max Nordau. Ambos ardiam em desejos de virem a Lisboa pessoalmente, para de *visu* corroborarem os seus juizos sobre a grandeza moral da revolução.

O illustre autor das *Mentiras convencionais* dizia-me, verdadeiramente assombrado:

— Não conheço na historia acontecimento tão

significativo: o Povo a guardar... os haveres dos ricos.

Rochefort redigia por esse tempo o jornal *La Patrie*, e a sua reputação política tinha decaído um pouco no conceito das massas populares. E era uma tristeza encontrá-lo só na sua casa, outróra tão alegre. Acontecia-me almoçar, ás vezes, com êle. Jogávamos o dominó, ganhando êle, quasi sempre.

— Está pago o almoço, exclamava eu.

Iamos juntos fazer a nossa peregrinação através dos cais do Sena, *en bouquinant*, que é um dos grandes prazeres dos estudiosos franceses, e que o nosso grande Eça de Queiroz tanto apreciou e praticou durante a sua estada em Paris.

biblioteca

No dia 4 de Outubro de 1910 assisti a um jantar de parlamentares franceses. Mal podia imaginar a surpresa que me estava reservada. Ao chegar ao hotel, cêrca da uma hora da madrugada, encontrei um recado da parte do jornal *Le Matin*, pedindo para, qualquer que fosse a hora, telefonar para a redação.

Assim fiz. Falou-me, por parte do jornal, o sr. Hedeman, diretor da secção estrangeira. Numa grande ansiedade, pediu-me para que tomasse sem demora um *taxi*, e me dirigisse ao jornal.

— *Vite, vite!*

Fiquei alvoroçado, e, como me encontrava exi-

lado por causa da ditadura franquista, supuz que se tratasse de algum caso policial, que me dissesse respeito.

Fui. Quando subia a escada, vi no alto o sr. Hedeman, que de longe me estendia os braços. Mal poderia supôr que êste meu amigo havia de sêr mais tarde uma das vítimas da guerra!

—Então, não sabe? Foi proclamada a República em Portugal!

—Donde obtive a informação?—perguntei.

—Guarde segredo. A noticia chegou-me por um radiograma, enviado ao Ministerio dos Estrangeiros, pela Torre Eiffel. O proprio ministro, sr. Pichon, não o sabe.

Ainda hesitante, pedi a ligação para Londres, pelo fio directo do jornal, a fim de averiguar se o *Times* haveria recebido qualquer confirmação. Os meus receios desvaneceram-se, quando tivemos confirmação do acontecido, embora um pouco vaga.

Passados alguns minutos, mostrei desejos de regressar ao hotel.

—Qual hotel, nem meio hotel, disse-me o meu amigo.

E, tomando-me do braço, introduziu-me no seu gabinete, impondo-me a redacção dum artigo de fundo para o jornal do dia immediato. Senhor do que se passava, não me foi difficil recompôr os factos ocorridos, imaginando que os navios de guerra teriam ancorado defronte do Paço das Necessidades, e que a revolução se teria precipitado

em consequencia do assassinio do Dr. Miguel Bombarda e do desaparecimento do almirante Candido dos Reis.

Pode bem calcular-se o efeito produzido pelo artigo, publicado no *Matin*, tanto mais que, tendo eu tido o cuidado de verificar o que diziam os outros jornais, só encontrei no *Eco de Paris* uma pequena noticia referente ao assunto.

Os redactores dos jornais franceses, supondo que fôra eu quem havia dado a informação ao *Matin*, procuraram-me nesse dia, muito magoados pelo facto.

Expliquei o que se tinha passado, e de aí por diante tive o meu hotel invadido por jornalistas e correspondentes de todos os jornais do mundo. A República em Portugal tornara-se o assunto do dia e cada um apreciava-o segundo o seu criterio politico. Eu fui durante um mês, como que o delegado official da República, chegando o Ministro Plenipotenciario, sr. Sousa Rosa, a perguntar-me quando queria tomar conta da Legação. Limitei-me a sêr ministro *in nomine*, tendo mandado colocar na janela do meu quarto um pau de bandeira onde foi içada a insinia do novo regime, saudada e aclamada durante dias por centenas de populares.

*

Em 1911 fui convidado pelos deputados republicanos de Italia para ir a Ravenna, a linda cidade

do Adriatico, a fim de assistir á inauguração da Casa do Povo.

Era eu então deputado ás Constituintes. Mal convalescente ainda duma séria enfermidade, parti, tendo chegado áquella cidade justamente no dia fixado para a cerimonia. Esperavam-me não só os deputados, a que acima me refiro, como tambem uma massa compacta de povo, avaliada em 30:000 pessoas, que organizaram um cortejo, precedido por musicas, standartes e bandeiras. No percurso vários exaltados lembraram-se de gritar :

— Abaixo a dinastia de Saboia !

Imediatamente desci da carruagem, e fiz vêr que um estrangeiro, amigo da Italia, não podia sancionar tais manifestações. Como por encanto, todos se calaram. Dirigi-me então para uma casa que fôra antiga residência de Lord Byron.

Ali me hospedaram durante dias, rodeado por carinhosas atenções. O grande poeta inglêz escolhêra aquele local para habitar, a fim de estar em contacto permanente com o espirito do divino Dante, que tem o seu tumulo quasi defronte.

Foi grandiosa a manifestação feita a Portugal, quando usei da palavra, em italiano, no edificio da Casa do Povo, tendo tomado o compromisso de visitar outras cidades em identica missão de mensageiro da Republica Portuguesa.

Segui pois de Ravenna, para Florença, acompanhado por alguns amigos, onde obtive o mesmo exito para a minha Patria.

Aproveitei a ocasião para visitar Roma, quando se celebrava a grande data nacional da queda do poder temporal do Papa, em 20 de Setembro.

Com grande espanto meu, fui convidado a almoçar nêsse dia no Capitólio com o Síndico de Roma, Ernesto Nathan, e, com maior espanto ainda, verifiquei jubilosamente que este alto funcionario brindava na minha pessoa o Portugal Republicano.

O síndico, que diziam sêr filho de Mazzini, pediu-me para me incorporar no cortejo. As homenagens repetiam-se a cada passo, e foi grande o meu desvanecimento em sêr português.

bibRIA

bibRIA

“FOLHA DO POVO” E “VANGUARDA”

SUMARIO

Rápida passagem pela «Folha do Povo». — Compra da «Vanguarda» de que fui director. — Cooperadores. — Epoca de sonho, de ilusão e de esperança. — Simples amôr aos principios. — Diferença dos tempos e dos processos. — Gratidão para os dedicados companheiros. — Três acontecimentos notaveis: visita de Loubet, Liga Portuguesa da Paz, Ditadura Franquista. — Caiel, D. Alice Pestana, outras conferentes femininas. — Força do partido republicano. — Idealisação da liberdade. — O caso Unamuno. — O espirito de revolta contra o franquismo. — A massa anónima. A «Vanguarda» transformada em barricada. — Heliodoro Salgado. — Não mudaram as idéas, nem os principios, nem o povo, mudaram os servidores da Republica. — Palavras de fé e crença no futuro.

Tendo eu deixado *O Seculo*, poucos meses antes do Congresso Internacional de Imprensa, resolvi assumir a direcção da *Folha do Povo*, jornal com larga tradição republicana e que fôra superiormente dirigido por Cecilio de Sousa, publicista vigoroso

e combativo. A minha passagem por este jornal foi curta, por se me haver proporcionado ocasião de organizar uma empresa para a compra da *Vanguarda*, jornal de que fôra director Alves Correia, que marcou pela sua attitude viril um logar excepcional no jornalismo republicano. Como companheiro na direcção dêste periodico tive o Dr. Esteves Lisboa, que me foi um poderoso auxiliar.

Era uma epoca de crença viva, de sonho, de ilusão e de esperança. A *Vanguarda* hasteara a sua bandeira de combate, com os meus artigos, intitulados *Baixo Imperio*, alguns dos quais poderiam ser hoje reproduzidos com mudança de nomes apenas. Amavamos os principios na sua pureza, e defendiamos-os com a fé de apóstolos, não recuando nem diante do perigo nem diante do sacrificio. Nesse tempo não se perguntava a que partido cada um pertencia. Lutava-se pela Republica sem epiteto.

Compare-se esta sinceridade de então com a hora presente. Ninguem se bate hoje pelas suas ideias. A paixão desapareceu, e a paixão é tão necessaria para amar uma mulher, como para amar uma causa. Mas ha uma coisa pior do que essa apatia criminosa: é a mascara afivelada, para trafficar com as ideias, simulando defendê-las.

Assim, pois, a *Vanguarda* desempenhou a sua missão de jornal politico, com nobreza, com coerencia, com dignidade.

*

Não me perderei em minúcias. Não mencionarei os ruidosos triunfos obtidos por Aquilino Ribeiro, com as suas *Notas do dia*, admiráveis na fôrma e no conceito; com os folhetins de Rocha Martins, que, tendo principiado pelo *Pecado da Irmã Coleta*, atingiu o exito maximo na *Madre Paula*, na *Maria da Fonte* e no *Bocage*; com a publicação de um grande romance realista de Ramada Curto, fotografado *d'après nature*, que provocou a revolta, por parte de alguns cavalheiros do Cartaxo, onde se passaram algumas das suas scenas.

Não falarei na famosa campanha, levantada por Fernão Boto Machado contra o trafico das brancas, que lhe valeu o aplauso caloroso de milhares de pessoas; não exaltarei os artigos de combate de Heliodoro Salgado e Julio Augusto Martins; os finos comentarios de observação e de critica do *Riso Amargo*, pseudonimo que ocultava o nome aureolado de Cruz Magalhães; os ecos, algo causticos de Luiz Derouet e a deliciosa reportagem do nosso querido Gregorio Fernandes, assim como a efectiva colaboração de Guilherme de Sousa, de José do Vale, de Andrade Neves, de Lino de Macedo, de Freitas Branco, de Ulrico de Magalhães, de Urbano Rodrigues, de Gonçalves Neves, de Antonio Guedes, de Faustino da Fonseca, de Ernesto Loureiro, de Gomes da Silva, o primoroso estilista, cujos artigos eram procurados com avidez,

assim como as criticas teatrais de Fernando Reis e o sensacional *Misterio da Rocha do Conde d'Obidos*, de Archer de Lima.

Não renovarei a minha gratidão a todos esses companheiros dedicados — o dr. Esteves Lisboa, meu socio, durante um ano, Eduardo José Gaspar, Ferreira Pinharanda, Julio Afonso, Botelho de Sousa, Alvaro dos Santos, e outros que, em horas amargas, me confundiram com as provas da sua lealdade. Analizarei apenas alguns factos a que a *Vanguarda* deveu os seus maiores exitos.

Restrinjo o muito que poderia dizer a três acontecimentos: a visita de Loubet a Lisboa; a colaboração das senhoras na *Liga Portuguesa da Paz* e a ditadura franquista.

— Vou dar-lhe três dias de Republica — dizia-me Eduardo Vilaça, o ministro dos estrangeiros de então. — Três dias que se hão de transformar numa eternidade — retorqui.

A visita do presidente Loubet foi um verdadeiro acontecimento. -- Viva a Republica! — gritava o povo ao lado da carruagem real. O canto da *Marselhesa* ecoava por toda a parte.

Verdade é que em Paris os *camelots du roi* gritavam — Viva o rei, á passagem da carruagem que conduzia o falecido rei D. Carlos.

A *Vanguarda* confiou o encargo da reportagem

ao distinto jornalista Ferreira Martins, que se houve admiravelmente no seu desempenho, tornando-se o jornal um centro de informação.

Caiel (D. Alice Pestana), a prestigiosa educadora, que também honrou a *Vanguarda* com as suas lições, acabava de fundar a *Liga Portuguesa da Paz*. A sua secção feminina desenvolveu-se rapidamente. No meu gabinete reuniam-se todas as tardes algumas senhoras interessadas no movimento. D. Virginia Quaresma pertencia a este numero.

Ainda me lembro da sua estreia, como oradora, na *Sociedade Promotora de Educação Popular*, em Alcantara. Uma outra senhora que se revelou com grandes aptidões jornalísticas foi D. Maria Veleda. Madame Lacombe presidia ordinariamente ao Cenaculo, como sacerdotisa da paz. Os planos, os projectos não tinham fim. A cada passo se invocavam os nomes dos pontifices do pacifismo: Frederico Passy, Charles Richet, Novicow, madame Flammarion, etc.

Ao lado destas aspirações generosas, esboçava-se já a campanha contra a ditadura franquista. O partido republicano dispunha então de uma grande influencia. E era de vêr o ardôr dos combatentes. Nós nunca pensámos em vêr a Republica proclamada em Portugal. Eramos republicanos unicamente por amor dos principios. Idealisavamos a liberdade, como a tinham idealisado Lamartine, Michelet, Edgar Quinet, Proudhon, Victor Hugo,

etc. Um caso, como o recentemente sucedido em Espanha, com Unamuno, teria levantado todos os espiritos, como sucedêra noutro tempo com Maxim Gorki. A ditadura franquista, com os seus corregedores, á maneira de Pina Manique, irritára a opinião, e pode bem dizer-se que muito contribuiu para acelerar a marcha da Republica. Não me deterei a contar os actos de heroismo praticados. O exemplo do sacrificio, por parte da massa anónima, foi inexcedível. A *Vanguardia* transformara-se em barricada, assim como o *Mundo*.

*

Poucos poderão, como eu, dizer o que foi a fundação do *Mundo*, em esforço, em sacrificio, em abnegação. Poucos poderão testemunhar o que foram, em coragem, em aprumo, em heroismo, os seus primeiros anos.

Foi duro e longo o combate, asperrimo o caminho, eriçado de espinhos e abrolhos. E, nessas horas amargas e crueis, nunca a fé amorteceu no peito de França Borges, nunca vacilou a sua crença profunda nos destinos da patria e da Republica.

Eram assim êsses homens. Era assim aquella epoca em que se vivia a vida santa do apostolado.

O que principalmente o caracterizou, como batalhador glorioso, foi o fogo sagrado que nunca o abandonou. Destemido, audaz e leal, os seus golpes eram certos; feriam como flechas arremessadas por mão de mestre.

Em contraste com a sua valentia nas pugnas da imprensa, com a sua coragem, com a sua proverbial intrepidez no ataque, destacava o coração amantissimo do pai, do esposo, do filho, do irmão e do amigo, levado até ao mais entranhado carinho. Entre os seus filhos dilectos contava o *Mundo*, baluarte inexpugnável da Republica. Diz um proverbio indiano que não morre aquele que plantou uma arvore na sua vida. França Borges plantou essa bela arvore que se chama o *Mundo*, que perdurará, através dos tempos e das circunstancias, como tradição imorredoura da heroica propaganda republicana.

Para perpetuar a sua memoria duas coisas se impõem: manter a sua immortalidade na familia e no jornal. Dessa enternecida missão se incumbiram galhardamente Carlos Trilho e Simões Torres. O monumento á sua memoria é já uma realidade, e o *Mundo* prossegue ovante a marcha imposta pelo seu fundador, a marcha republicana, ou, se melhor o quiserem, a marcha revolucionaria em favor dos principios que tão esquecidos andam.

Dois irmãos gêmeos, — eu, então director da *Vanguarda*, e ele, director do *Mundo*. Ambos vexados e perseguidos pelos ditadores monarquicos, pelos corifeus da reacção, nunca deixou de nos unir a mais estreita solidariedade, a solidariedade que nasce das mesmas convicções e que se traduz nos mesmos gestos.

Eu, que sou um profissional do jornalismo, amo

e estremeço os meus irmãos espirituais. E, entre os queridos ausentes, França Borges ocupa um lugar primacial na minha alma, o lugar a que teem direito os lutadores benemeritos, aqueles que por um ideal sagrado sacrificaram as suas comodidades, o seu repouso, os seus interesses. É uma visão branca.

Hoje, que o mercantilismo invadiu a sociedade, com os seus tentaculos gananciosos, não se compreendem estes homens. São plantas exóticas. Se França Borges vivesse, considera-lo-iam um idealista incorrigível como todos me consideram. A coerencia tornou-se uma aberração. Não compreendem os falsos super-homens do nosso tempo que se possa servir uma ideia com dedicação e desinteresse. E essa qualidade, hoje rara, rarissima, inconcebível, para os judeus da finança, foi a suprema virtude de França Borges. São os herois do nosso tempo.

*

Perguntar-me-hão que impressão me ficou desses tempos heroicos da propaganda e da amargura de se ter faltado aos compromissos tomados publicamente com o povo. Porventura os principios mudaram? De forma alguma. Quem mudou não foi o povo que se conserva o mesmo. Não mudou o ideal republicano. Mudaram os seus servidores.

No tempo da *Vanguarda*, ninguem pensava em negocios.

O jornalismo republicano constituia para todos nós um apostolado. Não havia indiferentes nem defectistas. Os dirigentes divorciaram-se dos dirigidos e geraram, pelos seus actos, uma atmosfera de desconfiança.

Confesso que tenho saudades daquele tempo. Eramos perseguidos, sim! Mas a perseguição tornava-se estímulo. As vítimas constituíam um bloco invencível.

E, aproveitando a ocasião para demonstrar o que eram os homens daquêle tempo devo relatar um episodio passado com Heliodoro Salgado. Êste meu intrepido companheiro procurou-me um dia para me fazer uma revelação pungente acerca da sua situação:

— Estou absolutamente privado de recursos, exclamou. E venho pedir uma intervenção imediata e urgente da sua parte.

— Abriremos uma subscrição entre amigos, retorqui.

— Repugna-me aceitar semelhante alvitre. Se me pode auxiliar pessoalmente muito lhe agradeceria.

— Pois bem, redargui eu, escreva o meu amigo um artigo semanal para a *Vanguarda* e terá escassamente com que viver.

Êle abraçou-me com alvoroço e declarou que era a unica solução que o satisfazia moralmente. Na semana seguinte começou com regularidade a colaboração de Heliodoro Salgado na *Vanguarda*.

Afigura-se-me, pois, que uma das soluções, para o mal de que enfermamos, seria regressar ao principio, levantando uma campanha contra o derrotismo que lavra e que ameaça subverter a sociedade portuguesa. A cada passo se ouve dizer que o país está perdido, que a Republica faliu, que estamos em vespuras de uma invasão estrangeira e outros absurdos de igual jaez.

O país vive. O que não pode viver é a exploração politica e social; o que não vive é a oligarquia devoradora, a clientela absorvente; o que não pode viver é o arbitrio, substituindo a lei; o que não pode viver é o açambarcamento politico e economico; o que não pode viver é a burla, a mentira e a ficção.

Só pode ser derrotista quem desconhece a grandeza da nossa historia ou quem nunca leu os *Luziadas*.

Tal era a maneira de ver da *Vanguarda* que dirigi, e tal é ainda hoje o meu sentir de republicano e de português.

UMA GRANDE PAGINA DA REPUBLICA

PREPARANDO A ATMOSFERA PARA O SEU RECONHECIMENTO OFICIAL

SUMARIO

Comissão para ir ao estrangeiro preparar o reconhecimento oficial da Republica. — Alves da Veiga, Jean Bernard e Oscar de Araujo, valiosos auxiliares do nosso designio. — Cooperação da imprensa. — Recepção no «Foreign Office». — Proclamação no jornal «The Nation». — Prosegui só na propaganda encetada e cheguei a dispôr dos principais jornais estrangeiros, alcançando assinalado exito. — Não fiz escolha nas minhas relações senão entre amigos e inimigos de Portugal. — A maxima isenção ao serviço de Republica. — Documento historico.

No Congresso do Partido Republicano Portuguez, realisado em 1909, o congressista dr. Afonso Costa, propoz que eu fosse nomeado para ir ao estrangeiro em missão de propaganda.

A indicação individual transformou-se em indicação coletiva. Um outro congressista propoz, em aditamento que fosse escolhida uma missão para

preparar o reconhecimento oficial da Republica no estrangeiro, adicionando ao meu nome, o dos drs. Bernardino Machado e José Relvas. O primeiro não pode, por motivos ponderosos, aceitar o encargo. Não faltou porém, José Relvas, que se tornou um precioso colaborador nesta obra, que constituiu uma admiravel pagina da historia da propaganda, que nem todos conhecem, mas que não deixa de ser uma das mais importantes, senão a mais importante.

Estava eu já em Paris, no mês de Julho de 1909, quando chegou o meu ilustre amigo, que foi depois ministro das finanças do governo provisório.

Dêmos comêço á nossa propaganda com o ardôr de quem vê proxima a vitória, chamando para o nosso lado um dos patriarcas da democracia portuguesa, o dr. Alves da Veiga, que já por esse tempo representava o papel de diplomata da Republica.

A nossa primeira preocupação foi dirigirmo-nos á imprensa, no que alcançámos um decidido exito, conseguindo que a *Independencia Belga*, jornal internacional, nos acolhesse com a maior simpatia por intermedio do seu correspondente em Paris, o Snr. Jean Bernard, um grande amigo dos portugueses, que assistiu em 1898 ao Congresso Internacional da Imprensa, que se realizou em Lisboa.

Tinhamos, porém, um objectivo mais alto: era o sêmos recebidos no *Foreign Office*, de Londres. Nesta grande capital residia por esse tempo um

brasileiro illustre, amigo sincero da Republica, Oscar de Araujo, correspondente do *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro.

Encontrámos nêle a cooperação mais eficaz pelas suas relações com o mundo official, e é de justiça deixar aqui consignado o nosso reconhecimento á sua memoria pelos serviços que nos prestou.

Fômos efectivamente recebidos no *Foreign Office* pelo sub-secretario de estado, que em nome do ministro dos estrangeiros, Sir Edward Grey, nos deu as boas-vindas.

Ali demonstrámos que a aliança ingleza tinha sido até então uma aliança dinastica; que havia um povo digno deste nome; que a Republica seria em breve uma realidade e que confiavamos em que a Inglaterra, constituída por um povo liberal continuasse a sêr a mesma aliada de Portugal.

Estas palavras foram ouvidas, e, o que é mais, tiveram funda repercussão na imprensa ingleza, o que verificámos na visita que fizemos ao grande jornal londrino *The Times*, que nos acolheu amavelmente, informando-se com interesse do que se passava em Portugal.

O mesmo succedeu com Lloyd George, que afirmou que tudo que interessava á liberdade interessava á Inglaterra, pondo á nossa disposição as colunas do seu jornal *The Nation*, onde publiquei uma proclamação, que foi reproduzida por alguns outros jornais.

O successo obtido em Inglaterra reflectiu-se logo

em França, onde realizámos conferencias com alguns dos principais homens de Estado e, jornalistas.

O exito não podia sêr mais completo, e pelos trabalhos realizados, ficámos inteiramente convencidos de que a Republica não tardaria a sêr reconhecida logo que fosse proclamada.

José Relvas regressou a Portugal, e eu continuei só na propaganda encetada, chegando mesmo a dispôr dos mais importantes jornais da Inglaterra, da França, da Italia, da Belgica, da Alemanha, etc.

Havia a convicção geral de que a dinastia de Bragança era odiada pelo povo, e essa convicção mais se arreigou quando eu esclareci a situação, relatando minuciosamente a historia dos adiantamentos e de outras prodigalidades semelhantes. Afirmei que para todos os espiritos do meu País se impunha uma mudança de regime.

Não me foi difficil convencer os estrangeiros desta verdade deante dos factos e dos documentos que lhes apresentei.

A minha propaganda, feita com inteira devoção e desinteresse, que durou muitos anos, foi proficua sob muitos pontos de vista: em primeiro lugar pelo pretexto que me deu de travar relações com as personalidades mais eminentes, o que constituiu para mim una lição fecunda e um prazer espiritual inultrapassavel, e em segundo lugar porque me levou a estreitar intimas relações com os meus colegas do jornalismo. Todos os que occupam as primeiras posições na imprensa me dispensaram a

mais carinhosa coadjuvação. Pode bem dizer-se que não havia jornal de Paris em que eu não publicasse artigos sobre Portugal e sobre o seu futuro republicano. Poucas pessoas poderão calcular qual era o meu fervôr e entusiasmo nesta cruzada, que reputava santa. As dificuldades não foram tantas quantas eu esperava, porque a sujestão pessoal venceu uma parte dos obstaculos. Puz na minha propaganda, que se tinha tornado uma parte do meu proprio sêr moral, toda a minha sinceridade, e fi-la com um tom de verdade irrefutavel. Penso que só assim se pode e deve servir uma causa, mantendo sempre alto o ideal e pondo de parte todas as comodidades e interesses materiais. Esta pagina de propaganda no estrangeiro, que constitue um florão admiravel da historia da Republica, está ainda por escrever. Muitos me censuraram attribuindo-me camaradagem com anarquistas para conseguir o meu fim. A verdade porém, é que, nas minhas peregrinações através do mundo, só distinguí entre os amigos e os inimigos de Portugal.

E os inimigos eram, em geral, os clericais e os reacionarios, que, a sôldo da senhora D. Amelia de Orleans, queriam mantêr entre nós a Companhia de Jesus. Não sei se eram anarquistas alguns daqueles que tão devotadamente me auxiliaram ; o que sei, o que averigui é que eram amigos das idéas republicanas e nessa qualidade me prestaram os seus serviços.

Nunca pensei em ocupar qualquer posição na

Republica. Fui eleito deputado por Lisboa ás constituintes com o intuito de assinar o pacto fundamental republicano. Era o meu braço. Se depois fui senador e ministro nada acrescentou isso á minha pessoa.

O que fui e o que sou é, acima de tudo, um apaixonado do ideal republicano, e nêsse sentido nunca hesitei ante qualquer sacrificio a fazer. Quero morrer digno de mim mesmo. Penso hoje como pensei sempre: que a Republica tem de sêr servida com isenção e por isso lamento profundamente a vaga de ambições, de vaidades e de mercantilismo, que ameaçam subverter a sociedade portuguesa, esperando na hora do meu desaparecimento poder repetir a celebre frase de Pericles dirigida ao seu batalhão sagrado: «se alguém mudou, não fui eu».

*

Ficaria incompleto este capitulo se não lhe acrescentasse o documento historico, que os trez comissionados entenderam dever dirigir á imprensa mundial, e que a seguir reproduzo :

A situação de Portugal, sob o ponto de vista politico, é uma exceção ás outras nações europeias. As formas de governo não as preocupam, ao passo que em Portugal está na ordem do dia, e estará cada vez mais, ante os ultimos e graves acontecimentos que se estão desenrolando no país.

Em Portugal existe verdadeiramente uma crise monar-

quica. O divorcio entre a Nação e o regime não pôde deixar de produzir as suas consequencias logicas. Ninguem poderá negar que a monarquia está em plena bancarrôta.

O país trabalha, quer progredir, e aguarda com impaciencia o advento de instituições que sejam inspiradas em ideias e sentimentos patrioticos. Possui todas as condições para criar uma nova existencia, assim como um belo futuro.

A agricultura, força economica, apesar de tudo, está em progresso. A industria desenvolve-se consideravelmente, o que se verifica na iniciativa de novas empresas e no aumento progressivo da importação de materias primas; o comercio cria todos os dias novos mercados; novos tratados de comercio virão completar este desenvolvimento. São conhecidas as nossas maravilhosas colonias, de que só o porto de Lourenço Marques, pela sua posição, em relação aos Estados do sul, assegura aos interesses comerciais, industriais e agricolas de Portugal um mercado excecional.

A provincia de Angola, quando tiver uma administração inteligente, verdadeiramente patriótica, tornar-se-ha uma fonte de riqueza, um elemento de prosperidade nacional.

São notorias as relações de Portugal com o Brasil. Encontra-se ali uma colonisação imensa feita pelos portugueses. A tradição historica, a identidade da lingua, a comunhão de interesses, que unem os dois povos, são outros tantos motivos para uma solida aliança. Semelhante aliança não poderá tornar-se efetiva, enquanto a situação não mudar.

Todos os esforços encontrarão o seu maior obstaculo na ação do Estado. O Estado está submetido á necessidade de defender as instituições monarquicas.

As causas da crise economica podem sêr sssim denunciadas :

A impopularidade da dinastia decadente e desacredita-da; a historia tornou-a responsavel das grandes desgraças do país; a sua indiferença perante os grandes interesses nacionais, sacrificados ao unico pensamento da defesa do

trôno; a ameaça contra as garantias constitucionais, que estão sempre em perigo; um rei ignorante e inexperiente, sob a influencia duma *entourage* reacionaria e clerical; a má gestão dos negocios publicos, revelada, sem refutação possível, nos adeantamentos do tesouro publico á familia real, assim como ás clientelas politicas pelo aumento das dividas e dos impostos desigualmente distribuidos em proveito dos grandes influentes eleitorais; o aniquilamento das liberdades municipais sobre as quais repousa a propria existencia da nação desde o comêço do reino; a criminoso negligencia da educação popular, o desprezo da lei do ensino obrigatorio para impedir a resistencia dum povo instruido; a manutenção das leis de exceção de investigação criminal levada por processos inquisitoriais e de quasi todas as leis da ditadura de João Franco, assim como uma lei eleitoral feita para falsear a representação nacional, segundo a opinião dos proprios partidos; as leis sobre imprensa e seus regulamentos, bem como os direitos de reunião e de associação esmagando todas as garantias liberaes.

A todas estas causas acrescentemos a divisão irremediavel dos partidos.

A monarquia enfraquece-se ainda por escandalos como os do negocio Hinton com revelações sensacionais, que comprometem um official da Casa Real e pelo craque da Companhia do Credito Hipotecario, onde se esbanjou a quasi totalidade do capital dos acionistas.

Deve acrescentar-se que o Credito Predial era dirigido pelo chefe do partido progressista, aquêle mesmo que decidiu da sorte de todos os outros gabinetes depois da morte do rei Carlos. Nas direcções e fiscalisações da mesma companhia ha politicos que fazem parte dos partidos rotativos. São estes os sinais dos tempos desta infeliz Nação.

Portugal é um país com condições naturais e de trabalho favoraveis, com um povo facil de dirigir, que, apesar das suas más administrações, faz progressos, e os seus habitantes conservam todas as energias tradicionais. Á monar-

quia falta o espirito moderno, o espirito de reforma. Ela tornou-se pelo seu tradicionalismo, que a separa das aspirações populares, incapaz de provêr ás necessidades da nação. Ficou isto demonstrado duma maneira incontestavel num congresso nacional que se reuniu recentemente em Lisboa.

A incapacidade politica do rei foi proclamada por um par do reino na camara alta, sem protesto algum; artigos assinados por um antigo diplomata portugûes não deixam a menor duvida ácerca da impotencia reformadora das instituições.

A Republica ! Eis a unica solução para o problema politico portugûes ! Ela cumprirá o dever de dirigir o País de modo a dar aos nacionais todas as garantias de ordem e de justiça. Pelo que diz respeito ás relações estrangeiras não deixará de respeitar todos os compromissos financeiros e diplomaticos tomados pela nação. Um deputado e jornalista, altamente colocado, acaba de o declarar nitidamente, tornando-se o interprete dos sentimentos do partido republicano.

A Republica tornar-se-ha tambem um governo de ordem no interior e no exterior. Ela não terá senão um fim : o de preparar a Portugal um futuro tranquilo e feliz. Amada pelo País, a Republica Portuguesa será respeitada por todas as potencias estrangeiras.

bibRIA

CONSAGRAÇÃO

SUMARIO

O banquete no Coliseu dos Recreios. — Hino de Rio de Carvalho. — Cativante oferta dum «bouquet». — Enumeração dos oradores. — Numero unico «Consagração». — Iniciativa de Fernão Bôto Machado e Gonçalves Neves. — O primeiro conferiu-me o titulo de «diplomata da Republica». — Fico onde sempre estive. — Adesões honrosas. — Palavras de Teofilo Braga. — A necessidade de falar destas desvanecedoras homenagens. — Confronto com o tempo actual.

Em 18 de Dezembro de 1904 foi-me oferecido um lauto banquete no Coliseu dos Recreios, a que assistiram 300 convivas, vendo-se nos camarotes inumeras senhoras. A festa não teve intuitos politicos, e a ela se associaram amigos meus de todos os partidos. Classificaram-na como banquete da paz. O Coliseu estava lindamente ornamentado; e antes de começar o banquete e durante ele fez-se ouvir no palco um sexteto dirigido por Rio de Carvalho e a banda da «Sociedade União Artistica Piedense». O falecido maestro composera um hino em minha homenagem com que abriu a serie do escolhido



reportório musical. O *menu* era devido ao lapis prestigioso do insigne caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro.

Antes de começar o banquete foi-me oferecido um belo *bouquet* por um grupo de crianças do Asilo de S. João. Presidiu o Dr. Alfredo da Cunha, presidente da Associação dos Jornalistas e director do *Diario de Noticias*, que iniciou os brindes, seguindo-se-lhe em cativantes e amaveis palavras: D. Fernando Lozano, Brito Aranha, Dr. Zeferino Candido, Fernando Reis, Gomes da Silva, Dr. Armelino Junior, Melo e Sousa, Henrique Taveira, Pinheiro de Melo, Dr. Anselmo Xavier, Rosendo Carvalheira, França Borges, Gonçalves Neves, Santos Tavares, Oscar da Silva, Guilherme de Sousa, Fernão Boto Machado, Delfim Guimarães, Gregorio Fernandes, Dr. Augusto Neves, Tavares de Melo, Antonio Cabreira, Dr. Jaime de Magalhães Lima, Lima Junior, Luiz Derouet e Damaso Teixeira. Outros oradores estavam inscritos, que por escassez de tempo não chegaram a proferir os seus discursos.

Após elogios ao empresario, Antonio Santos, que bizarramente cedêra o Coliseu, pelo que foi ovacionado, correspondendo com um viva á minha pessoa, coube-me agradecer e encerrar a serie de discursos. Receberam-se inumeras cartas e telegramas de congratulação.

Não se contentaram os meus queridos amigos com o banquete; publicaram um numero unico *Consagração*, ilustrado com um magnifico desenho de Rafael Bordalo Pinheiro e brilhantemente colaborado.

Coube a iniciativa desta penhorante manifestação, que tanto me comoveu, aos meus queridos e dedicados amigos, Fernão Boto Machado e Gonçalves Neves.

Num affectuoso artigo, Boto Machado, descrevendo as minhas viagens de propaganda republicana, atravez da Europa, classificou-me com o epiteto galante de *diplomata da Republica*. Esta homenagem, que devo ao seu coração amantissimo, correu mundo, popularisou-se, mas não logrou a sanção official. Foi um facto que muito lisongeou o meu amor proprio e um dos motivos da minha popularidade. Fiquei onde estava, e estou onde sempre estive. Nem outra coisa desejo, nem outra coisa quero.

Pode bem dizer-se que a consagração revestiu um carater internacional. Altas personalidades estrangeiras enfileiraram ao lado dos nossos jornalistas e homens politicos, para me demonstrarem a sua solidariedade e o seu aplauso. Você presente — dizia-me Augusto Vacquerie, o diretor do *Rappel* numa carta que me dirigiu — eu não estarei ausente. Benoit Malon, o autor do *Socialismo Integral*, escreveu-me: «Com a publicação do *Socialismo na Europa*, praticou V. uma boa ação.

Abstenho-me de outras transcrições. A *Consagração* foi como que um plebiscito que Teofilo Braga sintetisou nas seguintes palavras: «Todas as homenagens, consagrações e apoteoses prestadas até hoje espontaneamente a Magalhães Lima,

representam o reconhecimento de que lhe compete receber o sacramento social da — Incorporação — no cortejo dos que bem serviram a humanidade. A divisa que iluminará o seu nome será a frase lapidar :

*Il a hautement pensé,
Et noblement agi».*

Sempre me repugnou falar da minha pessoa. Ninguém pode calcular o constrangimento com que sou obrigado a ouvir elogios. O que fiz, devo-o á compreensão do dever cumprido. Depois de consumado o acto, penso que devia ter feito mais e melhor e que não ha motivo para louvores. Mas, no caso presente, não podia deixar de me referir ao acontecimento. É uma pagina da minha vida. O meu unico brasão, é, com efeito, a coerencia moral e politica. E a *Consagração* que me foi feita visava a esse fim.

Muitas vezes me sinto estranho na actual sociedade, tão diversa da minha. Ante o impudôr e o cinismo que lavram, sinto-me feliz por ter conservado as qualidades de honradez e de nobresa moral que herdei de meu Pai. O que se passa, em redor de mim, compunge-me. A politica, que tive sempre por um apostolado, tornou-se um negocio. E, como dizia o grande Junqueiro :

Isto de consciencia e coração tranquilos, são coisas para fazer estilo, metáforas e mais nada...

Já agora é tarde para mudar. Ficarei na velha escola, recordando com desvanecimento as homenagens prestadas ao meu caracter.

E rematarei com dois versos de Alfredo de Vigny :

*Só o silencio é grande,
Tudo o mais é fraquesa.*

bibRIA

PARTE TERCEIRA

EM FIM!

*O homem mais feliz é aquele
que sabe pôr o fim da sua vida
em harmonia com o principio.*

WOLFGANG GOETHE

bibRIA

A MINHA PROPAGANDA DOS VELHOS TEMPOS

Missionarios da Republica

Tendo falado de dois companheiros queridos dos velhos tempos da propaganda, ocorre-me dizer algumas palavras sobre essa epoca e sobre factos passados. Entre os belos dias de combate não esqueço a peregrinação feita no Algarve, que resultou um verdadeiro triunfo para os principios republicanos. Tomaram parte nessa missão os Drs. Jacinto Nunes, Anselmo Xavier, José Antonio Bourquin Braklami, José Ferreira Gonçalves, Manuel Antonio Dias Ferreira, e eu.

Abrimos a nossa digressão por Tavira, hospedando-nos o eminente medico, Emilio Parreira, que acabara de se converter ao republicanismo.

Passava-se isto no ano de 1884. A hospitalidade que nos foi dispensada por este clinico, excedeu toda a espectativa. Da sua casa fizemos o nosso quartel general. Ali recebiamos diariamente a visita de dois devotadissimos propagandistas: — Roque Féria, da mesma cidade, onde publicou um



DOS «VARÕES ASSINALADOS»

jornal, e Gustavo Cabrita, de Olhão, também diretor de outro.

De ali puzemo-nos em marcha para Olhão, onde á nossa chegada fecharam todos os estabelecimentos, realizando-se um comicio a que acudiu toda a gente da terra, e um banquete. Iguais manifestações tivemos em Faro, em Silves, em Portimão, em Loulé, em Boliqueime, em Lagos e em Monchique. Nestas terras recebeu-nos o medico, dr. João Bentes Castelo Branco, que nos ofereceu um lauto almoço. Convém lembrar que em Portimão conheci o mais velho republicano do Algarve, nêsse tempo, o snr. Manuel Libanio Gomes, pai do snr. Manuel Teixeira Gomes.

Quem dirigiu a nossa missão foi o dr. Braklami, que dispunha duma grande influencia politica em todo o Algarve. Graças a essa influencia foi eleito deputado o dr. Bernardino Pinheiro.

Braklami deu-nos na sua bela casa de Lagos uma hospitalidade principesca. Ali realizámos um grande comicio, que teve éco não só em toda a provincia como no resto do país. Foi uma viagem verdadeiramente triunfal e uma das melhores paginas da propaganda no tempo da monarquia.

Muitas outras missões do mesmo genero se realizaram em outras localidades, entre as quais devo mencionar Evora, onde o Visconde da Esperança cooperou connosco; Estremoz, onde encontramos de braços abertos Luciano Fataça, e, mais tarde, o brilhante publicista dr. Julio Augusto Martins, que, durante muito tempo, colaborou na «Vanguarda», sendo eu director; Setubal, onde Francisco

José Mota foi o primeiro a abrir caminho ás idéas republicanas, coadjuvado pelo velho Jacinto Nunes, que fizera do municipio de Grandola uma pequena republica; Santarem, com F. Canha á frente.

Em algumas destas excursões tudo correu serenamente. Houve, porém, duas manifestações em que a policia, intervindo, provocou conflitos sangrentos: uma foi em Alhandra, onde eu tinha ido com o dr. Bernardino Machado. Dirigiu o comicio Antonio Bernardo, popularissimo orador, que possuía o condão de arrastar as massas. O seu vibrante discurso foi entrecortado com alguns tiros, que não atingiram, felizmente, pessoa alguma. A' nossa partida, ainda nas ruas se esboçaram novos conflitos e novos gritos contra os republicanos. Em Vila Franca tambem se realizou uma admiravel manifestação popular, devida á iniciativa de um outro notavel propagandista, Lino de Macedo, a que eu assistí com Trigueiros de Martel.

No Bombarral efectuou-se uma homenagem calorosa a João Chagas em que tomaram parte Bernardino Machado, Feio Terenas e um grande influente local, Julio Tornelli.

Abstenho-me de falar nas centenas de reuniões em que compareci, cujo exito muito concorreu para a organização do partido republicano. Mas houve algumas que merecem particular menção. Começemos pelo comicio da Torrinha.

Quando falava Eduardo Maia, como se tivesse havido uma previa combinação, a policia em grande

numero desembainhou os sabres e agrediu violentamente o publico, aparecendo no dia immediato as pedras ainda salpicadas de sangue como se ali se tivesse travado uma grande batalha. A esta manifestação, uma das mais ardentes, a que assisti, estiveram presentes alguns republicanos, cujos nomes convêm lembrar, como homenagem ás suas memorias, entre as quais devo enumerar: Leonardo Torres, Horacio Ferrari, Gomes da Silva e Costa Gooldolfim.

Não esquecerei o comicio realizado no teatro de Braga, na presença das autoridades, em que Cunha e Costa proferiu um violento discurso republicano, assim como o de Barcelos, cuja iniciativa se deveu ao chefe local dos republicanos, Sousa Lima, onde me acompanhou o dr. Eduardo de Abreu e a que aderiu Rodrigo Veloso, que ali mantinha a «Aurora do Cavado»; e o de Abrantes, cuja iniciativa pertenceu ao velho e honrado republicano Dr. Ramiro Guedes e em que Gomes da Silva alcançou grandes e calorosos aplausos; e o de Benavente da iniciativa de Anselmo Xavier, tendo eu acompanhado os Drs. Bernardino Machado e Antonio José de Almeida; e os de Aveiro, a um dos quais concorreu o famoso polemista Alexandre da Conceição; e os do Porto, onde me encontrei com Alves da Veiga, Emidio de Oliveira, Manuel deArriaga e Consiglieri Pedroso, e o de Beja a que deram particular realce Aresta Branco e Miguel Bombarda, e o da Figueira da Foz, e o de Coimbra, e de tantos outros, que ficaram para sempre memoraveis.

O VOTO LIVRE



SPECIMEN ELEITORAL DAQUELA ÉPOCA

Nada mais belo do que a propaganda dêsse tempo, que podia dar um grosso volume, e que foi verdadeiramente heroica. Não se conheciam nem divergencias politicas nem interesses. União sagrada foi essa, que depois se transformou em desunião. E assim como os republicanos franceses diziam que a Republica tinha sido uma bela coisa no tempo do Imperio, assim os republicanos portugueses poderão dizer tambem que a Republica foi uma bela coisa no tempo da Monarquia.

Livre Pensamento

A propaganda do Livre Pensamento tornara-se para mim fundamental. A liberdade de consciencia é a base de todas as liberdades. Não ha democracia possivel sem o livre exame. Penso que um republicano de verdade deve sêr ao mesmo tempo socialista, federalista e livre pensador. A emancipação politica e a emancipação social correspondem-se e completam-se.

Nasceu dêsse raciocinio a minha propaganda sobre o livre pensamento, que levei a muitos paises da Europa. Em materia de congressos e de conferencias foi perfeita a minha acção. Em Espanha assisti em 1892, por ocasião da celebração do centenario de Colombo, a um congresso do livre pensamento em que tomaram parte homens eminentes como Salmeron, Fernando Lozano, Ramon Chiés.

Estes dois ultimos foram os fundadores e redactores das «Dominicales del libre pensamiento», periodico que exerceu uma grande influencia na peninsula e na America do sul. Particularmente devo referir-me a Fernando Lozano, que tem sido para mim um verdadeiro irmão espiritual e por cujo character nutro uma profunda admiração. Já em 1889 eu tinha assistido em Paris, na epoca da Exposição Internacional, a um congresso notavel onde me foi dado o prazer de conhecer Cesar de Paepe, o celebrado chefe do partido socialista belga. A outros congressos assisti igualmente como representante da federação portuguesa do livre pensamento. Entre outros recordo os realizados em Bruxelas, em Lausanne, em Berlim, em Hamburgo, em Praga, etc.

Em todos tomei a palavra, tendo-me sido sempre dispensado um acolhimento desvanecedor para mim e para a minha Patria.

Os pontos onde o livre pensamento estava mais bem organizado eram, alem de Paris, Bruxelas e Praga, possuindo orgãos na imprensa e publicando interessantes opusculos de [propaganda. Em Londres existiam as Sociedades eticas e os nucleos racionalistas.

Foram muitas as conferencias que realizei: a celebrada no Ateneu de Madrid, a convite da «Sociedade Anti-Clerical», publicada depois em opusculo; em Barcelona, em Sevilha, em Cordova, em Valladolid, em Paris, em Lausanne, intitulada «Portugal livre pensador», tambem publicada; em Roma, em

Florença, em Turim, em Milão, em Berlim, em Frankfurt, etc. De todas as conferencias realizadas em Portugal, houve duas que obtiveram grande ressonancia: uma realizada no Porto, por iniciativa de A. Lousada, editada pela Empreza Editora de Lisboa, e outra na séde da Associação do Registo Civil, sobre a cremação de cadaveres, que teve duas edições. Nesta advoguei a edificação dum fôrno crematorio, que ha pouco tempo foi inaugurado, graças aos esforços persistentes e inteligentes do veador, Dr. Alfredo Guisado.

Nunca tive em mira fazer desta propaganda uma campanha anti-religiosa, visto a cremação existir desde os tempos mais remotos. Era Lisboa uma das poucas capitais que não possuia ainda um fôrno crematorio. Ainda ha pouco se inaugurou solenemente, em presença do rei, em Madrid, um fôrno crematorio. Apesar da Espanha sêr um país onde abunda o clericalismo, não houve a ousadia de se fazer a critica mordente que se está fazendo em Portugal. Como é que a cremação pode atacar as crenças religiosas, se é facultativa e não obrigatoria? As dificuldades que têm surgido em Lisboa ácerca do fôrno crematorio do Alto de S. João revelam uma inferioridade moral, que se não discute. Havia o intuito evidente de desacreditar a cremação, chegando alguns jornais a falar nas chamas do inferno a proposito dela, com o fim de atacar o regime. Tudo será, porém, baldado, porque o espirito scientifico da nossa epoca acabará por triunfar. Na Italia

e na Roma dos Papas é onde a cremação conta mais adeptos.

Os fornos crematorios neste país são verdadeiros palacios. Ha a federação das associações de cremação, que conta muitos milhares de associados, fazendo uma propaganda activa em nome da razão, da sciencia e da higiene, a favor deste processo. Na propria Alemanha, em Leipzig, o forno crematorio é tambem um estabelecimento grandioso. A civilização não depende dos caprichos da Companhia de Jesus: depende da evolução, que nenhum potentado ou preconceito poderão contrariar.

A Associação do Registo Civil, de que muitos desdenham, foi um dos mais fortes baluartes de propaganda republicana. Não se compreende uma verdadeira democracia sem o predomínio do poder civil. Da referida Associação saíram muitos dos republicanos de principios, que tanto contribuíram para a implantação da Republica. Na séde desta colectividade, em varios discursos, tive ocasião de afirmar o meu ideal. Não me arrependo de o ter feito e até me vanglorío disso, como me vanglorío tambem da propaganda dos mesmos principios de emancipação da consciencia humana feita na Maçonaria de que sou ainda Grão Mestre.

Não se pode satisfazer toda a gente. O que é essencial é que satisfaçamos as proprias aspirações, que sejamos honrados e procuremos morrer dignos de nós proprios. A covardia moral, que domina, é um dos sintomas mais funestos dos nossos dias.

Poucos têm a coragem das suas afirmações e menos ainda da responsabilidade dos seus actos. No periodo de interesses grosseiros em que vivemos, cada um procura *governar-se*, conforme a frase popular. Por isso tambem a desconfiança nos dirigentes é completa. Não se acredita em ninguem e uma parte dos nossos politicos podem considerar-se *queimados*.

O espirito republicano afrouxou consideravelmente. Bem 'se sabe que a guerra trouxe ao mundo uma recrudescencia religiosa. Mas sabe-se tambem que não ha duas maneiras de sêr republicano: ou se é, ou não se é. Mantêr em nome a Republica e fazer obra monarquica é um contrasenso. O que é preciso, absolutamente preciso, é têr caracter. E o caracter não se mantêm à custa de tergiversações repugnantes.

Quem nasceu comerciante, seja comerciante. Mas quem tem principios e deseja por dignidade e coêrencia afirma-los, incorre no dever de seguir uma linha moral inflexivel, pondo acima de tudo a unidade da sua vida.

Tal é a razão do livre pensamento.

E tal é o meu livre pensamento que sofreu uma grande evolução, depois da guerra, e que não tolera os processos demagogicos doutros tempos. A época dos *matafrades* passou. A intolerancia é incompativel com o espirito do seculo. Contrapôr um dogma a outro dogma é um absurdo.

O livre pensamento é, principalmente, em nos-

sos dias, uma questão pedagogica. O seu objetivo mediato é uma campanha, baseada na historia, na sciencia, na filosofia, pela palavra escrita e falada, em prol da liberdade de consciencia, e de respeito pelas leis, que impõem a neutralidade em materia religiosa e a supremacia do poder civil. O ensino jesuítico domina, e a *Companhia de Jesus* procura infiltrar-se em todos os ramos da vida portuguesa.

Contra este perigo sempre crescente, alguns espiritos de eleição, á frente dos quaes se encontra o Dr. Coelho de Carvalho, uma mentalidade, defendem a bôa doutrina liberal. O que se torna preciso é criar uma consciencia, alheia aos preconceitos, aos préjuizos, ao fanatismo e ás superstições. E neste afan estão empenhados personalidades, como Agostinho Fortes, Ladislau Batalha, Tomaz da Fonseca, Alexandre Ferreira, Carneiro de Moura, Lino da Silva, Emilio Costa, Pinto Quartim, Barros Lima, Berto Ferreira, Cesar da Silva, Vieira da Rocha, José do Valle, Adelino Furtado, e tantos outros que procuram estabelecer a Justiça social sobre as bases da moral laica. E tanto basta para nos convencermos da vitoria da nossa causa.

Pacifismo

Fui educado na escola idealista e pertenci a uma geração que amava os generosos principios da humanidade e que os praticava.

Para nós, os dessa pleiade de idealistas, a vida

humana era inviolável e sagrada, ao contrario do que sucede hoje; atualmente mata-se um homem como quem mata um pardal. Com que entusiasmo fremente nós repetiamos a celebre frase de Vitor Hugo: «guerra á guerra!», que depois foi parafrasiada por Anatole France com o *odio ao odio!*

Com que santa emoção proclamámos os futuros Estados Unidos da Europa, apregoados por Charles Lemmonier! Com que intimo horror acompanhámos a guerra franco-prussiana de 70, que teve o seu complemento no monstruoso massacre de 1914! Com que santa ingenuidade propagavamos os principios da moral de Kant, baseada na sua applicação á politica, aos costumes e aos individuos! A politica, dizia ele, é a applicação da moral; e, se os tribunais regulam os conflitos levantados entre os individuos, porque se não hão-de regular tambem os conflitos levantados entre as nações? A arbitragem obrigatoria era para nós uma maxima, e pensavamos, cheios de fé, que um dia haviamos tambem de chegar ao desarmamento. Tudo isso eram realmente utopias dessa já hoje remota epoca! O presente porém, afirma-nos duma maneira peorentoria que as utopias estão em via de se transformar em realidades, como o atestam acontecimentos recentes.

Comecei, ainda estudante da Universidade, por traduzir os «Estados Unidos da Europa», editados pela «Livraria Internacional» de Carrilho Videira. Depois inscrevi-me como membro activo da «União

Internacional de Paz e da Liberdade», com séde em Genebra, fundada por Garibaldi em 1869, sob a presidencia honoraria de Vitor Hugo, tendo um órgão na Imprensa, que se intitulava «Os Estados Unidos da Europa». Assisti a muitos congressos. Num grande e belo quadro, que foi exposto no «Salon» de Paris, eu figurei entre os «Grandes Artistas da Paz», ao lado dos homens publicos mais eminentes dessa epoca. Foi uma das coisas que verdadeiramente me emocionou durante a minha vida. Tornei-me um discipulo ardente de Frederico Passy e bastantes vezes o acompanhei nas suas ruidosas propagandas contra a guerra. No congresso realizado no Senado de Hamburgo, propuz que fosse escolhida a cidade de Lisboa para séde da futura assembleia. Coincidia este facto com a celebração do centenario de Vasco da Gama, e assim como já tinha convidado para a nossa capital o «Congresso Internacional da Imprensa», assim tambem entendi que o «Congresso da Paz» devia ter em Lisboa o seu complemento necessario.

Em Genebra realizava-se a «Conferencia Interparlamentar da Paz» a que assisti como delegado de Portugal. Tomaram parte na referida assembleia delegados de quasi todos os paizes da Europa. Nesse tempo alguns ingleses, chamados *chocolateiros*, promoviam uma campanha intensa contra Portugal, afirmando que se fazia escravatura nas nossas colonias. Eu, e já os conhecia na minha qualidade de presidente da «Sociedade Antiesclava-

gista» por terem vindo a Lisboa no tempo do Governo Provisorio, avisei do facto o governo português na previsão de qualquer proposta. Deu-se efectivamente o facto de eles intervirem no assunto com a mesma atoarda do costume. Repeli oficialmente a calúnia, lendo um telegrama do Dr. Duarte Leite, presidente do Ministerio, pedindo para ficar exarado na acta o seu conteudo, e solicitando, ainda mais da imprensa suissa que o reproduzisse na integra. Ficou mais uma vez desfeita a insidiosa manobra dos *chocolateiros*, em que o cacau de S. Tomé representava o principal papel... no humanitarismo dos insignes *pacifistas*.

Em Portugal houve varias agremiações pacifistas e a todas pertenceu o devotadissimo apostolo da Paz, Dr. João de Paiva, a quem se devem relevantes serviços, prestados ao País pela sua tenacidade, pela sua convicção ardente e pelo seu civismo inegualavel. D. Alice Pestana, a notavel escritora, que adoptou o pseudonimo de «Caiel», fundou a «Liga Portuguesa da Paz» e a ela consagrou os seus talentos. Esta colectividade esteve dividida em duas secções: a masculina e a feminina. Na primeira, de que fui depois presidente, figuravam, além do Dr. João de Paiva, seu irmão José, seu sobrinho Pedro Ramos Paiva, uma verdadeira alma de artista, o Conde de Penha Garcia, Cesar Porto, Dr. Pedro Roxa, Dr. Armelim Junior, Cesar do Inso, D. José Pessanha, Xavier da Silva, João Jacinto Fernandes, e outros.

Da segunda faziam parte todas as senhoras diplomadas de Lisboa. A liga promoveu varias conferencias, que foram publicadas em opusculos para propaganda, e chegou a realizar trabalhos no sentido de convocar em Lisboa um congresso nacional. Não posso deixar de louvar a benemerencia de todos os que tomaram parte neste movimento do qual se destacam trabalhos de valor, especializando o meu nobre amigo, dr. Armelim Junior.

Parecia natural que, sendo eu membro do «Bureau Internacional» e da «Conferencia Interparlamentar da Paz», os dirigentes da Republica se tivessem lembrado de mim para a grande missão do pacifismo internacional. Não sucedeu porém, assim. Continuei na minha resignação habitual, deixando aos vindouros o encargo de apreciarem a justiça dos homens. O proprio autor desse pequeno evangelho que se chama «Solidariedade», Leon Bourgeois, me afirmou um dia num congresso, que se realizou em Bruxelas, a sua surpresa por tal facto.

Feminismo

A reivindicação feminista tem para mim os mesmos fóros, os mesmos direitos e a mesma justiça que as reivindicações proletarias. Não se compreende que se queira a emancipação do homem e não se queira ao mesmo tempo a emancipação da mulher. A humanidade compõe-se por igual de homens e de mulheres.

A grande revolução franceza emancipou o homem, mas esqueceu a mulher. Condorcet no seu «Progresso do espirito humano» pugnou pela emancipação da mulher. A luta, porém, tem sido porfiada e longa. Mirabeau, por vezes proclamou numa frase que ficou memoravel, esta verdade conhecida de todos:—«se tivermos a mulher por nós venceremos». Mas tudo foi inutil. E' este o lado fraco da proclamação dos direitos do homem, que não foi completa.

Foi só a partir de 1830 que a questão voltou a agitar-se por iniciativa dos grandes reformadores: Fourier e Saint Simon. Dessa epoca até aos nossos dias não cessou a luta. A ultima guerra provou duma maneira ineludível que a mulher está tão apta para os diversos misteres sociaes como o homem. Não é só sob o ponto de vista da assistencia e da educação que a mulher tem desenvolvido as suas admiraveis aptidões como provam países civilizados, como o provam a Suecia, a Noruega, a Dinamarca, a Australia, a Inglaterra e os Estados Unidos da America.

Nos laboratorios, nas fabricas, nos institutos scientificos e literarios, por toda a parte, enfim, a mulher se mostrou digna dos seus direitos. Nem se comprehende a democracia na sua integralidade senão como obra de justiça. E a justiça impõe-nos obrigações a que não podemos fugir. A liberdade e a vida são dois bens preciosos: devemos defende-los. A liberdade integral abrange não só a eman-

cipação do homem, como a emancipação da mulher, a supressão de todos os prejuizos e de todas as superstições. Por isso eu fui sempre não só um socialista como também um feminista, não só republicano como também livre pensador. São coisas que se completam e logicamente se concatenam.

Conheci muitas feministas eminentes ; com elas convivi, admirando-lhe a elevação moral e intelectual. Entre outras cumpre-me citar os salões que frequentei da Baroneza de Sutner, em Viena de Austria, os de M.^{me} Juliette Adam, da princesa Ratazzi, de M.^{me} Chéliga Levy, em Paris, e o de outras senhoras notáveis em Madrid e em Londres.

No salão de M.^{me} Ratazzi, no Boulevard Poissonnière, que tinha sido antes o salão de M.^{me} Adam, foi-me dado conhecer algumas grandes personalidades internacionais. M.^{me} Ratazzi era muito afeiçoada a Castelar, e ele, por seu turno, admirador da princesa. Na revista que ela por esse tempo dirigia, o insigne orador escrevia a politica externa com uma grande elevação, documentando-a com valiosos dados historicos.

M.^{me} Ratazzi escreveu sobre Portugal, um livro intitulado «Portugal à vol d'oiseau», cujo titulo Camilo ironicamente traduziu «Portugal a vôo de passara».

A vida desta senhora tinha sido um pouco aventureosa. Mas a sua educação era distinta e a sua hospitalidade levada até ao requinte. Representou na sociedade um papel não só como mulher de

letras, mas também como mulher política. O seu primeiro marido Ratazzi fôra presidente dum ministério italiano. Tinha intimas relações com Manuel Ruiz Zorrilla, a esse tempo também presidente dum ministério espanhol. Dessas relações derivou a escolha de Amadeu para rei da Espanha. A princesa mostrou sempre uma grande predileção por este país, onde cultivou relações com Antonio Canovas del Castillo, e Sagasta. Foi com um secretario deste, e deputado, que ela casou segunda vez. Assim se explica o titulo da sua revista «Les matinées espagnoles».

O salão de M.^{me} Juliette Adam, casada segunda vez com Edmond Adam, perfeito da policia em Paris, era frequentado principalmente por politicos da feição Gambeta, a quem ela era particularmente afeiçoada. Todos os colaboradores do famoso tribuno se reuniam nesta casa, e entre eles devemos especializar Jules Ferry, o maior homem de estado da terceira republica, Paul Bert, o infatigavel propagandista do ensino laico, Waldeck Rousseau, que depois foi como que um continuador da Gambeta, Freycinet, o celebre ministro da guerra, e outros.

Foi na redacção da «Nouvelle Revue», de que era directora, que eu conheci Léon Daudet. Rochefort era também um devotado amigo desta senhora. E na sua casa, frequentada por republicanos, foram resolvidos alguns dos mais altos problemas da politica franceza. Visitou duas vezes Portugal, tendo

vido acolhida com a maior cordealidade. Dessas visitas resultou a publicação dum livro «A patria portuguesa», principalmente inspirado nos «Lusiadas».

O salão de M.^{me} Chéliga Levy, uma polaca, casada com um distinto artista, era visitado por pacifistas internacionais. Tinha uma feição cosmopolita e era um prazer comunicar simultaneamente com o espirito de tantos países.

Mais tarde foi-me dado a incomparavel satisfação de travar relações com uma distintissima senhora, M.^{me} Menard Dorian, que ainda hoje reúne em sua casa as mais distintas personalidades parisienses, entre as quais devo indicar os professores da Sorbonne, Aulard, Gabriel Seailles, já falecido, Seignobos, Ferdinand Buisson, Guernut, etc. M.^{me} Menard Dorian representa um papel importante na *Liga dos direitos do homem*. E' a presidente da secção internacional e a sua acção no radicalismo francês tem sido decisiva. Possui uma admiravel biblioteca, que eu visitei com o Dr. Afonso Costa, a instancias da sua proprietaria que nos havia convidado para almoçar.

Um outro salão que tambem frequentei foi o da M.^{me} Avril de Sainte Croix, presidente do «Conselho Nacional das Mulheres Francesas». Foi a pedido desta senhora, que ocupa uma importante situação em Paris, que eu servi de intermediario para se criar entre nós uma colectividade congenere: «Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas», de que é presidente a Sr.^a D. Adelaide Cabette. Em

Lisboa se formou esta agremiação. Os seus trabalhos, já realizados, correspondem inteiramente ao seu fim.

Está ainda na memoria de todos o congresso feminista que se realizou nesta capital e que logrou obter o maior exito.

Nunca esquecerei a honra com que me distinguiram as feministas francesas á frente das quais se encontrava M.^{me} Pognon, convidando-me para presidir ao primeiro congresso feminista que se efectuou em Paris. Estava eu em comunicação, por esse tempo, com os maiores propagandistas da causa feminista. Em várias publicações francesas publiquei artigos sobre este assunto. Nos meus livros «O socialismo na Europa», «O Primeiro de Maio», «O livro da Paz» e «A Obra Internacional» advoguei com ardôr a emancipação da mulher. Mantenho os mesmos principios de sempre. Hoje mais do que nunca, penso que a vitoria feminista está assegurada. A questão economica exige-o. A situação da mulher e das crianças nas fabricas tornou-se um problema vital, direi mesmo, moral.

Não haverá nunca maneira de estabelecer a harmonia social e a paz na terra senão pela satisfação plena da emancipação humana.

Tudo nos diz que uma era nova está em elaboração. Da confusão que domina o mundo transparece um anseio de perfectibilidade humana. Pode demorar-se talvez, o seu triunfo, mas a sua finalidade está assegurada.

Nas minhas longas e repetidas viagens, tive muitas vezes ensejo de me aproximar de instituições feministas. Na Suecia, por exemplo, verifiquei que a mulher, para todos os efeitos, pode substituir um chefe de família, sem ter de recorrer a subscrições publicas e a subsidios do Estado, como sucede entre nós. O atrazo da mulher em Portugal é notorio. O que urge, pois? Intentar uma campanha energica a favor da educação da mulher, como tão brilhante a fez D. Alice Pestana (Caiel), hoje quasi esquecida e que tanto direito tem á nossa admiração pelas suas publicações, e ainda pelo seu feito educador, que se destaca de toda a sua benemerita obra. Ela foi, como disse, a fundadora da «Liga Portuguesa da Paz», que era dividida em duas secções: masculina e feminina. E' me muito grato prestar esta homenagem a quem tanto a merece pela compreensão da vida moderna.

Seria falta imperdoavel se me não referisse a uma uruguaiana celebre, a Dr.^a Paulina Luisi, que tanto influuiu com suas visitas a Portugal para o desenvolvimento do feminismo portugûes. Medica conceituada, realizou em Lisboa algumas conferencias, que lhe valeram uma justa nomeada. Tratando da degenerescencia da raça pelas doenças sifiliticas, do trafico das brancas, que é um dos aspectos da escravatura moderna, da regulamentação da prostituição e de outros problemas vitais para uma sociedade civilizada, a sua influencia criou raizes. Amada, como é, pelas nossas feministas, o seu

nome é sempre invocado como inspiração e guia.

Faço votos para que as mulheres portuguesas, entre as quais se contam talentos provados, como D. Maria Clara Correia Alves, D. Aurora Gouveia, D. Maria O'Neill, D. Ana de Castro Osorio, D. Maria Veleda, D. Virginia Quaresma, e outras, seguindo o exemplo de D. Angelina Vidal, que tanto illustrou com o seu talento e a sua abnegação o feminismo português, não percam nunca a fé numa causa, que é tanto delas como nossa, e que um dia contribuirá também para a gloria da democracia portuguesa.

Os dois ultimos congressos, o feminista e o abolicionista, para que tanto concorreu o dr. Arnaldo Brazão, provaram eloquentemente que o futuro da causa feminista não pode ser duvidoso para ninguém. E' «a verdade em marcha», na frase de Zola, que a Sr.^a D. Adelaide Cabete, pela sua rara actividade, confirma em todos os seus actos.

A Maçonaria

Ao grão-mestrado de José Elias Garcia seguiu-se o meu que dura ha vinte anos, tendo sido reeleito ainda recentemente. A Maçonaria seduziu-me sempre como uma instituição liberal e humana. E' a inimiga secular da Companhia de Jesus. Daí derivam as calunias, os odios, e as perseguições de

que tenho sido vítima. Os clericais fazem-na passar por uma agremiação de malfeitores, tendo induzido a fraqueza das mulheres a aceita-la como tal e a detesta-la. Na grande revolução francesa os seus mais notáveis tribunos foram maçons. O mesmo sucedeu nos demais países do mundo, onde as maçonarias eram representadas por espíritos de eleição. Em Portugal os grão-mestres eram recrutados entre as personalidades mais conceituadas do liberalismo. Os revolucionários de 1910 foram maçons, e maçons foram também o Conde das Antas, Duque de Loulé, Conde de Parati, Passos Manuel, Gomes Freire de Andrade, José Estevam, Mendes Leal, Visconde de Ouguela, José Dias Ferreira, e tantos outros que deixaram os seus nomes assinalados na história.

Fui eleito numa época em que a Maçonaria tocava o seu apogeu, contando nas suas fileiras republicanos como Miguel Bombarda, Candido dos Reis, Machado Santos, Bernardino Machado, Luz de Almeida, Sidonio Pais, etc.

De modo que bem se pode dizer, que, se a Republica não foi feita pela Maçonaria, o foi certamente por maçons. E foi do seu seio que surgiu a Carbonaria com uma organização revolucionária modelo e com servidores dominados por uma vontade ferrea e por uma abnegação sem limites.

Não tem havido malefício que não seja atribuído á Maçonaria. Por ocasião da morte de Sidónio Pais, espalhando-se tendenciosamente o boato de

que o seu assassino era maçom, o ataque tomou as proporções de uma guerra acintosa e sistemática. Eu fui a principal vítima da campanha, que se traduziu em *placards* afixados nas esquinas e numa viva manobra clandestina, que provocou o assalto ao palacio maçónico. Durante mais de quarenta dias, depois de terem profanado a minha casa, arrombando as portas, instalando-se como se fossem senhores dela, roubando os fatos do meu uso, servindo-se do meu leito, destruindo grande parte das minhas mais estimadas reliquias, procederam como verdadeiros facinoras, os agentes policiaes, que ali permaneceram ao serviço da Companhia de Jesus. Visavam na minha pessoa a instituição maçónica. Quando perguntavam a razão da minha incomunicabilidade, respondiam que o faziam como medida preventiva para velar pela minha vida! Não havia processo instaurado. Nunca fui interrogado pelo juiz. E, se deixei uma declaração formal, como defeza do crime, que me imputavam, foi por ter imposto esse acto por ocasião da minha partida do Governo Civil para o Hospital de S. José. Parecia natural que o meu passado garantisse a minha inocencia. Mas não sucedeu assim. Falava-se do meu nome em voz baixa, com receio de incorrer num delicto. Todos se calaram e eu encontrei-me só e sem defeza! Durante quarenta e três dias me conservaram incomunicavel com agentes armados á vista, como se se tratasse de um famigerado bandido! Nunca a infamia atingiu em Portugal tais propor-

ções! A minha resignação proveio da fortaleza moral, que me dominou. Outros terão passado por suplicios ainda maiores, comentava eu, em quanto alguns esmagados pela covardia não ousavam nem defender-me, nem sequer protestar!

Este acontecimento, apesar da sua crueldade, se por um lado aumentou a minha desilusão acêrca dos homens, por outro não logrou afrouxar nem as minhas crenças, nem as minhas convicções democraticas. Foi assim em todos os tempos. Devemos contar principalmente com o nosso próprio esforço. A Maçonaria é uma instituição universal, que tem servido admiravelmente a Humanidade na sua marcha ascensional de progresso e de civilização. A ela se devem, seguramente, as maiores conquistas humanas. Até certo ponto compreende-se bem o odio que ela inspira aos inimigos da liberdade. A denuncia dos seus crimes horrorisa-os, e a necessidade de manter as posições, que usufruem, á sombra de uma hipocrisia repugnante, leva-os como fêras a defender os seus interesses, e a combater uma instituição que os desmascara.

E' certo que a minha situação dentro da Republica teria sido outra, se não fosse grão-mestre da Maçonaria. Mas nem por isso me queixo. Conservei a minha independencia e sobretudo fui coerente com os meus principios. Estou convencido que a Maçonaria pode ainda representar no nosso país, como representa noutros, uma força verdadeiramente nacional. Morrerei, pois, maçõn, apesar de

todas as campanhas insultuosas com que pretendiram anular-me. Em momentos angustiosos encontrei sempre no estrangeiro, mais do que em Portugal, a solidariedade a que teem direito todas as vítimas. Obtive certamente durante a minha existencia, triunfos, que poucos homens logram obter. O que mais me comoveu, porém, foram as horas de suplicio moral, que me obrigaram a passar. A liberdade, assim como a verdade e a justiça, são grandes precisamente porque representam a dôr resgatada pelos maiores sacrificios.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO BIBLIOTECARIA A Carbonária

Teria sido possivel o 5 de Outubro sem a Carbonária ?

Afoitamente posso responder que foi a Carbonária que determinou a Revolução. Ninguem imagina o que foi e o que representou essa organização, em coragem, em esforço e em sacrificio.

Luz de Almeida, Machado Santos, e Antonio Maria da Silva tiveram nela a sua pagina de gloria. O primeiro, o seu principal organizador, Luz de Almeida, tinha direito, pelos seus merecimentos e serviços, a representar um grande papel na Republica. Teem-no esquecido os actuais diri-

gentes do regime. Em flagrante contraste, os *arrivistas* e os *videirinhos* gozam os benefícios das sementeiras que outros fizeram. A politica deve ser a aplicação da moral. Assim o proclamou um grande filosofo. Mas entre nós observa-se o contrario. Não ha consideração nem reconhecimento para com aqueles que nos deram a Republica. Luz de Almeida é hoje um esquecido. O povo lembra os seus feitos de bravura, aprecia-o, como um dos seus bemfeitores. Prejudicam-no a sua simplicidade e a sua modestia. Não se impõe, nada pede e nada quer. E' demasiadamente republicano para uma sociedade que de republicana só tem o nome. E daí o ostracismo a que foi condenado, como tantos outros, cuja autoridade moral faz sombra aos que do regime se aproveitaram, para fins inconfessaveis. O caso Luz de Almeida não é um caso isolado: é generico. Aplica-se a muitos que, desiludidos e enjoados, se recolheram a um silencio prudente, mas altamente prejudicial para os interesses da Republica.

A Carbonaria impoz-se pela sua disciplina, pela coragem dos seus dirigentes e ainda pelo espirito da renuncia que a caracterizou. Hoje a fé amorteceu, o egoismo prevalece sobre a pureza do ideal e o mercantilismo avassala a sociedade.

Seria impossivel renova-la. As causas não cessaram. Mas mudou o espirito que domina os homens. Cada um trata de comer, de beber e de folgar, sem se importar com a sorte dos seus semelhantes. Cada um trata de si, confirmando o

principio de Hobbes *homo homini lupus*. A humanidade tornou-se uma vasta *ménagerie* de lobos ferozes.

Eis o motivo porque a Carbonaria, que foi um apostolado, seria impossivel presentemente.

Origem, desenvolvimento e acção da Carbonaria

Para bem se avaliar o que foi a Carbonaria Portuguesa dou a seguir umas notas ilucidativas, cuja autoridade não pode ser contestada, visto haverem sido fornecidas por um dos membros mais activos da famosa organização.

bib**RIA**
Luz Almeida

Para falarmos da «Carbonária Portuguesa» temos que nos referir ao seu organisador.

Artur Augusto Duarte da Luz Almeida exerce a profissão de Inspector das Bibliotecas Populares e Móveis, é bacharel em Letras, e frequentou, durante um ano lectivo, a Universidade de Paris.

O Governo Provisorio colocou-o no lugar de Inspector, o que não foi escandaloso por ele ter sido durante muitos anos bibliotecario das bibliotecas do Municipio de Lisboa, e possuir tambem, o curso da especialidade—o antigo curso superior de bibliotecarios Arquivistas.

E, nesse modesto lugar, que corresponde em vencimento a Chefe de Repartição, ainda atualmente

se encontra, sem auferir outra qualquer remuneração.

Republicano desde os bancos da escola e animado pelas ideias generosas e patrióticas da geração académica da época, impulsionado por um exagerado sentimento de patriotismo e pelo ardente ideal que sempre seguiu e defendeu, não hesitou, quando foi do *Ultimatum*, em se alistar no batalhão académico, que deveria combater os ingleses em Africa, organizado por Higino de Sousa e Cunha e Costa, o primeiro quintanista de medicina e o ultimo de direito.

O batalhão não chegou a seguir para Lourenço Marques por causa dos protestos de alguns influentes políticos, pais de varios estudantes, e da má vontade do governo.

Impossibilitado de verter o seu sangue pela Patria, lança-se abertamente no campo politico, tornando-se um activo propagandista da Revolução junto dos estudantes e dos elementos populares que com ele estavam em contacto.

A alma nacional, que começou a vibrar por ocasião do célebre *Convénio*, sacudiu violentamente Luz Almeida e os seus amigos, que acharam a ocasião azáda para um movimento patriótico revolucionario.

Luz Almeida, para que não se perdêsse tão bela oportunidade, alvitrou aos seus amigos — rapazes cheios de vida e energia — a idéa de se levantarem guerrilhas no Norte, principalmente em

Trás-os-Montes, e soltar-se, ahí, o primeiro grito de revolta contra a Monarquia — grito que deveria ser secundado pelos bons republicanos.

Uma centena de môços, cheios de fé e patriotismo, estava disposta a tudo. Tres deles, dos mais ousados, juntos com Luz Almeida, seriam os comandantes desse grupo que se dividiria em quatro pequenas guerrilhas para iniciar o movimento.

Esperavam, por esta forma, que o país se levantasse numa arremetida de heroico protesto. Que ilusão !

Querendo caminhar de acôrdo com o Directorio do Partido Republicano, procuraram para esse fim, os seus principaes elementos em efectividade.

Feio Terênas recebeu-os com um sorriso de bondade e, ao mesmo tempo de ironia, dizendo-lhes que não pensassem em tal coisa.

Inácio Magalhães Basto, procurado nesse mesmo dia, tentou fazer-lhes vêr a imprudencia dum tal passo.

Estevam de Vasconcelos, pôz as mãos na cabeça dizendo-lhes que era uma loucura.

Faltava ser consultado o Miguens, da Loja do Povo em Alcantara. Este ficou maravilhado e enternecido com a idéa. Mas, perguntou ele, o que poderá fazer o Directorio em favôr dessa tentativa, se ele não tem armas nem dinheiro ?

Luz Almeida explicou-lhe o que desejavam.

Queriam, simplesmente, as armas que tinham servido para o movimento de 31 de Janeiro no Porto,

e queriam cartas de apresentação para republicanos influentes de Trás-os-Montes, Douro e Minho. De dinheiro não precisavam. Iam á sua custa e fiádos na sorte que, com certeza, os deveria proteger.

Em conclusão: As cartas arranjavam-se; as armas, estavam enterradas, mas não se sabia onde.

Se persistissem na idéa, que Miguens achava excelente, este concorreria do seu bolso com dinheiro para a compra de carabinas.

Mas, como adquiri-las?

E, em tão pouco tempo?...

A idéa foi posta de parte. O Directorio tinha razão. O sacrificio desses rapazes seria inutil. O entusiasmo nacional havia arrefecido por completo.

Luz Almeida não desanimou; continuou a conspirar.

Ligado a um grupo de estudantes revolucionarios e a um outro de populares, estava sempre pronto para a luta. Não o convidassem para outros trabalhos partidarios!

Entretanto, ia chegando o desânimo a muitos dos seus companheiros, cançados já de tantas revoluções anunciadas pelo Directorio, mas que nunca se efectivavam.

Alem disso, a policia estava sempre conhecedôra do manejo dos grupos populares, onde conseguira introduzir elementos seus.

Luz Almeida, obsecado pela idéa de se organizar uma associação secreta, mas a valêr, que ensinasse os republicanos a conspirar, com todas as precau-

ções e todo o misterio, estudava a maneira de a levar á pratica. Era preciso agir e fazer a revolução.

E lançou ombros á empreza.

Como nasceu a Carbonaria

A «Carbonária Portuguesa» não foi a sucessôra duma Associação que com o mesmo titulo existiu em 1832, e que teve uma vida efémera, não só por ser muito reduzido o numero dos filiados, mas tambem pelos seus dirigentes a terem abandonado logo que deixaram a opposição politica e conquistaram as boas graças da rainha D. Maria II.

Da mesma forma não teve ligação alguma com a Carbonaria Lusitana, que se tem mantido, apenas, como uma tradição dos academicos revolucionarios de Coimbra.

Não houve, pois, nada de comum, nem com uma nem com outra.

A sua constituição, regulamentos, ritual, etc., tudo é diferente.

A Carbonaria Portuguesa saiu duma Associação secreta composta, unicamente, de estudantes das escolas superiores de Lisboa, da qual foi presidente e um dos principaes organisadores, o estudante Luz Almeida, encarregado de fazer o plano da organisação.

Os estudantes filiados estavam divididos em quatro secções chamadas lojas — *Futuro, Justiça, Independencia e Patria*.

Os membros das diferentes lojas não se conheciam, e os próprios que faziam parte da mesma loja, conheciam, apenas, um numero muito reduzido de irmãos.

A associação tinha o nome de Maçonaria Acadêmica.

O Comité Maçônico compunha-se dos quatro presidentes das lojas acima citadas, presididos por Luz Almeida, chefe superior da Ordem.

O Comité Maçônico adotara profanamente o nome de Junta Revolucionaria Academica.

Desta organização fizeram parte varios academicos que ocupam na Republica posições de destaque.

Os filiados recebiam instrução militar ministrada secretamente por alunos militares (sargentos cadêtes) pertencentes á Associação.

Em ocasião oportuna os membros desta Maçonaria deveriam constituir um batalhão academico revolucionario que seria comandado por um oficial de marinha, amigo particular de João Chagas, e por este apresentado, a pedido da Junta Revolucionaria, aos cinco membros que a compunham.

Num vasto sótão da casa onde morava Luz Almeida, na R. Santo Antonio da Gloria, fizeram-se tambem muitas iniciações e deram-se diferentes lições de recrutas.

O ensino de recrutas era feito em diferentes sessões e em varios locaes, só podendo assistir a eles os *irmãos* que se conheciam.

Um ano depois, a Maçonaria Acadêmica transformou-se na Carbonaria Portuguesa, organizada por Luz Almeida.

Nesta nova Associação admitiam-se indivíduos de todas as classes sociaes, o que motivou a saída da maioria dos estudantes.

Na Carbonaria Portuguesa havia quatro graus: *Rach.*, *Cav.*, *Mes.* e *Mes. Subl.*

Os carbonarios chamavam-se Bons Primos e tratavam-se por tu.

Todos eles deviam possuir uma arma de fôgo, sendo obrigatorio o uso do punhal.

A Carbonaria Portuguesa só passou diplomas aos seus filiados, até principios de 1907, suspendendo estes, dessa data em diante, para evitar perseguições das autoridades aos membros da Associação.

A Carbonaria Portuguesa passou por varias remodelações sendo, em meados de 1907 mais uma vez modificada pelo seu fundador, para o que foi convocada *muito extraordinariamente* uma reunião.

Nessa reunião aprovou-se uma nova Constituição, bem como um novo Regulamento Geral e um outro chamado *ultra-secreto*, que compreendia cinco artigos.

Este pequeno regulamento era decorado e transmitido verbalmente pelos presidentes aos seus respectivos subordinados.

Constituições e Regulamentos eram da autoria de Luz Almeida.

Nessa mesma reunião foram eleitos, por escrutínio secreto, a Alta Venda e o Grão-Mestre, recaindo a eleição deste ultimo em Luz Almeida.

Dahi para o futuro só a Venda Joven Portugal o poderia fazer.

A V.: Jov.: Portugal compunha-se dum numero limitado de BB.: PP.: decorados com o gr.: de Mes.: Subl.:

Só o Gr.: Mes.: conhecia os Primos que dela faziam parte, e era ele o Pres.: da referida V.: A propria A.: V.: não os conhecia.

Este Corpo Superior tinha as seguintes attribuições: — Velar pela observancia do ritual; nomear os Juizes do Tr.: Sec.: e constituir-se em Alto Tr.: quando fôsse necessario; escolher os Inspectores e os Delegados Provinciaes; as Altas Vendas (uma efectiva e outra substituta, para o caso d'aquella ser perseguida pelas autoridades); elegêr o Gr.: Mes.: e o Gr.: Mes.: Adj.:, devendo este ultimo assumir a presidencia no impedimento daquele.

O impedimento só se dava por doença prolongada, prisão ou exilio.

A presidencia efectiva da A.: V.: seria, então, assumida pelo 1.º-Vice-Pres.:, o qual se deveria entender secretamente com o Gr.: Mes.: Adj.:, portador duma credencial préviamente assinada pelo Gr.: Mes.: efectivo e autenticada pela V.: Jov.: Portugal.

O Gr.: Mes.: Adj.:, por precaução, não assistia ás reuniões da A.: V.:, mas firmaria com a sua

assinatura todos os documentos carb.º impostos como Credenciaes, Ordens, etc.

Secções da Carbonaria Potuguesa

As Ch.º e Cant.º, Barr.º e Vendas

A Alta-Venda era o podêr executivo. As suas ordens eram cumpridas sem discussão.

Todas as secções da Carbonaria Portuguesa eram representadas por estrêlas de diversas grandezas, conforme a sua importancia.

O conjunto de todas estas estrelas constituia o Gr.º Firm.º da C.º P.º, onde se destacava pelo seu brilho a estrêla isolada de cinco pontas (que tem uma significação misteriosa e interessante, assim como todos os simbolismos Carb.º), e o glôbo terrestre que ela encimava.

A estrêla e o glôbo eram o emblêma distintivo da C.º P.º. Esse emblêma figurou na primeira bandeira da Republica, hasteada na Rotunda no dia da Revolução.

Fâses diversas da Carbonaria Portuguêsa Aliciações Carbonarias. Recrutamento de civis para o Movimento de 28 de Janeiro.

A Carbonaria Portuguesa têve fâses de esplendor e de estacionamento, originadas, estas ultimas, pela falta de acção revolucionaria dos vários directorios do Partido Republicano, o que levava por

vezes o desanimo ás fileiras carbonárias e, até mesmo ás Altas-Vendas, obrigando o seu fundador a empregár verdadeiros *tours de force* para sustentar o fôgo sagrado dentro da organização.

A «*Montanha*», reconhecendo a vantagem de estender a organização revolucionária a toda a parte, fundou uma loja maçónica, á qual deu o titulo de «*Montanha*» e destacou essa nova força carb. para a Maç. .

Entretanto ia arregimentando elementos novos para a famosa associação secreta.

Organização de grupos civis

Delegado Secreto do Directorio com o qual se entendia, por intermédio do Dr. Antonio José de Almeida, um dos principaes membros do Comité revolucionario, trabalhava dia e noite, activa mas cautelosamente, organisando por toda a cidade numerosos grupos de revolucionarios para o projectado movimento, que teve a sua eclosão em 28 de Janeiro de 1908.

A espionagem da policia

Luz Almeida começou a ser seguido pela policia depois que, na séde do Partido Republicano, no Largo de S. Carlos, principiou a ser passada revista, a pedido da maioria do Comité revolucionario, aos diferentes Chefes dos Grupos Civis. Estas revis-

tas, que duraram muitas noites consecutivas chamaram, conforme tinham previsto o Dr. Antonio José de Almeida e Luz Almeida, as atenções das autoridades, reunidas a dois passos d'ali, no Governo Civil.

A Carbonaria soube, por elementos da propria policia, que Luz Almeida ia ser prêso.

Para o bom andamento dos trabalhos revolucionarios convinha que ele ficasse em liberdade. E, ficou. ocultando-se em casa d'um amigo, mas continuando a manobrar com a organização.

Tendo abrandado a vigilancia policial, voltou de novo á carga, organisando grupos de civis e, simultaneamente, Chôças de Carbonarios.

«A *Coruja*». Para chamar á acção clandestina determinados republicanos que dispunham d'algumas centenas de elementos valiosos, mas que não seria fácil conquistar directamente para a Carbonaria, fundou paralelamente uma outra associação secreta: «A *Coruja*», dirigida por ele, José Maria de Sousa, Antonio José dos Santos, Coêlho Bastos e Henrique Cordeiro.

Esta associação, que recrutou numerosos adêptos, foi extinta, a certa altura, pelo seu fundadôr, passando todos os filiados, com excepção de *dois*, para a C. . P. .

As autoridades estavam de novo alêrta. O Dr. Antonio José de Almeida tève informações seguras de que iam prender Luz Almeida. Este, foi obrigado a ocultar-se novamente, mas em sitio di-

ferente, não deixando um só momento de continuar a obra encetada.

Muitas noites saía do esconderijo, mas disfarçado, para comparecer em locais onde era necessária a sua presença.

Prisão de Luz Almeida e Antonio José

Nas ante-vesperas do movimento, tendo Luz Almeida acompanhado o Dr. Antonio José de Almeida até próximo da morada do Dr. Bernardino Machado, na R. de S. Bernardo, foi preso no Largo da Estrela quando tomava o elevador para a Praça de Camões. O Dr. Antonio José de Almeida foi preso no dia seguinte.

Estas duas prisões prejudicaram o movimento, que abortou, em consequência de ter sido alterado, á ultima hora, o primitivo plano, apesar de Antonio José e Luz Almeida terem tomado as providencias para que, em caso de prisão, chegasse ás mãos dos dirigentes do movimento, a relação circunstanciada dos trabalhos realizados até essa data e o respectivo plano.

Luz Almeida foi encerrado num calabouço da esquadra das Mónicas, com sentinela á vista.

A sua incomunicabilidade era absoluta.

Foi ele o *único* que esteve verdadeiramente sequestrado. Ninguém sabia onde se encontrava. Só se soube no dia em que saiu da prisão.

Numa certa noite em que a esquadra esteve

para ser assaltada por populares, os policiaes, depois de trancádas as portas, começaram a experimentar a fecharia dos revolveres. A certa altura, a sentinela que guardava Luz Almeida, a quem já tinha ameaçado por várias vezes, chegou ao extremo do corredor e disse: «Camaradas, se os republicanos aqui entrarem, quem se *encarrega* do prêso que está á minha guarda, sou eu».

Mas, os republicanos não fizéram o assalto e Luz Almeida não foi *liquidado*.

Logo que ele foi anistiado, começou a conspirar com dobrada actividade, comunicando ao Dr. Antonio José de Almeida que só se responsabilisava pelos grupos que estivessem filiados na Carbonaria, fazendo convergir para esta, os elementos de confiança que tinha arregimentado para o movimento de 28.

Entretranto a C.: P.: aumentava assombrosamente. As iniciações multiplicavam-se em Lisboa e nas provincias onde havia já uma vastissima ramificação.

Não se parava um só momento.

Foi nesta altura que Luz Almeida fez iniciar na C.: P.: Machado Santos e Antonio Maria da Silva, os quaes fôram nomeados depois, (por indicação sua), pela V.: Jov.: Portugal, em virtude dos serviços prestados á Republica em 28 de Janeiro, Inspectores de duas das principaes areas de Lisboa, não tardando que entrassem, ainda por proposta igualmente sua, na Alta-Venda.

Altas Vendas da Carbonaria Portuguesa

Desde o inicio da Carbonaria Portuguesa até á proclamação da Republica houve *seis* Altas Vendas.

Da penultima Alta Venda fizéram parte :

Luz Almeida — Grão Mestre (Chefe Supremo da Ordem), Presidente da Venda Joven Portugal e Presidente da Alta Venda ; Cesar de Vasconcelos, Vice-Presidente da Alta Venda ; Henrique Cordeiro, Tesoureiro ; Antonio dos Santos Fonseca, Secretario ; J. M. Santos Junior, vogal ; Franklin Lâmas, vogal.

Ultima Alta Venda, á data da Revolução de 5 de Outubro (1):

Luz Almeida, Grão Mestre, etc.; Machado Santos, 1.º Vice-Presidente ; Antonio Maria da Silva, 2.º Vice-Presidente; Henrique Cordeiro, Tesoureiro; Antonio dos Santos Fonseca, Secretario ; Franklin Lâmas, vogal.

A Carbonária nas Provincias «A Cartilha do Cidadão»

O organisador não limitava a sua acção a Lisboa. Ia pessoalmente ás provincias estender a rêde da organização carbonaria, que chegou a atingir em todo o paiz *quarenta mil* e tantos filiados.

(1) Na vigencia da Republica ainda houve mais duas Altas Vendas,

Nas provincias eram os Delegados Provinciaes, que organisavam as Choças, Barracas, etc.

Apresentavam-se mascarados munidos duma Credencial passada pela Venda Joven Portugal, assinada pelo Grão Mestre, selada e timbrada pelo Secretário da Alta Venda.

Luz Almeida, levava consigo uma Credencial semelhante, e era na qualidade de Delegado e nunca de Grão Mestre, que ele fazia as iniciações, organisava nucleos, etc. Jámais se deu a conhecer como Grão Mestre.

«A Cartilha do Cidadão» — folhêto de propaganda escrito por ele — deu ótimos resultados no meio militar.

Os Delegados Provinciaes faziam-na chegar a todos os quartéis do paiz. Em Lisboa eram raros os militares que não a conheciam fazendo com ella uma propaganda de sápa em todo o exército.

Em várias terras apresentava-se Luz Almeida, umas vezes com nomes supostos, outras com profissões diversas para não despertar suspeitas das autoridades que, nos ultimos tempos, o vigiavam.

A propósito das suas viagens de aliciamento citaremos alguns casos mais ou menos interessantes:

Uma vez, dirigindo-se a Vila-Real de Traz-os-Montes para iniciar na Carbonaria Portuguesa um grupo de sargentos, procurou para o efeito, o velho republicano Adelino Samardã para este o apresentar aos principaes do referido grupo.

No dia e hora combinados, quando se dirigia para o local da reunião, encontrou um antigo condiscipulo, official do exercito, que era o administrador do concelho e que, desconfiando da sua estada na vila, lhe perguntou se ia conspirar.

Luz Almeida riu-se da pergunta e declarou-lhe que era indiferente á politica revolucionaria. O administrador fingiu acreditar, mas, á cautela, não o largou em toda a noite, impedindo-o, assim, de comparecer á reunião.

Um mez depois voltou á carga, mas o official-administrador appareceu-lhe proximo da rua onde se devia efectuar a reunião.

Extranhou novamente o encontro e disse-lhe que se tivesse a certeza de que ele conspirava, o prenderia immediatamente, apesar de *ser muito seu amigo* e antigo condiscipulo. Conversaram durante muito tempo, recordando factos passados na época de estudantes e, a certa altura, Luz Almeida disse-lhe que se ia deitar porque estava moido e tinha de se levantar cedo para seguir viagem com destino a outras terras de Traz-os-Montes.

Acompanhado até á porta do Hotel Tocaio, pelo administrador, fizeram aí as suas ultimas despedidas. Meia hora depois abria Luz Almeida cautelosamente a porta do hotel, e, certificando-se da ausencia do administrador, dirigiu os seus passos para uma das ruas que o deveria conduzir ao local da reunião.

Ao virar uma esquina, dá de cara com o administrador, que ficou estupefacto ao vê-lo.

«Agora, sim, agora é que desconfiava a valer de Luz Almeida», foi o que lhe disse.

Este, contou-lhe que se encontrava indisposto e que ia tomar um calice de qualquer bebida.

— «Então, vem comigo», disse-lhe o administrador, e levou-o á «Havaneza» onde lhe pagou um calice de Cointreau.

Entretanto ia passando a hora da reunião. De novo á porta do hotel, repetiram a scena da despedida final. Luz Almeida, por detrás da porta, que fingiu fechar, espreitava ás furtadelas a direcção que seguia o administrador e, num momento, saiu do hotel e voltou á primeira travessa.

Ele não o tinha visto e a reunião efectuou-se com a presença de Luz Almeida, ficando constituido um belo nucleo carbonário.

Proclamada a Republica, encontrou-se um dia na Rua da Bitesga com o official ex-administrador, que lhe disse á queima-roupa :

— «Ah, maroto, que me comêste a pinha !»

Uma vez estava Luz Almeida a jantar no Hotel Granjo, em Bragança, quando ouviu bater á porta e uma voz responder a quem o interrogava : «que era a policia».

Dois dias antes tinha sido arremessada uma bomba de dinamite para o Seminario. Requisitados pelas autoridades, agentes de policia habeis para investigar quem tinha sido o autor do atentado, dirigiram-se, estes, ao hotel, a perguntar o nome dos hospedes entrados nos dois ultimos dias.

«Um só», dizia a criada.

— «Como se chama?»

— «Luiz de Almeida.»

— «Luiz?» dizia a voz.

— «Sim senhor, retorquiu a criada. E' o caixeiro-viajante Luiz de Almeida, que frequenta o hotel ha muito tempo».

A adição do *i* valeu-lhe, talvez, o não ser preso, apesar de extranho ao atentado, que foi, segundo mais tarde se apurou, uma vingança de alguns seminaristas, por questões de ordem interna.

No entanto, Luz Almeida não ficou socegado porque deveria ter na posta restante uma carta com documentos secretos da C. . P. . que elle proprio, para não os trazer consigo, tinha lançado no Correio da localidade donde havia saído. Tomadas as devidas providencias para que os documentos fossem nessa mesma noite á chegada do correio, retirados por Carbonarios de confiança, partiu Luz Almeida imediatamente e os documentos foram parar á terra por elle designada.

Para não despertar suspeitas em Aveiro, onde ia estabelecer ligações com vários nucleos do Norte, apresentou-se o organisador da C. . P. . como comprador de chicória, não havendo nos arredores, vendedor deste genero, que não fosse procurado por elle.

Passados alguns dias inverteram-se as scenas, sendo elle procurado pelos vendedores para que fôsse visitar novamente os depositos de chicória

e fixarem outros preços, o que obrigava Luz Almeida a novas despesas com aluguer de trens que o conduzissem ás diferentes localidades. E, assim, por êste processo, desviou das autoridades as atenções que ao principio recaíam sobre ele.

Uma ocasião, dirigindo-se a Braga para iniciar diversos individuos e constituir um grupo carbonario, á saída da reunião, alguns dos novos primos que o acompanhavam, entre eles, os Drs. Manuel Monteiro, Justino da Cruz e outros, avisados de que as autoridades, tendo á sua frente o administrador, iam prender Luz Almeida por suspeito de aliciador de revolucionarios, tiraram-lhe o embrulho do balandrau, máscara, punhal e documentos, separando-os em seguida e enviando-lhe no dia seguinte os referidos objectos para a localidade onde ele se deveria encontrar; por um triz deixou de ser preso nessa mesma noite.

Havendo toda a conveniencia em que Luz Almeida fôsse á Régua para estabelecer ligações com diferentes terras do Douro e Trás-os-Montes, instalou-se, êste, durante uns poucos de dias no «Hotel Douro», fazendo do seu quarto um depósito de garrafinhas proprias para amostras de vinho do Porto, visto que, ele, para afastar desconfianças, percorria as adegas como provador de vinhos generosos e geropigas.

Escusado será dizer que não teve pequeno trabalho, durante a viagem, para se ir desfazendo de toda essa frascaria.

Mas as ligações fizeram-se.

Indo uma ocasião a Chaves para iniciar o Dr. Antonio Granjo e constituir um grupo carbonario nessa localidade, viu-se obrigado, á ultima hora, a deixar a vila porque Granjo o avisou de que as autoridades estavam dispostas a prende-lo por suspeito, não podendo, portanto, efectuar-se a reunião.

Passados três meses, voltou a Chaves, como comprador de lã, para o que visitou diferentes vendedores do artigo. Dias depois, Granjo foi iniciado —era meia noite—num ponto êrmo duma estrada, junto do nicho dum santo, iluminado pela luz mortíça duma lanterna, recebendo aí plenos poderes para dirigir um grupo, iniciando-se depois os primeiros P. . P. . da Carbon. . de Chaves.

Mais tarde, com o pretexto de fazer propaganda da «Alma Nacional», órgão do Dr. Antonio José de Almeida, percorreu a Estremadura, Douro e o Minho, organisando Choças, e estabelecendo ligações revolucionarias.

A policia, entretanto, procurava-o em Lisboa, tendo ido a sua casa e chegando, até a procura-lo na redacção do jornal.

Luz Almeida ia-se aproximando da capital.

Retido dois ou três dias no Entroncamento por causa das inundações, e não tendo onde comer nem pernoitar porque as casas de venda estavam cheias e os vagon idem, entrou numa das casas de comidas da localidade para que lhe vendessem,

por qualquer preço, um pedaço de pão, uma chavena de café e lhe cedessem uma cama.

Impossível. Nem ahi nem em parte alguma conseguiu o que desejava.

Foi nesta altura que a Carb.ª. veio em seu auxilio.

Entrando, mais uma vez, num estabelecimento onde já tinha recebido um *não* e dirigindo-se ao dono da casa, que estava enchendo um cangirão de vinho para os inumeros fregueses que tinham a ventura de poder almoçar, fez-lhe, por *descargo de consciencia*, uma pergunta—que era uma senha carb.ª. O homem, ao ouvi-la, por um pouco ia deixando cair o cangirão e exclama, dirigindo-se a vários chefes e revisores dos Caminhos de Ferro: «Rapazes, temos aqui um primo!»

Depois, disfarçando, chamou-o de parte e pediu-lhe outras senhas, contra-senhas, sinais, etc.

Ainda lhe custava a crêr que ele pertencêsse realmente á Carb.ª. Essas duvidas desapareceram quando Luz Almeida abrindo o colete lhe mostrou o cinto symbolico, com as côres, em aspa, dos Mes.ª. Carb.ª.

Então já não havia dificuldades. Apareceu comida, cama, etc.

A Carb.ª. estava em toda a parte.

Outra vez a policia

Dois dias depois da sua chegada a Lisboa, era Luz Almeida novamente procurado pela policia.

O Dr. Antonio José de Almeida foi de opinião que Luz Almeida partisse para o estrangeiro. Mas ele permaneceu ainda 15 dias em Lisboa, oculto em casa dum amigo, porque queria tomar parte na projectada revolução que estava anunciada para breve.

Não poudes ficar mais tempo. E' intimado, em nome da disciplina partidaria, para que não seja prejudicada a marcha da revolução, a emigrar.

E lá partiu a caminho do exilio.

Regressando á Patria

A Republica estava proclamada, mas não consolidada.

A C. P., não obstante a opposição de muitos dos seus antigos adeptos, que já não precisavam dela, tinha ainda que desempenhar esta importante missão: velar pela segurança do regime.

Luz Almeida, que se encontrava já de volta, depois de ter sido devidamente anistiado, foi eleito deputado ás Constituintes, partindo em seguida para o Norte em companhia do Dr. Antonio José de Almeida, que foi em viagem de propaganda até á fronteira.

Ao chegarem a Chaves circulam noticias alarmantes duma proxima incursão das hostes de Couceiro.

Antonio José de Almeida é forçado a partir no dia seguinte para assistir á inauguração das Constituintes.

Luz Almeida devia acompanhá-lo para tomar assento no primeiro parlamento da Republica; mas resolveu não partir; ficou, para dar o exemplo aos Carb.:, visto que deles era o Chefe, na defesa da Republica.

E por lá se conservou quasi 5 meses.

A vigilancia carbonaria

Os carbonarios da vila faziam serviço de vigilancia até á meia noite.

Os carbonarios de fora, que, ao terem conhecimento do seu gesto, se apresentaram a Luz Almeida, entravam de serviço, dessa hora em diante, guardando não só a vila mas distribuindo-se por varios pontos até á fronteira, e só regressando a Chaves ao toque da alvorada.

Luz Almeida acompanhava sempre um dos grupos.

Uma noite em que andava de ronda com um grupo de carbonarios, dispararam, parece que duma janela, um tiro que não lhe acertou.

Nunca se apurou quem foi o autor da proesa.

Duma outra vez, quando se dirigia com uma ronda em direção á rua onde estava aquartelado um esquadrão de Cavalaria 6, mão criminosa arremessou uma bomba, que só conseguiu danificar uma parede.

Mas a ronda seguiu e a Carbon.: continuou sempre vigilante.

Os insultos dos Conceiristas

Os conspiradores que se encontravam na Galiza entretinham-se a enviar postaes insultuosos ao chefe do Sector de Chaves, o coronel André Basto, por este não querer aderir á sua causa.

Um dia enviaram tambem a Luz Almeida um postal do mesmo genero e, logo a seguir, uma carta datada de Orense, com o desenho dum coração atravessado por um punhal e as seguintes palavras escritas á pena: «Se vieres a Orense, morrerás».

Luz Almeida que costumava visitar amiudadas vezes Verim, onde era sempre seguido por dois ou três adeptos de Paiva Couceiro, não fez caso do postal, mas quando recebeu a carta resolveu ir imediatamente a Orense.

De nada valeram os pedidos dos amigos, nem os conselhos, e quasi proibição, do comandante do Sector, que via na viagem um grande perigo para a vida de Luz Almeida.

Este não se importou e foi. Apenas lhe serviu de companheiro um redactor das «Novidades» que ia em serviço do jornal. Luz Almeida esteve junto dos principais conspiradores, almoçando e jantando no mesmo hotel (o Roma), frequentando o mesmo café e passeiando pelos mesmos sitios, sem que lhe fizessem o minimo mal.

Apenas se vingaram dele, denunciando-o ás autoridades espanholas, que mandaram imediatamente um agente ao hotel para saberem ao certo

o seu nome e intimarem-no a que acompanhasse o referido agente (naturalmente para o prenderem) ao que obstou o Consul Geral Poitier, que nesse momento se apeou dum automovel á porta do hotel e que, junto das autoridades, declarou que aquele tinha ido em serviço do Consulado, sendo, então, intimado a saír imediatamente de Espanha, o que só fez ás 10 da noite, hora a que partia o automovel da carreira, dando-se nesse momento a pitoresca nota dos conspiradores saltarem á saída do carro vivas a D. Manuel e morras á Carbonaria e á Republica.

Entre os manifestantes encontrava-se, gritando como um possesso, o tal agente da policia que havia procurado Luz Almeida no hotel.

E o organisador da Carb. ., ao chegar ao Hotel Comercio, de Chaves, teve a dita de ser abraçado por officiais e civis que aí se encontravam, e de beber uma taça de Champagne oferecida a todos os presentes pelo comandante do Sector, por Luz Almeida ter saído são e salvo do *horriavel assassinato* anunciado na tal carta.

Uma ceia de carbonarios

Como dissemos, os carbonarios da vila largavam o serviço de vigilancia á meia noite, hora a que eram rendidos pelos de fóra.

Uma noite, e á hora estabelecida, soltou Luz Almeida, conforme estava adotado, três silvos de

sereia para anunciar aos companheiros que se aprontassem para entrar de serviço. Ninguém apareceu. Ainda mais duas vezes Luz Almeida deu o sinal. Os carbonários, convidados por um deles a quem havia saído um premio na lotaria, estavam-se banqueteadando, despreocupadamente, num restaurant da vila e não deram pelo sinal convencionado.

Luz Almeida, que já estava armado e apetrechado, rondou sózinho na vila, até ás 3 e tanto, hora a que apareceram esfalfados e pedindo muitas desculpas, os companheiros que nessa noite tinham a seu cargo vigiarem Chaves, enquanto as restantes rondas se estendiam até á Raia.

Luz Almeida deu-lhes a chave do seu quarto para que ali se fôsem armar com as espingardas de Infantaria 19, que estavam entregues á sua responsabilidade.

Algun tempo depois de regressarem a Lisboa, recebeu-se nesta cidade um telegrama annunciando a incursão de Vinhaes. Luz Almeida partiu imediatamente com alguns carbonários para essa localidade.

Os insurrectos haviam-se retirado na véspera. Mas Luz Almeida e esse pequeno grupo de carbonários, (aos quaes se tinham ligado Hermano Neves, um jornalista inglez e outro alemão) possuidôres, já do numero suficiente de espingardas pertencente ao regimento de Infantaria 10, acompanhou o batalhão de marinheiros chegado nessa noite para combater o inimigo em fuga.

E, muitos dias por lá andaram, arrostando com o frio, com a chuva e quasi com a fome.

Dissolução da Carbonaria

Algum tempo depois—passado o perigo das incursões—dissolveu-se a Carbonaria.

A luta dos partidos concorreu poderosamente para a dissolução.

A divisão do Partido Republicano trouxe, como era de prevêr, a divisão da C. . P. .

A hostilidade surda dos governantes e, sobretudo, a de varios carbonarios, já bem colocados em rendosos logares da Republica, contribuíram duma maneira decisiva para essa *almejada* dissolução

Mantêr a C. . P. . era, pois, impossivel, porque, acima dos altos interesses da Patria e da Republica tinham-se colocado as conveniencias dos bandos politicos que disputavam á *outrance* o bôlo do Poder.

Ditadura Sidonista. Perseguições

Os sucessivos desvarios dos governos tornaram possivel a ditadura dezembrista, e com ela as mais revoltantes perseguições.

O organisador da C. . P. . estava naturalmente indicado a ser um dos perseguidos.

Logo numa das primeiras noites, após a vitoria dos dezembristas, prenderam Luz Almeida no es-

tabelecimento do sr. Antonio Carneiro, na Rua Capêlo, em frente do Govêrno Civil, quando aquele estava comprando cigarros. O dono do estabelecimento e mais tres republicanos que ali se encontravam, foram egualmente presos por ordem do 2.º Comandante Pimentel, saindo todos soltos d'ali a algumas horas, por ser ainda 1.º Comandante o falecido major Esmeraldo, bom republicano e amigo de Luz Almeida.

Não decorreram muitas semanas que Luz Almeida não tivesse sido procurado por Machado Santos para lhe participar que Sidonio Paes o quisera mandar prender, por ter a certeza de que conspirava contra ele.

Foi necessario que Machado Santos desse a sua palavra de honra em como a denuncia era falsa para ficar sem efeito a prisão.

Um mez e tal antes das eleições comunicou-lhe Machado Santos que Sidonio Paes o mandava convidar, por seu intermedio, a aceitar a candidatura de deputado ou senador por Lisboa.

Recusou. Nova insistencia de Machado Santos. Recusou, recusou sempre.

Um dia Machado Santos previne-o de que o vão prender.

Sidonio tivera informações seguras que Luz Almeida conspirava.

Machado Santos pede-lhe como amigo, que se ausente de Lisboa para sitio desconhecido até que receba um aviso seu.

Luz Almeida, apesar de não conspirar, pôe-se *a monte*.

Decorrido mais de um mez recebeu o aviso de que podia voltar.

O perigo estava provisoriamente arredado.

Mais perseguições. «A Serrania»

Tinha-se entrado no periodo agudo das perseguições.

Luz Almeida resolve-se a conspirar. Foi, porém, tardia essa resolução.

Organisou uma nova associação secreta intitulada «*A Serrania*» que, em poucas semanas, recebe nas suas fileiras, após complicadas provas de iniciações, que se realisavam em diferentes casas e principalmente nos campos, seleccionados revolucionarios.

«*A Serrania*» devia ter aparecido mais cedo.

As prisões que se estavam fazendo a êsmo, por vinganças mesquinhas e simples palpites de conjurações, arrastou nas suas malhas vários filiados, dos mais entusiastas, o que tornou difficil a continuação desses trabalhos revolucionarios.

Ainda assim, fez-se uma grande propaganda nos quartéis com o folhêto—«*O sonho dum soldado*», escrito por Luz Almeida, que membros dessa Associação faziam chegar ás praças do exercito, em Lisboa e nas provincias.

O terrôr continuava.

Em certa altura são passados dois mandatos de captura, assinados no mesmo dia: um, para o coronel J. Maria Batista e outro para Luz Almeida.

Parece que havia o firme proposito de liquidar este ultimo dentro do proprio Governo Civil.

Republicanos amigos e admiradores de Luz Almeida preparavam-lhe um retiro oculto.

E lá vae novamente *a monte*.

Quando foi do movimento de Monsanto, Luz Almeida foi dos primeiros que acorreram ao apêlo feito aos cidadãos para se reunirem no Campo Pequeno e pegarem em armas para defender a Republica em perigo.

Rende-se Monsanto. No Porto tremulava, ainda, a bandeira Monárquica.

Luz Almeida para dar o exemplo aos antigos carb. alistou-se como soldado no batalhão de voluntarios organizado pela Inspeção de Infantaria, não chegando o batalhão a seguir para o Norte—apesar de devidamente adestrado e completo de instrução—por que na véspera da partida foi a Republica restaurada no Porto pelo capitão Sarmento da G. Real, e o batalhão dissolvido por já não ser necessario.

Nota pitorêsa :

Luz Almeida, assim como os seus camaradas, recebeu o seu pré de soldado — uma quinzena, — que dividiu em partes eguaes pelos pobres do Seculo e do Mundo.

Foi a primeira vez que Luz Almeida não trabalhou de graça.

Torna a raiar a luz brilhante da Liberdade.

A éra das perseguições havia passado, menos para o organisador da C. . P. .

Sob pretexto de compressão de despesas, alguem que era retintamente monarquico e que occupou, ainda não ha muito, situação de grande destaque no actual regime, instigado e auxiliado por alguns *republicanos*, preparava o golpe para lhe extinguirem a repartição e suprimirem-lhe o logar...

Mas não tiveram tempo para isso.

Luz Almeida, apesar de tudo, continua a ser sempre o mesmo republicano, que saberá dignamente morrer pela Republica, se ella precisar da sua vida.

bibRIA

Um Episodio

Um dia appareceu-me o Dr. Antonio José de Almeida na redacção da *Vanguarda*, para me prevenir de que se comentavam muito as visitas que os marinheiros me faziam quasi diariamente.

Respondi que a simpatia dos valentes homens do mar por mim vinha do tempo em que eu fundara o *Seculo* e os defendêra com verdadeiro calôr. Retorquiu-me que o elemento official traduzia a assiduidade dos marinheiros por outra forma.

Preguntei qual era essa forma.

Resposta do actual eminente homem do Estado: diz-se que ha um entendimento revolucionario á frente da qual o meu amigo se encontra. Declarei

que havia efectivamente uma organização Carbonaria, mas que eu não tinha o menor empêho em estar envolvido nas combinações que ela tramasse, e pedi-lhe para o pôr em contacto com os bravos marinheiros, ao que ele no seu ardôr republicano, anuiu.

O refôrço da marinhagem deu ao grupo dos Carbonarios, de que Luz Almeida era chefe, um grande impulso.

Um episodio bastará para se aquilatar deste forte nucleo revolucionario. Os Carbonarios reuniam-se em casas diversas, sempre mascarados, de espada em punho. Por esse tempo alguns amigos meus, com ar misterioso, diziam-me: estive ontem contigo na mesma sala, sem nos vêrmos.

Compreende-se que o disfarce era preciso para estabelecer coêsão e disciplina, e tambem por causa do receio que todos tinham de sofrer qualquer denuncia. Alem disto convinha que se supuzesse que certos republicanos de nomeada assistiam sempre aos conciliabulos secretos, o que prestigiava os dirigentes, e estabelecia confiança entre os agremiados.

Tinha-se dado o acontecimento tragico de Cascaes. O grupo carbonario, revolucionariamente agremiado para derrubar a Monarquia, sabedor de que um dos seus membros havia sido denunciado, apurou que certo individuo era traidor.

Obteve-se a certeza de que o carbonario visado havia efectivamente denunciado alguns dos seus

companheiros. Era um *maitre-chanteur*, que á sombra do ideal republicano procurava extorquir dinheiro aos ingenuos, que o supunham leal e honesto.

Um dia pediu com ameaças dois contos de réis a um dos mais dedicados membros do nucleo carbonario. Não podia continuar tal estado de coisas, porque, pelas mesmas razões, de recusa ás constantes exigencias, acabariam por sêr todos denunciados.

Resolveu então o grupo, para evitar futuras complicações, *eliminar* o homem, como dizem os nihilistas russos. Escusado será dizer que fui completamente estranho á resolução tomada, da qual só tive conhecimento pelos jornais, após a consumação do facto.

Convidaram o homem para uma reunião secreta, que se efectuou na Bôca do Inferno, em Cascaes.

Mal supondo o que lhe estava reservado, o denunciante compareceu, tendo sido, depois duma qualquer discussão, lançado ao mar.

O efeito produzido pela publicidade do caso foi extraordinario.

No dia immediato ao da execução o Dr. Antonio José de Almeida appareceu em minha casa, logo de manhã, muito indignado, condenando veementemente o sucedido, dizendo que não queria ter nenhuma especie de relações com assassinos, e que estava resolvido a retirar-se de tudo.

Observei que essa retirada poderia parecer uma cobardia.

Nada o demoveu, chegando até a mandar pedidos de demissão a varios organismos politicos de que era membro.

Procurei imediatamente Machado Santos a fim de lhe narrar o ocorrido e pedir-lhe a sua intervenção calorosa no assunto. Combinámos guardar sigilo, não dar andamento aos pedidos, e evitar que os organismos em questão tivessem dêles conhecimento.

O proprio Dr. Antonio José de Almeida nunca soube qual tinha sido o procedimento de Machado Santos com respeito á sua decisão, que bem pode considerar-se dum espirito idealmente humano.

Este episodio, que caracteriza evidentemente e admiravelmente a psicologia do Dr. Antonio José de Almeida, ficou ignorado, sentindo eu o maior prazer em o trazer a lume, como afirmação eloquente de dignidade humana.

O 5 DE OUTUBRO EM PARIS

A minha propaganda

Na Cité Bergère, um pequeno bairro de hotéis e pensões de familia, existia no n.º 8 o *Hotel Central*, onde me albergára durante o meu exilio no tempo de João Franco. Tornara-se naturalmente

esta pensão o *rendez-vous* dos republicanos, que habitavam ou estavam de passagem em Paris, por essa ocasião. Xavier de Carvalho aparecia-me todas as manhãs, levando-me as notícias de Portugal. Foi o meu melhor colaborador, desde a ditadura de João Franco até á proclamação da Republica, que não soube recompensar-lhe os serviços, como devia e era de justiça. Pelo mesmo motivo, compartilhavam comigo da mesma encantadora hospitalidade francesa, o honrado chefe da Carbonaria, Luz Almeida, e o brilhante escritor Aquilino Ribeiro, o qual aparecia frequentemente a almoçar no restaurant *Grüber*, do Boulevard Poissonniere, com o nosso bravo Leal da Camara, que muito contribuiu para o descredito da monarchia portugueza com a sua admiravel colaboração da *Assiette au Beurre*.

O notavel operador Angelo da Fonseca, o poeta João de Barros, José da Costa Amorim, constituiram como que a guarda avançada deste pelotão.

Mais tarde, quando, por voto do congresso partidario, fui eleito com José Relvas, a fim de prepararmos a atmosfera, para o reconhecimento official da Republica pelas nações estrangeiras, voltei a instalar-me no mesmo hotel, que se tornou um pequeno canto de Portugal, e onde diariamente me avistava com os srs. Alves da Veiga, Angelo da Fonseca, João de Barros, José da Costa Amorim e outros!

Duas fotografias conservo, como recordação desse tempo heroico: uma do grande Antonio José de Almeida, durante a sua permanencia na capital

francesa, e outra dos companheiros a que atrás me refiro e que noutro volume será publicada.

Antes de prosseguir, porém, permitam-me que dê a palavra a Aquilino Ribeiro, testemunha presencial de alguns dos factos ocorridos:

Aquele hotelsinho pacifico, com um ar familiar, quasi provincial, dirigido por uma senhora afavel, era a residencia parisiense de Magalhães Lima, e com este dos marechais republicanos, que vinham até á capital de França esparecer, gosar os regalos de Babilonia, ou conspirar. Um pouco sob o patronato de Xavier de Carvalho, estava-se lá como em casa nossa.

Quando chegámos á *Cité Bergère* o patio, pois que patio é, ainda que limpinho e asseado, regorgitava de automoveis e *fiacres*, como se houvesse ali uma conferencia de Jules Lemaitre sobre os amores de M.^{me} Victor Hugo, ou o Papuss na jaula de vidro. Hasteada no alto da entrada, flutuava a bandeira verde-rubra da Republica nascente. Arvorando aquelas côres, que deviam servir de pretexto a uma verrinenta e arrastada guerra do Alecrim e da Manjerona, o Xavier tivera o golpe de genio. Nestas e noutras, o seu espirito de mexeriqueiro era, por vezes, inspirado. Ou porque em seu cerebro se deflagrasse a scentelha magica da presciencia, ou porque, discipulo de Teofilo Braga, fizesse finca-pé nas côres positivistas, a verdade é que o primeiro movimento daquele *debrouillard* foi mandar coser á mulher dois metros de chita bicolôr, comprados no bazar. E lá flutuava garbosa, livremente, ao vento dos Boulevards, primeiro que em Lisboa e em Freixo de Espada á Cinta.

No hotel, que tinha logo á direita da entrada, no primeiro piso, uma pequena sala de estar, encontrámos Magalhães Lima, assistido de Angelo da Fonseca, no meio de uma roda viva de galfarros. Quem eram? Quem seriam? Os

jornalistas de cem e uma gazetas de França, Italia, Alemanha, as Americas — o orbe todo. Recordo-me de um, tipo de *gentleman*, alto, magro, moreno, quasi latino, que na *Gazeta de Francfort* escreveu:

O Rei D. Manuel perdeu uma magnifica ocasião de nobilitar o fim da Monarquia com uma morte heroica. Os reis no exilio contam mais um figurante, mas não é um Rei autentico.

Magalhães Lima era puxado, tenazado, boleado de mão em mão. Cada um tinha o seu *tuyau* a explorar, e cada um queria saber, sem o dar a entender aos outros, os quês e porquês da revolução, as biografias dos chefes do movimento, a obra de sapa realizada, as fases provaveis do lance. Davam-lhe já o tratamento de *M'sieur le ministre*, que Magalhães Lima, de boa fé, supunha ter grangeado pelo seu nome, o seu prestigio e as suas relações na capital de França. Uma tentativa de sequestro, de parte do *Le Journal*, chegou a esboçar-se contra ele.

A grande imprensa jogava ali uma partida cerrada e nervosa em tórno de um acontecimento de alta sensação. O facto é que os jornaes da tarde e da noite, procedendo como os paleontologos, que de um osso exumado das entranhas da terra constroem todo um animal antediluviano, enchiam, explorando uma noticia de duas linhas as primeiras paginas com a revolução de Portugal!

Se bem estou lembrado, no decorrer daquele mansissimo dia de outubro, a nossa anciedade não foi grande. Sabiamos que a monarquia estalava de decrepitude e que ninguem a defenderia com denôdo. Era uma causa morta para as iniciativas generosas, e tal certeza dava-nos tranquillidade.

No dia 5 confirmou-se o nosso palpito: a revolução, que

se aguentara mais de trinta horas, teria fatalmente que vencer. Nenhum regimen, como nenhum organismo depauperado, resistia a um abalo de tão longa duração.

Nunca o nome de Portugal, como naquele dia, foi tão soprado nos *boulevards*. Nas parangonas das gazetas, nas conversações, nas vozes surpreendidas ao passar, o estribilho era Portugal e sempre Portugal. Recapitulava-se a sua historia, citavam-se as suas belezas naturais, com a mais calorosa simpatia e aprazimento pela revolução. O reconhecimento da Republica poude demorar, mas desde a primeira hora o grande publico francês esteve com ela de alma e coração.

A *Cité Bergère* foi nesses dias a *Legation du Portugal*. Por ali passaram com eriboras e requestos vultos conhecidos na politica e nas letras. Um banqueiro veio oferecer a Magalhães Lima um emprestimo de cinco milhões de francos com promessa, aliás regeitada, de um bom *pot de vin*. Lá vimos, se não nos falha a memoria, o sr. Bensaude, o marquês de Val Flor, o sempre *galantuomo*, José de Arruela, com o seu *stick*, um automovel á porta, que vinha pedir magnanimidade para com o conde de Sousa Rosa.

A imprensa dava á noite a noticia definitiva da proclamação da Republica, alargando-se no relato de feitos heroicos, aquele cabo da marinha que abateu a tiro os dois superiores, o sargento Sangremann que defendeu com seis homens o seu quartel, os sessenta atiradores da Rotunda, os officiaes que se apoderaram dos navios de guerra. Tudo com os nomes deturpados, mutilados, reduzidos a bunda, era homericamente adoravel.

No dia 6 estalou a greve dos Caminhos de Ferro; não vieram mais os cem e um *reporters* à pacata e provinciana *Cité Bergère*; a revolução de Portugal foi relegada a segundo plano. Mas a bandeira verde-rubra lá continuava desfraldada aos ventos gloriosos da cidade; Magalhães Lima começava a ouvir, suspeitoso, dos seus amigos o tratamento de *M'sieur le ministre*.

Como nota interessante a acrescentar ás palavras de Aquilino Ribeiro devo dizer que logo a seguir á proclamação da Republica o ministro monarchico em Paris, Sousa Rosa, me perguntou pelo telefone quando desejava tomar conta da legação. Depois da minha longa propaganda feita em Paris e noutras capitais em favor do reconhecimento official do novo regimen era a pergunta realmente naturalissima. Muitos amigos meus, jornalistas e sociedades literarias, antecipadamente contavam que a minha nomeação para aquele posto se tornasse efectiva.

Não succedeu, porém, assim e não me queixo por isso. Quando o ministro dos estrangeiros do governo provisório me perguntou qual era a legação que eu desejava, logo declarei que só em Paris poderia ser util á Republica pelas minhas relações e pelo prestigio de que gozava na capital francesa. Foi-me oferecido uma embaixada extraordinaria ao Brazil e á Republica Argentina. Declinei a honra por me parecer que era inoportuna, visto a Republica Portuguesa não estar ainda reconhecida por aquelas nações. Depois fui indicado para ocupar a legação de Londres, que não aceitei. E como havia compromissos tomados para Paris a favor de João Chagas, entendi que não devia levantar quaisquer dificuldades ao governo, resolvendo não aceitar outro cargo, em que os meus serviços não responderiam á aspiração de bem servir a minha Patria.

Houve quem comentasse este facto com palavras que extremamente me penhoraram.

A minha resolução foi, porém, inabalavel: não aceitar qualquer outro cargo da Republica, e disso me orgulho para provar a todos que tinha apenas um objectivo em vista: servi-la com consciencia e plena responsabilidade dos meus actos. Assim me tenho conservado e assim espero morrer. E devo esclarecer que os diferentes cargos de deputado, senador e ministro da Instrução Publica os exerci sem deles me aproveitar pecuniariamente, beneficiando com os respectivos honorarios, escolas e estabelecimentos de assistencia.

bibRIA EM PLENA REPUBLICA

Manifestação dos marinheiros

Em 1906 deu-se uma sublevação na armada a bordo do «Vasco da Gama», «D. Carlos» e canhoneira «Tejo». Atribui o movimento a um impulso republicano, que ardia no peito daqueles valerosos servidores do Estado, e filiei este incidente na revolução de 31 de Janeiro, do Porto. Foi um incendio que nunca mais se apagou e que produziu, mais tarde, o glorioso 5 de Outubro.

Os marinheiros que representavam e representam de facto a nossa tradição maritima, coloca-

ram-se desde a primeira hora ao lado dos republicanos. Daí lhes veiu uma perseguição acintosa e permanente por parte dos poderes publicos. Leote do Rego, intrépido comandante do 14 de Maio, fez, pela sua parte, tudo o que poudes em favor dos seus subordinados. Eu, pela minha parte, tomei na imprensa uma defesa calorosa daqueles meus correligionarios, que constituíam a guarda avançada das ideias republicanas em Portugal. Nunca eles esqueceram o facto, e, como era natural, uma vez proclamada a República, entenderam que me deviam manifestar publicamente a sua reconhecida simpatia. Foi isto que originou a manifestação dos marinheiros na minha volta de Paris, e que foi uma consequencia da consagração do povo no meu regresso a Lisboa.

O povo entendeu que me devia honrar com uma das maiores manifestações, que por essa occasião de ardôr republicano se produziram. Nunca esquecerei essa noite admiravel, inolvidavel, para o meu coração de português e de republicano. Alguns milhares de pessoas aguardavam a minha chegada na gare do Rocio. Foi indiscretivel o entusiasmo, que não cessou até ao acto eleitoral em que eu tive o prazer de ser o mais votado para as Constituintes.

Como porém, isto fosse julgado ainda pouco, os amados marinheiros dirigiram-se ao ministro do Interior para lhe comunicar a sua intenção de completar o impulso popular com uma nova manifesta-

ção, que foi logo fixada com grande aprazimento do Dr. Antonio José de Almeida.

Mil e trezentos marinheiros desfilaram deante da minha casa para me oferecerem a primeira bandeira republicana que tinha sido içada a bordo do S. Rafael.

Uma comissão composta de cinco marinheiros subiu a minha casa, e, desdobrando a bandeira, exclamou: «aqui a tem, pertence-lhe de direito.» Pode bem imaginar-se a minha emoção, levada até ás lagrimas.

Na rua os aplausos tocavam as raias do delirio.

Da redacção do «Mundo» havia-se estabelecido um foco electrico para a janela de onde me foi dado agradecer tão enternecedôra prova de solidariedade.

A bandeira, que guardo como um tesouro inestimavel, envolverá o meu cadaver, quando chegar o meu dia final.

E' a unica maneira de corresponder a uma demonstração de tanto carinho.

Mais tarde, aprouve aos valorosos sargentos da armada que foram ao Porto combater a Traulitania, oferecer-me outra bandeira, que conservo com igual enternecimento.

APÓS A VITÓRIA

As primeiras Campanhas contra a Republica

Estava eu em Paris, no ano de 1911, quando João Chagas, nosso ministro naquela Capital, foi chamado a Lisboa pelo Presidente Manuel de Arriaga para organizar govêrno. Era o primeiro ministério constitucional da Republica. Hedeman, o malogrado jornalista, que morreu na guerra, e que dirigia por esse tempo a politica estrangeira do *Matin*, procurou-me um dia para me comunicar que se passavam coisas extraordinarias a respeito da Republica Portuguesa, aconselhando-me a que pedisse uma conferencia ao presidente do ministerio, José Caillaux. Aleguei que era um simples senador, que não tinha autoridade para tanto.

—Mas é um republicano, e isso basta, como bilhete de admissão.

Segui o dedicado conselho, e Caillaux marcou-me logo para o dia seguinte, ás 9 horas da manhã, uma conferencia no ministério do Interior. Ao chegar á porta do gabinete, o continuo, olhando para um papel, não me preguntando quem eu era, abriu-me a porta e entrei. Caillaux, que é um homem nervoso e agitado, levantando os braços, increpou-me com esta exclamação:—então não sabe o que se passa?! Paris é hoje o centro da diplo-

macia internacional. O seu ministro partiu sem me avisar, e sem me deixar uma cifra!

Mostrei-me ignorante dos factos. Ele então informou-me de que se projectava um grande empréstimo, garantido por três testas coroadas, para derubar a nascente Republica.

Interrompi, dizendo que as três testas coroadas deviam ser as da Alemanha, da Austria e da Espanha.

— Não me obrigue a ir mais longe do que posso e devo, obtemperou.

E então acrescentou que no palacio do principe regente da Baviera, em Munich, se tinham efectuado reuniões com aquêle fim.

Aconselhou-me a visitar o snr. Selves, ministro dos estrangeiros. Disse-lhe que a sua influencia era poderosa nos meios financeiros de Paris, e que a sua intervenção anularia prontamente todas as manobras.

— Quem diz ao snr. que eu já não tenha feito alguma coisa? interrompeu. Mas é indispensavel que os senhores tambem se mecham.

Confesso que a noticia me sobresaltou.

Resolvi com o meu amigo Fabra Ribas ir á Camara dos Deputados narrar o occorrido ao grande tribuno Jaurés. Ele, que estava para falar nêsse dia, acudiu logo ao nosso chamamento. Ouviu com toda a atenção o que se havia passado com Caillaux, e, com a sua bondade habitual, tranquilizou-me com as seguintes palavras:

— Como sabe, eu fui á America e disponho de

alguns recursos; vou levantar uma campanha na *Humanité*, denunciando os factos e para maior segurança mandaria um redactor a Munich.

Agradei-lhe comovidamente o valioso interesse que mostrava pela Republica Portuguesa. No dia seguinte a *Humanité*, pela pena de Fabra Ribas, que se ocupava de assuntos estrangeiros, encetava a campanha, ao mesmo tempo que Caillaux, pelo seu lado, vigiava a Bolsa para evitar o emprestimo.

Por esta ocasião davam-se as incursões na fronteira espanhola. Podémos averiguar que um jornalista austriaco, residente em Paris, tinha vindo conferenciar com os incursionistas, trazendo-lhes dinheiro. Acusamo-lo publicamente, o que deu logar a um processo intentado contra a *Humanité*. A pesar da pressão exercida sobre o tribunal a razão triunfou e o jornal foi absolvido. A campanha durou meses. Não deixarei de apoveitar a ocasião para prestar agradecida homenagem a dois grandes amigos de Portugal, um que se chamou Jaurés, e outro que se chama Fabra Ribas. Se não fosse tambem a intervenção de Hedeman, o primeiro a mover Caillaux a nosso favor, e a anuencia dêste em defender desinteressadamente os nossos legítimos direitos, nem presumo o que teria sucedido.

Mandei, pelo Visconde de S. Luis de Braga, por esse tempo em Paris, um relatório circunstanciado da ocorrência a João Chagas, declarando que a minha intervenção tinha sido officiosa e não official, por isso me não havia dirigido á Legação, elu-

cidando-a, que, apesar da minha relutancia, o meu patriotismo me impuzera a obrigação moral de intervir.

Considero este facto, que um feliz acaso me proporcionou, e a minha ida a Londres com José Relvas, antes da proclamação da Republica, os dois acontecimentos culminantes da propaganda que fiz no estrangeiro.

O 14 de Maio

Nunca pensei em ser membro de um governo republicano. Quando se deu o movimento de 14 de Maio contra a ditadura do general Pimenta de Castro foi lembrado o meu nome das janelas do Municipio para entrar no ministerio. A minha atenção firme foi recusar através de tudo.

Um grupo de marinheiros que foi a minha casa intimou-me a entrar no governo.—Se não quizer ir por seu pé, terá de ir em maca, exclamou um deles. Apesar disso, insisti na minha recusa. Deu-se porém, um facto, nessa mesma noite, que me obrigou a reconsiderar. O deputado João de Freitas atentára, no Entroncamento, contra a vida de João Chagas, indicado para presidente do ministério.

Entendi que em tais circumstancias não devia mantêr a primeira resolução. A situação era delicadissima. Uma esquadilha espanhola tinha entrado a barra, não com intenções pacificas, mas, ao contrario, hostis.

Faltava escolher o ministro dos estrangeiros. Lembrei-me do grande amigo Teixeira de Queiroz. Alguns políticos duvidavam que ele aceitasse. Pedi então a Sá Cardoso e Antonio Maria da Silva para



RECORDAÇÃO SAUDOSA DE CELSO HERMINIO

me acompanharem a casa do ilustre escritor e fomos. Coube-me fazer a exposição do que se passava:—«é preciso, meu querido amigo, que hoje até á meia noite se possa dizer que ha governo em Portugal.» E expliquei o perigo que corriamos com a possivel intervenção de nações estrangeiras.

Teixeira de Queiroz, que sobre ser um notavel escritor, era tambem um patriota ardente, estendeu-me a mão e disse-me:—«noutra qualquer ocasião ter-me-ia recusado terminantemente a aceitar a missão com que pretendem honrar-me; no momento presente, e dada a gravidade da situação, fico incondicionalmente ás vossas ordens.»

Os meus companheiros, que duvidavam do exito da missão, ficaram satisfeitissimos; fômos dali para o ministerio e démos o governo por constituido.

Antes da revolução, acompanhado pelo brilhantissimo republicano Antonio José de Almeida, fizemos juntos todas as diligencias para que Pimenta de Castro modificasse a sua opinião e consentisse na abertura do Parlamento.—«Permito, exclamou o general, que o Parlamento reabra, mas não o deixarei funcionar.» Disse-lhe que não fazia sentido deixa-lo abrir e não o deixar funcionar. Ao que ele me respondeu que queria por aquele modo velar pela existencia dos seus adversarios, porque estava convencido que se o Parlamento funcionasse não podia evitar a explosão de alguma bomba em plena camara. Foi principalmente este proceder que deu origem á reunião parlamentar do «Palacio do Mitra» e depois á revolução, que se tornára inevitavel.

A minha rapida passagem pelo ministerio da Instrução não me deixou saudades. Um governo saído duma revolução pertence aos revolucionarios e não aos ministros. Chegaram a propôr-me demissões e transferencias de professores, ao que eu me

opuz terminantemente, respondendo que não exerceria qualquer violência, ou qualquer pressão, sem primeiro ouvir os acusados.

Um dos assuntos, que me preocupara como ministro, era a adjudicação ao distinto architecto Adães Bermudes da erecção do monumento ao Marquez de Pombal. A sua proposta era a unica que estava dentro das condições do programa. Como houvesse uma outra proposta do architecto Alves de Sousa, do Porto, levantou-se um grande protesto na imprensa contra a primeira. Entre os ministros, que fazlam parte do governo de 14 de Maio, figuravam alguns, a principiar pelo presidente, Dr. José de Castro, que tinham assinado o referido protesto. O decreto, que cheguei a elaborar, tornar-se-ia a origem duma crise ministerial, o que seria altamente inconveniente nas vespervas duma eleição legislativa. Convenci-me de que ha uma grande diferença entre as ideias que prégamos na opposição e a realidade ministerial. Preferi pois e prefiro continuar na opposição, na pureza do meu ideal e na elevação do meu espirito.

O ministerio do 14 de Maio era composto por republicanos, patriotas desinteressados, como os drs. José de Castro, Paulo Falcão, Teixeira de Queiroz, Fernandes Costa, Manuel Monteiro, Barros Queiroz e o valoroso e honrado official de marinha, o dr. José Jorge Pereira.

DEZEMBRISMO

Aquela noite!

Quando em Paris tive conhecimento da vitória de Sidónio Pais, logo fiz tenção de me precavêr contra futuros ataques.

E assim, ao chegar a Lisboa, resolvi não ir para minha casa, mas sim para o «Hotel Francfort», onde permaneci durante quasi um ano. Não me arrependi desta decisão por me convencer de que a dar-se um atentado, mais facilmente me assassina-riam em casa do que no hotel.

Aquela noite foi verdadeiramente tragica. Alvaro de Castro, que tinha adoptado o processo de andar a monte, mandara-me dizer por um amigo comum, Kemp Serrão, que um revolucionario nunca se deve deixar prender. Eram onze horas e meia da noite. Preguntei ao mensageiro o que é que me poderia suceder.

— Podem-me matar? acrescentei.

— Pois é isso mesmo o que o Alvaro receia.

Ponderei que era tarde para mudar de processos e que aceitaria as consequencias da minha conduta.

— Fará o que entender, replicou.

Com efeito, ás duas e meia da madrugada al-guem batia violentamente á porta do meu quarto.

— Abra em nome da lei, gritaram de fóra.

Apesar de me sentir seriamente doente com uma

infecção, abri a porta para dar entrada ás feras. Um aluno da Escola de Guerra avançou para mim na intenção de me agredir.

— Não se bate num preso, exclamou o chefe do bando.

Enquanto me vestia, muito á pressa, um dos agentes policiaes segredava-me :

— Não se deixe conduzir a pé pelo Chiado.

— Isso é bom de dizer, respondi eu. A esta hora não ha já automoveis no Rossio.

— Eu me encarregarei de o arranjar, se me dá licença, volveu o mesmo agente.

E em poucos minutos trazia o carro que me devia conduzir ao Governo Civil, onde êles tomaram logar com os canos das espingardas voltados para fóra, para contêr o publico no devido respeito.

Sidónio Pais havia sido assassinado poucas horas antes. A minha prisão filiava-se na suspeita de que a Maçonaria tivesse contribuido para o emocionante acontecimento, o que era redondamente falso, como depois se provou.

Eu fui especialmente visado como chefe da Maçonaria. Ao entrar no Governo Civil vi canos de espingardas apontados para mim. O comandante da policia levantava os braços como quem procurava acalmar a excitação geral.

Esprei duas horas no gabinete do mesmo comandante a fim de ser examinado pelos medicos, que alvitram a minha ida para uma enfermaria, dado o meu estado de saude. Estou convencido de

que se tivesse sido obrigado a entrar num calaboiço, teria sido assassinado naquela mesma noite.

Ao cabo de uma longa espera veio buscar-me um tenente, chamado Vinagre, que meteu o braço no meu, de revolver em punho. Atravessei o longo corredor no meio de imprecações e doestos.

— Nada receie, dizia-me o bravo tenente; se o alvejarem, morreremos ambos.

Cheguei á enfermaria do Governo Civil são e salvo, o que não impediu que se dessem varios episodios durante a minha estada ali. Uma noite fui sobresaltado por uma gritaria infernal que se produzira na rua. — Queremos a cabeça de Magalhães Lima, gritava ferozmente a alfurja, que do subterraneo tinha vindo á rua. Esperava resignadamente o linchamento porque não haveria dique possivel para opôr áquela vaga.

Um desconhecido assomou bruscamente á varanda e gritou :

— Magalhães Lima já não está aqui.

Foi um banho de duche. No meio da confusão preguntavam alguns alucinados :

— Onde estará, onde estará ?

— Talvez nos Paulistas, conclamavam varios.

Neste intermedio chegou a cavalaria da guarda republicana, e pôs ponto á furia dos canibais.

Depois de ter feito o meu depoimento-protesto contra aquella brutalidade, que nada justificava, visto que contra a minha pessôa nem sequer fôra instaurado processo, fui conduzido uma noite num

Carro da Cruz Vermelha para o Hospital de S. José, acompanhado pelo mesmo tenente Vinagre e pelo medico Dr. Manuel Bravo.

Ali me conservei durante cêrca de quarenta dias, sem sêr interrogado sequer!

O intuito era manifesto: ferir a maçonaria no seu chefe, por uma falsa suspeita arranjada adrede para esse fim. Foi uma infamia inqualificavel.

Ainda no Hospital, onde á entrada o director, snr. Dr. Lobo Alves, me tinha afirmado que aquele quarto fôra mandado reservar para mim pelo Presidente da Republica, se deu um episodio que caracteriza bem a selvageria dos peles vermelhas, meus assaltantes. Eu estava incomunicavel, ao contrario dos outros meus companheiros: Antonio Maria da Silva, Homem Cristo, Germano Martins, Beja da Silva, que gozavam a permissão de receber visitas. A policia rendia-se de quarto em quarto de hora. Uma noite um dos agentes de revolver á cinta e carabina a tiracolo entrou no meu quarto bruscamente, abriu a janela revelando o seu intuito de me agredir.—O senhor não pode entrar no meu quarto nem abrir a janela, disse, ao que êle retorquiu:

—Descanse. Vim hoje aqui para liquidar as minhas contas com o senhor.

Homem Cristo, que passeava no corredor, ouviu estas palavras, deu o grito de alarme e correu ao telefone a participar o caso para o Governo Civil. Os empregados acorreram com receio; o po-

licia foi substituído e eu escapei dum assassinio premeditado.

O dr. Germano Martins estava num quarto particular do primeiro andar. Com uma gentileza que nunca esquecerei cedeu-mo, por estar mais perto dos empregados e com o fim de evitar mais tentativas. Foi ali que eu uma madrugada recebi a noticia da morte do infatigavel republicano Augusto José Vieira que tanto e tão radicalmente trabalhou em vida pela liberdade de consciencia.

Veio depois Monsanto e a restauração da Republica.

Os meus companheiros ja tinham sido postos em liberdade e eu continuava ainda incomunicavel.

O povo não esquece nunca os seus amigos. Um dia fui surpreendido pela marcha sobre o Hospital de milhares de pessoas á frente das quais se encontrava o dr. Lopes de Oliveira, que intimou o director [a pôr-me imediatamente em liberdade, sob pena da multidão o fazer, se êle a isso se opuzesse. O policia que me guardava fugiu. E o dr. Lopes de Oliveira declarou-me que estava livre em nome do povo. Assim se operou a minha libertação.

Cabe-me aqui fazer um comentario ao tôrpe e abusivo procedimento havido para comigo. E' certo que fui um dia procurado no Hotel por José Julio Costa, que se inculcava um velho republicano alen-

tejano. Estava eu de cama e disse-lhe que o não podia atender por me encontrar bastante doente. Muito nervoso, ele aceitou as minhas razões a chorar, e beijando-me depois a mão, exclamou:

—O senhor é o homem mais honrado de Portugal.

Não compreendi bem a sua agitação, nem aquela amavel exclamativa.

Algumas outras vezes me procurou ainda, sendo eu obrigado a recusar a sua visita pelo meu estado de saúde. Apenas uma vez o vi por conseguinte. Quando entrei na prisão o comandante da policia perguntou-me se eu sabia porque estava preso. Respondi-lhe que o ignorava absolutamente. Ele então mostrou-me um retrato de José Julio da Costa e acrescentou: «dizem que o assassino é *maçon* e daí a geral indignação contra o senhor como grão mestre da maçonaria.»

Expliquei então que me recordava de ter visto uma vez aquele individuo, que não ousara sequer revelar-me a mais leve intenção criminosa, que eu teria logo repellido naturalmente; que êle não era *maçon* e por isso mesmo era indignidade o que se estava praticando, e que não podia obedecer senão a instintos acintosos e perversos. Acrescentou o comandante que eu nada tinha a recear: que a minha prisão era meramente preventiva, a fim de defender a minha vida contra quaesquer ataques imprevistos. O proprio José Julio da Costa escreveu uma carta a pessoa amiga em que dizia, pouco mais ou me-

nos, o seguinte: «Tenho sofrido tudo; quizeram-me matar pela sêde; atiraram-me dois tiros á queimadura e tudo tenho suportado resignadamente. O que não posso nem poderei nunca suportar, e o que mais me custa é que o sr. Magalhães Lima, que eu considero um santo, esteja a sofrer por minha causa».

Quando o sidonismo não tivesse outras vergonhas a mancha-lo, tem certamente esta da minha prisão como um estigma do que nunca poderá ilibar-se.

*

Fui na mesma noite da minha prisão mandado para a enfermaria do Governo Civil, como já disse. A policia vigiava-me de perto, como se fosse um bandido famoso. O comandante da policia visitava-me quasi todas as madrugadas e era êle quem me comunicava as noticias do dia, por não me ser permitido lêr jornais. Numa dessas noites de grande algazarra na rua, o dr. Germano Martins, que fôra agredido á entrada do Govêrno Civil, penetrou na enfermaria com uma contusão na cabeça. Avistamo-nos de longe, por estarmos em extremos opostos, com um olhar significativo de quem muito se quere.

O comandante comunicou-me uma noite que eu teria de seguir para o Hospital de São José no dia immediato. Protestei que não partiria sem deixar as minhas declarações escriptas. Retorquiou-me que não

era preciso visto que a minha prisão era meramente preventiva, e eu não tinha processo instaurado.

— Pouco importa, acrescentei, o que se torna indispensavel é que eu deixe o meu depoimento escrito antes de partir.

— Se assim o deseja, volveu, mandar-lhe-ei amanhã o escrivão e o ajudante para esse fim.

Efectivamente, no dia seguinte, veio o chefe Tinoco para reduzir a auto as minhas declarações, que foram formais e categoricas.

Durante os trinta e tantos dias que estive no Hospital de São José ninguém me interrogou, porque o não podia fazer, visto não haver base juridica para isso. De modo que me encontrei simplesmente á mercê duma policia selvagem, e do carinho inexcédível do illustre medico dr. Moreira Junior, a quem não serei suficientemente agradecido, e dos meus enfermeiros, que mais me trataram como um doente comum do que como um preso politico.

Apesar de todas as precauções eu poderia evadir-me, se tivesse querido. Não o fiz para que não pudessem considerar-me de alguma maneira cúmplice e ainda para demonstrar aos canibais, meus perseguidores, que não receava as suas arremetidas. Esperei, tranquilamente, a hora da justiça. A hora chegou, e ao povo a devo. Tinha a certeza de que através das amarguras que sofri o momento de resgate não podia falhar. Era uma questão de tempo.

Tal é a minha confiança na justiça. E essa confiança mantêm-se no meu espirito com a mesma intensidade. Pela justiça e pela verdade me tenho sacrificado, por elas continuarei a sacrificar-me, e delas espero a reparação para todas as malsinações, para todas as violencias e para todas as iniquidades.

Com quanto todos estivessem convencidos da minha inocencia, a principiar pelo presidente do ministerio, a autoridade permitia diariamente a affixação de cartazes nas esquinas das ruas, apontando-me como criminoso, mandados colocar pelos inimigos da Maçonaria, ao mesmo tempo que me afirmava nada ter a recear. É uma singular maneira de mantêr a ordem publica. Mas isto deu-se em pleno sidonismo, sem embargo do proposito em contrario, que apregoavam os seus sectarios.

Esse periodo barbaro e cruel parece ter esquecido a muitos. A historia, porém, não deixará de o apreciar como deve, e isso bastará a uma das suas vítimas como a mais completa desafronta.

Tambem por ocasião do regicidio, estando eu exilado em Paris, me foram atribuidos intuitos, que estiveram bem longe do meu espirito. E assim como Rocha Martins, com invulgar imparcialidade, se encarregou de me desforçar contra as calunias que o sidonismo havia arremessado sobre a minha pessôa, assim tambem o meu velho condiscipulo, João Franco, por ocasião da celebração das bôdas de oiro do nosso curso, aproveitou o ensejo para declarar espontaneamente com a autoridade que

lhe assistia como antigo presidente do ministerio, referindo-se á morte de D. Carlos, que eu não tinha as mãos tintas no sangue do regicidio.

A justiça, embora tardia, chega sempre.

Monsanto

A escalada de Monsanto ficou com uma data historica e para mim superior á propria proclamação da Republica. Mal imaginava o ministro do interior daquela época que o seu apêlo para a reunião de voluntarios no Campo Pequeno havia de obtêr um enorme exito, superior a toda a espectativa! Foi esse resultado que fez arripiar caminho a muitos pseudo-republicanos, que tinham como certa a restauração da monarchia. A traulitania do Porto foi uma reedição de actos inquisitoriais, que enodoam a historia. A mocidade acorreu alarmada a inscrevêr-se no batalhão dos voluntarios da Republica. Quem presenciou esses factos deve estar bem convencido de que a monarchia não poderá voltar a Portugal. Seria provocar a guerra civil. O que se passou então repetir-se-ha, se alguém ousar renovar o criminoso intento.

Se o miguelismo tivesse sido proclamado de certo teria fracassado. Porque vive a Republica? Porque está na corrente do espirito moderno, e esse espirito é invencivel.

Monsanto foi a afirmação dessa corrente que ninguem tem o poder de contrariar. Infelizmente

os republicanos não aproveitaram, como deviam, o supremo esforço do povo português, e continuamos na mesma. A questão não está em mudar de homens: está em mudar de processos. Em quanto subsistirem os processos actuaes do arbitrio, e da falta de respeito á constituição, não haverá alteração sensível no modo de sêr da politica portuguesa.

Estava preso no hospital de S. José quando foram libertados varios companheiros meus. Eu, porém, apesar de tudo, continuava na mesma incomunicabilidade. Esse facto indignou o povo republicano, que, como já disse, impoz a minha libertação. Algumas vezes me aconselharam a fuga. Os agentes policiaes, armados de carabina e revolver, todas as noites verificavam se haveria alguma corda na minha janela por onde me pudesse escapar. A todos afirmei que escusavam de ter receio, que não fugiria. Eles, porém, levaram o seu escrupulo até ao ponto de examinarem minuciosamente a roupa lavada, destinada ao meu uso. Era vigiado como se fosse um facinora.

Coisa singular! Ao passo que isto se dava no hospital, no Governo Civil nunca mais quizeram saber da minha pessoa, dizendo que a minha prisão era apenas preventiva para evitar que me matassem, mas deixando afixar diariamente *placards* cheios de falsidades, injurias e calunias contra o chefe da Maçonaria. O que não puderam foi esmagar a verdade e por isso me deixaram quarenta e tantos

dias sob a mais rigorosa vigilância, sem uma pergunta, sem um interrogatorio! E' certo que não havia processo instaurado contra mim. Mas também não é menos certo que se exerceu na minha pessoa uma infamia, e uma violencia atentatoria das leis e da liberdade individual. Onde está, porêm, a compensação a uma vilania desta ordem?! As homenagens que depois me prestaram não apagaram no meu espirito a hediondez da-quele crime.

São as injustiças e as crueldades sociais, que geram os revolucionarios. Pensei nas centenas de martires que pagaram com o carcere, com a fogueira, o crime de pensarem livremente, e isso de alguma maneira atenuou as minhas amarguras. Outros sofreram tanto ou mais do que tu, dizia eu de mim para comigo, e encontrava nesta frase um incentivo para a conformidade.

Como é que um homem com o passado tão claro podia encontrar-se isolado numa situação semelhante, sem uma defesa energica por parte dos seus antigos companheiros, sem o testemunho sequer duma aparente solidariedade, por parte, ao menos daquêles a quem o ligavam laços de confraternidade associativa. Encontrei-me só, desamparado, e, então, mais do que nunca, pude avaliar o que representa o martirio politico, e o desabar das nossas mais formosas illusões!

E' certo que depois da minha libertação todos saudaram o bemfeitor que ressurgia, mas esse culto

tardio não apagou o resentimento justo e profundo que se produziu na minha alma.

Foi bárbaro o que se passou comigo. A minha casa foi iuvadida por verdadeiros *peles vermelhas* que a saquearam impunemente, roubando-me, e inutilizando-me não só os objectos do meu uso, senão também lembranças de estimação, que não se substituem. Foi uma verdadeira scena de canibalismo! Nunca é demais que o repita.

Ai das vitimas! Eu era o Magalhães Lima crucificado! Quando ressurgi, voltaram os amigos, os que na adversidade me tinham esquecido!

Os Persas adoravam o sol quando estava no Zenite e apedrejavam-no quando desaparecia no Crepusculo. Os idolos só são idolos em quanto se necessita d'elles e se lhes não veem os pés de barro.

DECLARAÇÃO INDISPENSÁVEL

Não vão pensar os leitores dêste primeiro volume que se trata de uma obra de vaidade pessoal.

Nem o meu feitio, nem o meu temperamento o consentiriam. Todos os que me conhecem me farão a devida justiça. Se me vi obrigado, com repugnancia, a pôr-me em fóco, foi porque os acontecimentos mo impozeram. O meu intuito foi deixar subsidios para a historia do partido republicano. Entre os muitos factos que cito, alguns contribuirão certamente para mantêr viva a tradição republicana,

que é preciso não deixar amortecer. Entre os novos ha muitos que a desconhecem. E eu penso que para mantêr o espirito republicano se torna indispensavel propaga-lo. Creio mesmo que uma das causas que mais tem concorrido para o afrouxamento dêsse espirito é precisamente a ignorancia do passado. Não ha duvida que o presente é mais suggestivo, quando realmente se impõe por um ideal de beleza. Mas o passado é ensinamento, que não se pode pôr de parte, sob pena de destruímos a propria obra. Assim pois, o que principalmente me inspirou na publicação destas memorias foi tornar conhecida a dedicação dos semeadores, sem os quais nunca teria havido colheita possível.

O facto de publicar algumas caricaturas do afamado Rafael Bordalo Pinheiro, e de outros artistas de nomeada, representa não só uma homenagem devida a quem tanto trabalhou para o exito da causa republicana, senão tambem um traço de historia contemporanea. Não é inutil saber-se o que fizeram certos homens, ligados pelo mesmo pensamento, durante cincoenta e tantos anos, a favor duma idéa imorredoura.

Cruz Magalhães

Para a coordenação destas notas muito contribuiu o meu velho e queridissimo amigo, Artur Cruz Magalhães. Devo-lhe um reconhecimento publico.

Não encontrei em vida alma mais pura e mais-altruísta do que a sua. A doação do *Museu Rafael*



CRUZ MAGALHÃES

Bordalo Pinheiro ao município de Lisboa, provou a sua rara isenção, colocando a sua admirável personalidade entre os bemfeitores da nossa terra.

INDICE

ASSUNTOS PRÉVIOS

	Pag.
I—A Magna Carta.....	11
II—Glória ao Mestre.....	15
III—Hoje como ontem, amanhã como sempre — Coe- rência.....	25
IV—Os Fieis.....	29
V—A minha origem brasileira e sua influencia na mi- nha vida.....	33
VI—O Meu Idealismo.....	41
VII—Os Precursores.....	47

PARTE PRIMEIRA.

PRIMEIROS TOQUES DE CLARIM

I—Recordações da Infancia.....	67
II—Os Pescadores.....	75

	Pag.
III—Tricanas	81
IV—Na Invicta.....	85
V—Vida Universitaria.....	95
VI—Primeiras Viagens	105

PARTE SEGUNDA

EM PLENA CAMPANHA

I—Camaradagem Literaria.....	109
II—Integrado nos meus deveres politicos e sociais... ..	123
III—Entrada definitiva no jornalismo — «O Seculo» — O tricentenario de Camões.....	133
IV—O Comicio dos Recreios—Conferências Agitadas	149
V—Tratado de Lourenço Marques.....	157
VI—A minha defeza por José Dias Ferreira.....	165
VII—O «Ultimatum».....	171
VIII—Julgamento de Afonso Costa.....	181
IX—Homenagem a Fernandes Tomás.....	191
X—Centenarios.....	195
XI—«Folha do Povo» e «Vanguarda».....	211
XII—Uma grande pagina da Republica.....	221
XIII—Consagração.....	231

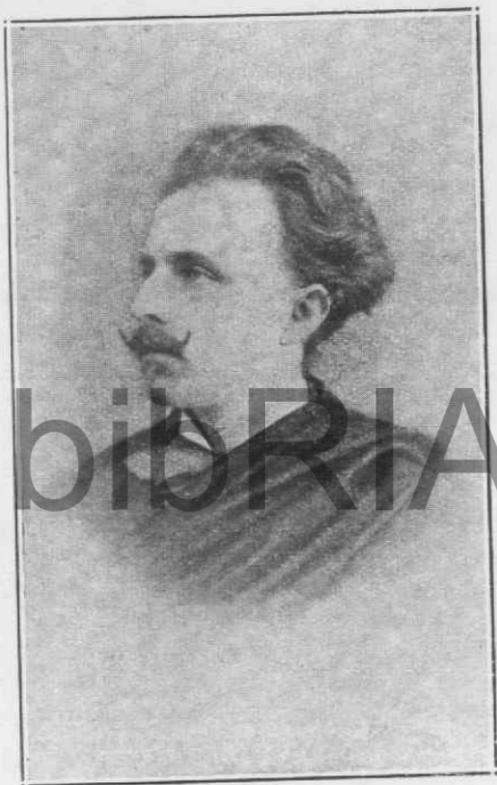
PARTE TERCEIRA

EMFIM!

A minha propaganda dos velhos tempos	239
Antecedentes da Revolução	265

	Pag.
O 5 de Outubro em Paris.....	300
Em plena Republica.....	309
Após a Vitoria.....	306
Dezembrismo.....	316
Declaração indispensavel.....	328

bibRIA



MAGALHÃES LIMA

Nos tempos acadêmicos



MAGALHÃES LIMA

N' O Seculo

A ALVORADA DA REPUBLICA



Da esquerda para a direita, de pé : Silva Lisboa, Manoel d'Arriaga, Sebastião de Magalhães Lima, Dr. Consiglieri Pedroso.
Sentados : Dr. Alves da Veiga e Emygdio d'Oliveira (*Spada*).



No tempo do Governo Provisorio: Magalhães Lima em casa do Dr. Bernardino Machado, ministro dos Negocios Estrangeiros.



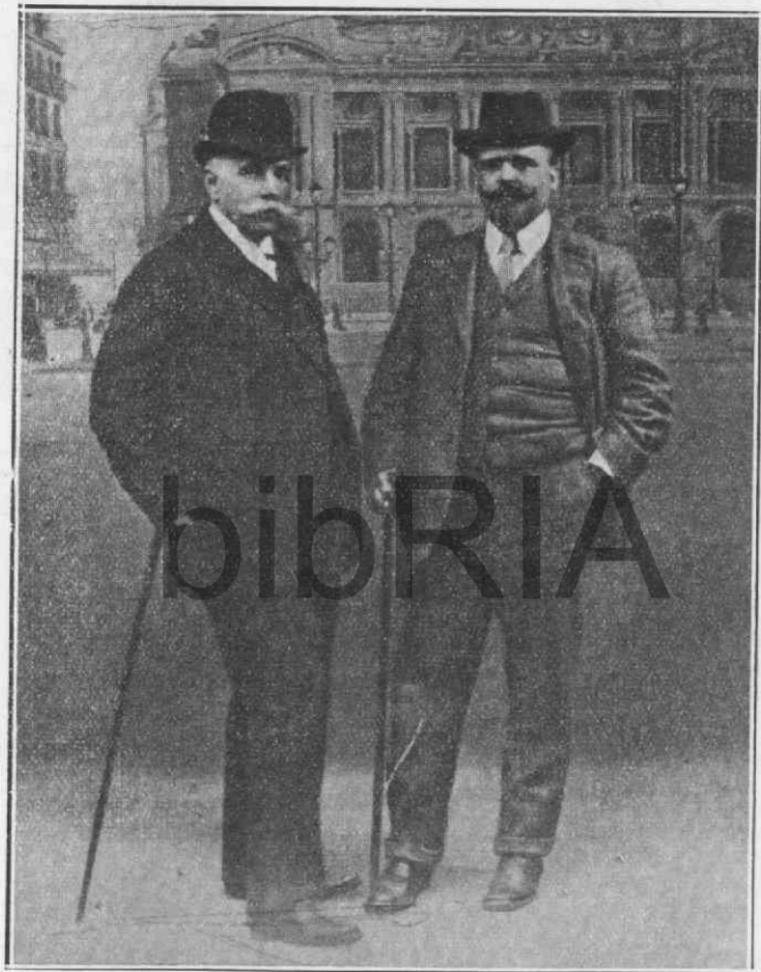
MAGALHÃES LIMA COM MANUEL D'ARRIAGA

Os dois pregadores



MACHADO SANTOS

O heroico e glorioso propulsor da Republica



EM PARIS - Magalhães Lima com o Dr. Antonio José de Almeida



A comissão representante de 1300 marinheiros que numa memorável noite foi a casa de Magalhães Lima entregar a primeira bandeira republicana arvorada a bordo do S. Rafael.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E
IMPRESSO NA OFICINA «OTTOS-
GRAFICA», CONDE BARÃO, CIN-
: : COENTA — LISBOA : :

DO MESMO AUTOR

- Miniaturas Românticas
A Senhora Viscondessa (romance)
Costumes Madrilenos
A Questão do Banco Nacional Ultramarino
A Actualidade (estudo economico social)
Padres e Reis
O Papa perante o Seculo
Os Estados Unidos da Europa (trad.)
A Revolta (1.^a parte)
A Revolta (2.^a parte)
Pela Patria e pela Republica
O Socialismo na Europa
O Livro da Paz
O Primeiro de Maio
A Federação Iberica (edição franceza)
Paz e Arbitragem
O Centenario no Estrangeiro (conferencia)
A Guerra e a Paz (conferencia)
A Obra Internacional (edição portuguesa e franceza)
O Congresso de Roma (conferencia)
Livre Pensamento (conferencia realisada no Porto)
O Portugal Republicano (edição franceza)
O Portugal Livre Pensador (conferencia realisada na *Casa do Povo* de Lausanne)
O Livre Pensamento Internacional (conferencia realisada no *Ateneu* de Madrid)
A Sciencia do Internacionalismo (conferencia realisada na *Associação dos Jornalistas* de Madrid)
Vida Internacional (conferencia realisada no *Teatro da Republica*)

A PUBLICAR:

- Episodios da Minha Vida
As Minhas Viagens (com as efemerides coligidas por Alvaro Neves)
Os Meus Amores (sobre documentos)